

REVISTA

DA SEMANA

N. 20 19-5-56 Cr\$ 7.00 em todo Brasil

FALA RAUL PILLA:

**PARLAMENTARISMO, SÓ COM
O EXÉRCITO NAS MÃOS!**

NOVAS FOTOS DE CARLOS LACERDA NOS ESTADOS UNIDOS





Música para a Juventude

José Siqueira

JOSE SIQUEIRA, compositor e regente, é o autor de «MÚSICA PARA A JUVENTUDE», obra destinada à mocidade que ele ama e à qual tão bons serviços prestou, criando, quando presidente da Orquestra Sinfônica Brasileira, os CONCERTOS DOMINICAIS PARA A JUVENTUDE. Dispondo de segura experiência didática, com livros publicados («Regras de Harmonia», «Canto Dado em XIV Lições», «Curso de Instrumentação», «Modulação Passageiras», «Sistema Trimodal Brasileiro»). Siqueira traça, neste livro, um programa de ensino, palpitante, do qual se beneficiarão quantos tiverem a oportunidade de o ler. «MÚSICA PARA A JUVENTUDE» está dividido em quatro partes referentes às séries ginasiais: Teoria Musical, Canto Orfeônico, Música e Músicos Brasileiros, Contraponto, Harmonia, Grandes Épocas da História da Música, Escolas Musicais, Folclore Brasileiro, Prosódia Musical, Formas Musicais, Instrumentação, Orquestração e Banda de Música. Ilustrado com fotografias e exemplos musicais, é um trabalho definitivo na forma e no conteúdo que vem preencher uma lacuna no ensino.

★

Preço dos 4 volumes pelo reembolso postal:
Cr\$ 250,00

Pedidos a Rosa Paula Machado

Avenida Nilo Peçanha nº 12, salas 1207 e 1209, 12º andar — Telefone: 52-4856 — RIO DE JANEIRO

Ano 56 — N° 20 — Rio de Janeiro — 19-5-1956

REDATOR-CHEFE — Celestino Silveira

ASSISTENTE — José Roberto Teixeira Leite

PAGINADOR — Victor Tapajós

COLABORADORES — Bolivar Costa, Demóstenes Varela, Eduardo Tourinho, Eneida, Fernando Lôbo, Fortuna, Hélio Abreu, Hynenny Gomes Ferreira, Jeff Thomas, José Maria Rodrigues, Sérgio Silveira, W. Guarnieri.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Jeronymo Ribeiro, Marius, Maria Tereza, Ramón.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, Newton Viana, Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

♦ REPORTAGENS

Parlamentarismo só com o Exército na mão	4/7
Antônio Botto, o Amor e a Enfermidade	13/20
Carlos Lacerda nos Estados Unidos	23/31
Penitenciária de Bangu — Prisão sem Grades	32/39
E' Muito Difícil Caricaturar a Beleza	46/47
O Casamento Secreto de Cécile Aubry	48/49
O Casamento de Colé	53

♦ SEÇÕES

Semana em Revista	3/9
Itinerário do Brasil	10
Figura em Foco (Manuel Bandeira)	11
Por Esse Mundo de Deus	16/17
Flash Paulista	21
Música	22
Pelas Esquinas da Noite	23
Palavras Cruzadas	25
TV na Revista	27
Astrológica	40
Literatura	41
Revista há 50 Anos	44
Puxe pelo Cérebro	45
Conversa de Mulher	54/55
Grand Monde	56/57
Artes	58
Último Flash	62

♦ HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------	-------

♦ LITERATURA

Agência de Casamentos (Eneida)	3
O Pai (M. Sokholov)	12/13
O Corcunda de Verona	51

♦ VARIEDADES

Automatismo: Homem versus Máquina	14/15
Horas de Desespêro	24/25
Que é um Católico?	42/43

♦ CAPA

LORI NELSON (Kodachrome da Paramount)

Este número consta de 64 páginas.



AGÊNCIA DE CASAMENTOS

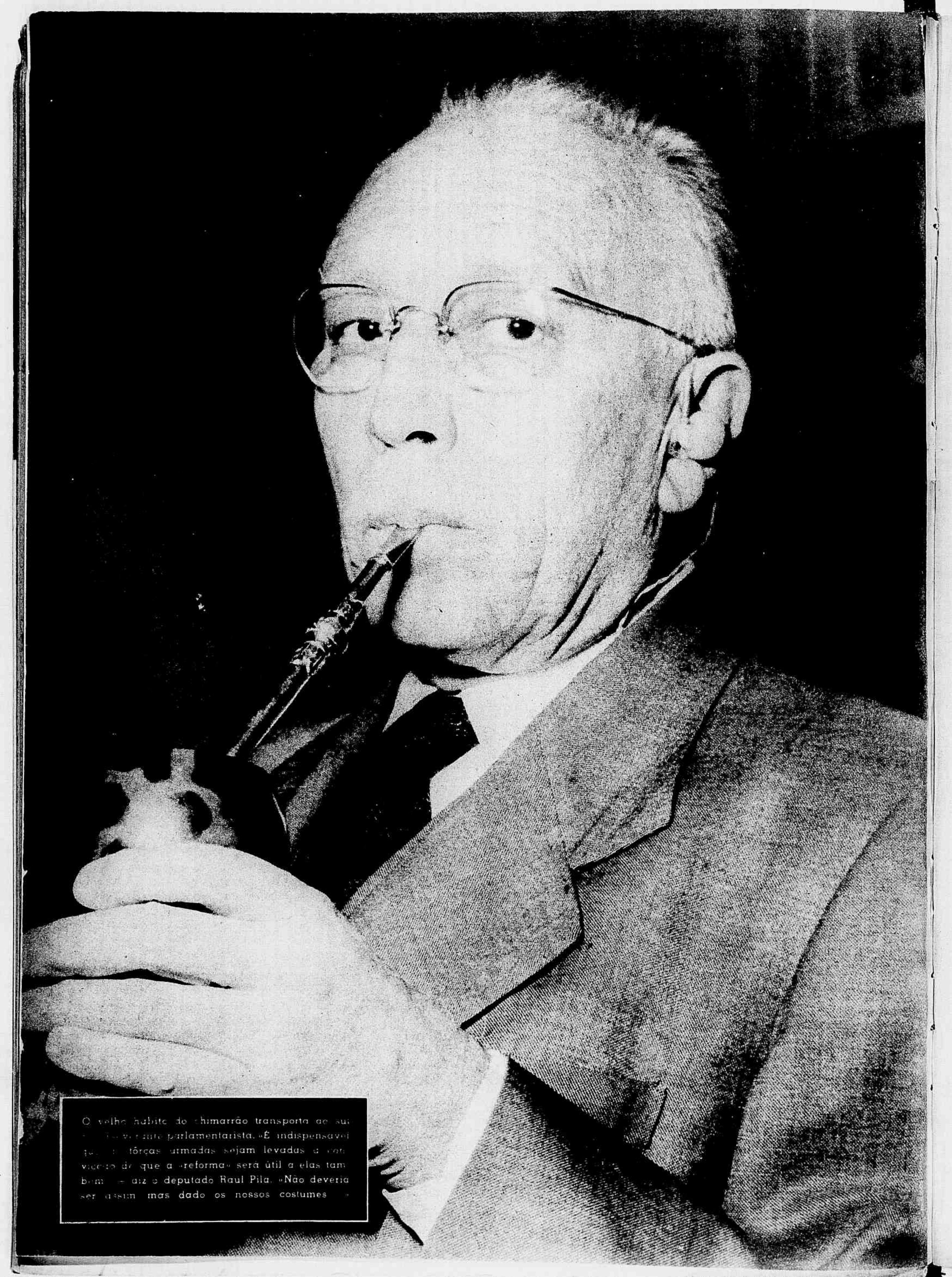
◆ Lido num jornal que acaba de ser inaugurada nesta cidade tão mal amada pelos seus governantes mas tão bem amada pelo seu povo uma agência de casamentos prometendo realizar, com a maior rapidez, enlaces muito felizes. A notícia é longa e nela aprendo que grande número de rapazes e moças deixam de convolar núpcias (assim se dizia antigamente) muitas vezes por excessiva timidez, outras por falta de sorte não encontrando a eleita ou o eleito do coração e que uma agência dessas pode suprir todas as falhas mediante testes psicológicos, pesquisas, seleção de candidatos. Muito trabalho tem a agência, pelo que cobra dos interessados apenas a quantia de dois mil cruzeiros: a descoberta de uma certa moça para certo rapaz e vice-versa, a aproximação que é descrita como «apresentação durante uma reunião social», e parece que o negócio vai progredindo pois — sempre segundo a notícia — a agência de S. Paulo em apenas dois meses conseguiu maravilhas, inclusive casar um homem rico com uma mulher do mesmo gênero.

◆ Nada tenho a ver com o fato; dessa agência jamais me utilizaria, mesmo que estivesse na idade casadora ou quisesse fazê-lo, pois todas as idades são boas quando se quer unir destino a destino, mas o fato me causa muita repugnância, talvez porque esteja imbuída de certo grau de romantismo, impossível de ser liquidado em pessoas nascidas na vizinhança ou dentro da paisagem amazônica. Devo protestar, inclusive, porque contei já que quando deparei pela primeira vez na vida — e isso aconteceu em França — com uma agência casamenteira anunciando em jornais, tive raiva e nojo. Então há criaturas dos dois sexos capazes de encarregar outros que mal se conhecem, que jamais os viram e que, mesmo com os testes psicológicos, vão uni-los, fazê-los casar, dar-lhes direito à vida comum, ao lar? Então há homens e mulheres tão lios à beleza dos sentimentos amorosos que precisam de outros para resolver um problema tão sério como é o casamento?

◆ No tempo de nossos tataravós, eram os pais que se encarregavam de escolher maridos ou espôsas para os filhos; rompemos com isso, nossos avós realizaram mesmo uma revolução social para conseguir escolher por livre e espontânea vontade de seus companheiros e eis que agora, até em nosso país tão no começo de tudo, surge uma agência que, de certo modo, quer imitar os gestos de nossos antepassados. A agência — disse a fundadora ao jornal — existe em todos os grandes países civilizados. De acordo, mas nesses países há tanta coisa ruim que, se continuarmos imitando o pior, acabaremos possuindo monstros, terríveis coisas que prefero não mencionar.

◆ Meus olhos vão e vêm nesta notícia: então não há mais amor neste mundo, neste momento marcado por tantos ódios e tantas ameaças tristes? Então aquela coisa tão boa que era o súbito encontro de um homem e uma mulher e desse encontro um sentimento inesperado chegando, crescendo, aumentando com as descobertas, até o momento em que ambos sentiam ser impossível a vida longe um do outro e vinham os preparativos, a organização não só da casa e do enxoval mas dos planos de futuro, crianças que nasceriam, vida correndo com elas, tanta coisa de mãos dadas, a lua sempre conivente, o sol sempre aquecedor? Isso tudo terminará. Dirão à agência: — Olhe, namore por mim, ame por mim, só quero mesmo é casar, pois preciso de uma boa e gratuita cozinheira, preciso de botões urgentes nas roupas ou então, preciso de alguém que me sustente, mulher precisa casar... Não gosto de difundir tristezas nem de comentar dores, mas eis que sou muitas vezes obrigada a isso, principalmente quando tomo conhecimento de um fato assim: a comercialização do casamento. Isso pegando ou crescendo, não nos iludamos, dentro de algum tempo vamos ter casamento a prestações. — Adeus, amor!

ENEIDA



O velho hábito do chimarrão transporta ao sul
o velho e sábio parlamentarista. «É indispensável
que as forças armadas sejam levadas a con-
vencer de que a «reforma» será útil a elas tam-
bém», diz o deputado Raul Pila. «Não deveria
ser assim mas dado os nossos costumes...»

Raul Pila, bebendo chimarrão e ligeiramente desanimado:

PARLAMENTARISMO SÓ COM O EXÉRCITO NA MÃO...

DESDE 1906, FÊZ-SE UM ARDOROSO DEFENSOR DO GOVÉRNO DE GABINETE ★ COMO SE ELEGE UM PRESIDENTE E COMO SE DERRUBA UM GOVÉRNO ★ O POVO CHAMADO A ELEGER

E A DESTITUIR SEUS REPRESENTANTES ★ O PROBLEMA NOS ESTADOS E MUNICÍPIOS ★ «IDÉIA EM MARCHA NUM MOVIMENTO AGORA FORTALECIDO COM O «VETO» DO GEN. LOTT»

Reportagem de W. GUARNIERI

Fotos de A. VIEIRA

«Não é essa a ocasião mais propícia para a apreciação de emendas que propugnem pela mudança da forma de governo estabelecida na Constituição, por isso que tal debate poderia aprofundar divergências entre várias correntes da opinião nacional e comprometer a paz política...»

O deputado Raul Pila posou o vespertino que trazia em destaque a nota acima e pôs os cotovelos sobre a mesa, juntando as pontas dos dedos. Estávamos sentados em confortáveis cadeiras de vime numa das dependências do Palácio Tiradentes.

O comunicado do P.S.D., que os jornais anteciparam, acabava de ser lido da tribuna da Câmara pelo líder Vieira de Melo, o que provocou a saída do plenário do velho parlamentarista gaúcho. E começava a nossa oportuna entrevista, colhendo o líder do P.L. que fôra o autor da emenda, em ocasião tão propícia.

Apesar de não o demonstrar, adivinha-se o desânimo a dominar-lhe o espírito, nas frases sem vida e calor. Pila ajustou o aparelho que lhe amplia a audição e sorriu para nós com os olhos parados:

— O parlamentarismo é uma idéia em marcha, nada mais a detém...

Contemplou por instantes as mãos, e baixou os olhos:

«... o movimento recebeu até um grande impulso com o «veto» oposto pelo general Lott, apesar, naturalmente, de minha emenda ter sido prejudicada em seu andamento. Foi prejudicada temporariamente...»

O CATECISMO PARLAMENTARISTA

Com gestos lentos procurou o minúsculo microfone, oculto nas dobras do indefectível colete, e antecipou-se mesmo à nossa indagação:

— Não conhece o meu Catecismo?

Remexe na pasta e de lá retira um livreto que nos oferece, num gesto mecânico. «Catecismo Parlamentarista — Contribuição do Partido Libertador à Campanha Parlamentarista no Brasil».

Folheamos ao acaso, enquanto o deputado nos contempla inexpressivo. Anima-se pouco a pouco, quando procura relembrar fatos de sua mocidade:

— Foi em 1906 ou 1907, mais ou menos, que me decidi pela escolha do sistema de Governo Parlamentar. Influências várias — talvez o estudo da História da Civilização, talvez os ar-

roubos dos federalistas de Silveira Martins, lá no sul... Mas, o fato é que fiquei convencido das excelências dessa forma de governo.

Recorda que sua luta vem sendo incessante, mas que está bastante satisfeito com os resultados alcançados até aquele momento.

— Já na Constituição de 34, conseguimos «encaixar» vários dispositivos de sentido parlamentarista, como o atual comparecimento dos ministros à Câmara; a faculdade dos parlamentares poderem ser ministros sem perder os mandatos, e ainda alguns outros de menos importância. «Em 1946, novo «encaixe» oportuno — o «referendum» dos ministros aos atos do Presidente da República; e não a simples subscrição dos decretos...»

Depois de salientar que naquela época era diminuto o grupo parlamentarista (Agamenon, José Augusto, Aloísio de Carvalho, ele e poucos mais), dispõe-se a nos explicar como funciona o regime de governo que advoga.

O POVO ELEGE... E DESTITUI

— Numa democracia, não basta que os governantes sejam escolhidos pelo povo: É necessário também que eles procedam de acordo com os sentimentos, os desejos e a vontade desse mesmo povo. E como nas grandes cidades modernas não pode o povo reunir-se na praça pública, como faziam os cidadãos de Roma e das cidades gregas, temos nós os parlamentares, onde funcionam representantes seus.

«Mas, a eleição só não basta — explica, com um pouco mais de entusiasmo agora, o dr. Pila — Que garantias haverá de que eles interpretam justamente a vontade e atendam convenientemente aos seus interesses?» — pergunta. E depois de uma pausa significativa, responde:

— Se o povo tem o direito de eleger livremente os seus governantes, deve ter também o direito de livremente destituí-los.

«É a «responsabilidade política» que o parlamentarista garante.

COMO SE ELEGE UM PRESIDENTE

— No Regime Parlamentarista, quem eleger o Presidente da República é o parlamento — explicou o dr. Pila.

Interpomos a arguição mais em voga, de que esta seria, talvez, forma menos democrática de eleição.

Como se já esperasse pela interpelação, Raul Pila nem se preocupou em tirar desta vez o microfone. Fêz um gesto com a mão e prosseguiu:

— Se o Presidente da República fôsse tam-

bém o Chefe do Governo, e tivesse os latos poderes de que dispõe no regime presidencial, então se poderia talvez encontrar algum fundamento de arguição de forma menos democrática do que a eleição popular. Trata-se, porém, de escolher um magistrado, e não um representante, nem propriamente um governante — um magistrado que se recomende essencialmente por seus atributos pessoais.

«Quem duvidará de que a eleição pelo parlamento é, no caso, mais apropriada a tal objetivo do que a eleição popular?» — pergunta.

ESCOLHA MAIS SERENA

— Ambiente mais sereno, processo muito mais expedito e nada oneroso, melhor conhecimento dos homens e maior capacidade do corpo eleitoral — eis as suas principais vantagens — continua.

«Pelo contrário, no caso da eleição direta, uma campanha política prolongada, apaixonada e dispendiosa, é feita com a apresentação dos candidatos baseada, nem tanto nas suas qualidades pessoais, mas nas suas possibilidades e nas conveniências eleitorais.

Faz uma pausa e acrescenta:

— No sistema democrático representativo, o Congresso edita as leis mais graves e importantes, dispõe dos bens dos cidadãos pelos impostos, decide de sua vida e liberdade pela declaração de guerra — e ninguém entende que tais atos sejam pouco democráticos...

Aparentemente satisfeito com a sua contra-argumentação favorita, conclui:

— Mas, quando se trata de eleger o Presidente da República... Ah! Ai, então — e só então — surgem os escrúpulos democráticos... Por que o parlamento, que pode decidir do futuro da nação, não teria categoria para escolher o mais alto dos seus funcionários?

Frisa mais uma vez que no regime parlamentarista a função de Presidente da República é de árbitro entre o parlamento e o gabinete:

— Não desempenha ele o papel contraditório de um Presidente do regime atual; que, como Chefe da Nação, deve estar acima dos partidos e, como Chefe do Poder Executivo, é necessariamente a expressão do partido ou da aliança de partidos que o elegem...

No parlamentarismo, o Presidente da República nada mais é que um juiz (como o rei nas monarquias), o árbitro da partida. O Chefe do Governo é o Presidente do Conselho de Ministros; e é quem governa realmente, de acordo com o Parlamento. Quando um governo cai, ao Presidente da República nada acontece, pois

ele permanece no cargo até o fim do seu mandato.

COMO DEMITIR UM GOVERNO

Depois de explicar que quando se verifica uma crise de governo, isto é, demitido o gabinete, (quer por haver sido colhido por uma moção de desconfiança quer por ele mesmo haver-se julgado incapaz de fazer frente à situação), cabe ao Presidente da República providenciar a formação de novo governo, informou:

— Para que um governo seja demitido, basta que um membro do parlamento, julgando-o passível de ato criticável, convoque a Câmara para interpellá-lo, isto é, exigir que venha justificar-se. Se as explicações satisfizerem, a interpellação não tem outro resultado; em caso contrário, a interpellação termina com uma moção de desconfiança, que, uma vez aprovada, determina a demissão imediata do gabinete.

O POVO CHAMADO A DESTITUIR

O velho parlamentar cala-se por instantes antes de prosseguir, retira os óculos, limpa-os cuidadosamente e olha o repórter com uma expressão de satisfação.

— Mas, se o gabinete entende estar com a boa causa e se supõe apoiado pela opinião pública, em vez de apresentar ao Presidente da República o seu pedido de demissão, pedir-lhe-á a dissolução do parlamento. E aí então é o povo que irá julgá-los — governo e parlamento — pronunciando-se por um ou por outro, ou reconduzindo o antigo parlamento ou elegendo outro a ele favorável.

CADEIA DE RESPONSABILIDADE

Tem-se diante uma verdadeira cadeia de responsabilidade — continua — Responde o gabinete perante o Parlamento e responde o parlamento perante o povo.

— Acha então que no sistema presidencial o Congresso é irresponsável?

A resposta vem rápida:

— Sem sombra de dúvida. O Congresso é inteiramente irresponsável, tão irresponsável quanto o Presidente da República e os seus ministros. Isto, por ser irrevogável o seu mandato. Eleito por prazo fixo, ninguém o pode remover ou demover, se por desgraça erra. Errou e continuará errando até o fim, sem que a nação, que se diz soberana, o possa impedir.

AS MUDANÇAS DE GOVERNO EM NADA ALTERAM A ORDEM

Fecendo considerações em torno do fenômeno da queda de um gabinete e da sua substituição por outro, explica o sr. Raul Pila:

— Imaginem alguns que haja uma espécie de cataclismo quando um gabinete cai... Supõem que durante a crise, enquanto se realizam as conversações para a constituição do novo gabinete, fique o país sem governo e pare a máquina administrativa, haja como que um colapso na gestão dos negócios públicos — ou que resolvida a crise o novo gabinete represente necessariamente uma completa mudança dos rumos da administração.

«São duas hipóteses inteiramente infundadas nem a administração para um só momento, nem, parece, geralmente inflexões muito fortes».

— No parlamentarismo, governo é uma coisa — administração é outra. O governo dá a orientação, marca o rumo, e a administração põe em obra esta orientação, segue este rumo. O ter entrada em crise o gabinete, não acarreta a parada da máquina. Esta continua a andar na direção prevista, enquanto o novo governo a não modificar. Assim, em qualquer momento em que se produza a crise, há um orçamento em vigor e um conjunto de leis que não é absolutamente afetado pela queda do gabinete.

MUDANÇA DE RUMO ESPECIFICA

Acentuando que o sistema parlamentar permite mudar a qualquer momento o rumo que se reconheça errado, coisa que não se pode fazer no sistema presidencial, porque o Chefe do Governo, foi eleito por um certo número de anos e não se pode remover — explica:

— Se o governo cai, é porque não soube resolver determinada questão. E é fatal, então, que o novo governo se apresente com uma solução diferente. Mas os outros problemas, que não foram discutidos, não são afetados pela mudança do gabinete. Se estavam sendo convenientemente tratados e satisfeitos se achava o parlamento, não haverá porque mudar de orientação a seu respeito. Mudança haverá somente em relação a questões específicas que determinou a queda.

— E quando um partido substitui outro no poder?

— Evidentemente, após uma eleição geral, realizada, quer por se haver esgotado o mandato legislativo, quer por ter sido dissolvido o parlamento, haverá por certo mudanças — algumas drásticas até.

«Mas, se mudou radicalmente a opinião do país, como não há de modificar-se, correlativamente, a orientação do governo? A culpa não será, então, do sistema, que apenas se limitou a registrar a alteração produzida no país. No presidencialismo também é assim...»

Pila sorri agora, de satisfação.

— Há que notar, porém — irisa — uma grande diferença no parlamentar e automático o reajustamento entre o governo e a nação e ocorre sempre que se produz alguma divergência importante, ao passo que no presidencialismo, ele só se pode produzir a prazo fixo de 6 em 6 anos, por exemplo. Daí um malestar generalizado a crise, que, em vez de se resolver em poucos dias perdura indefinidamente por meses e anos.

O PORQUÊ DAS «REVOLUÇÕES»

Admitindo, para argumentar de que haja uma real instabilidade administrativa no sistema parlamentar, pergunta o líder de sabranças erguidas:

— Não será preterível tal instabilidade a estabilidade que leva frequentemente a mais grave e perigosa das instabilidades — as revoluções?

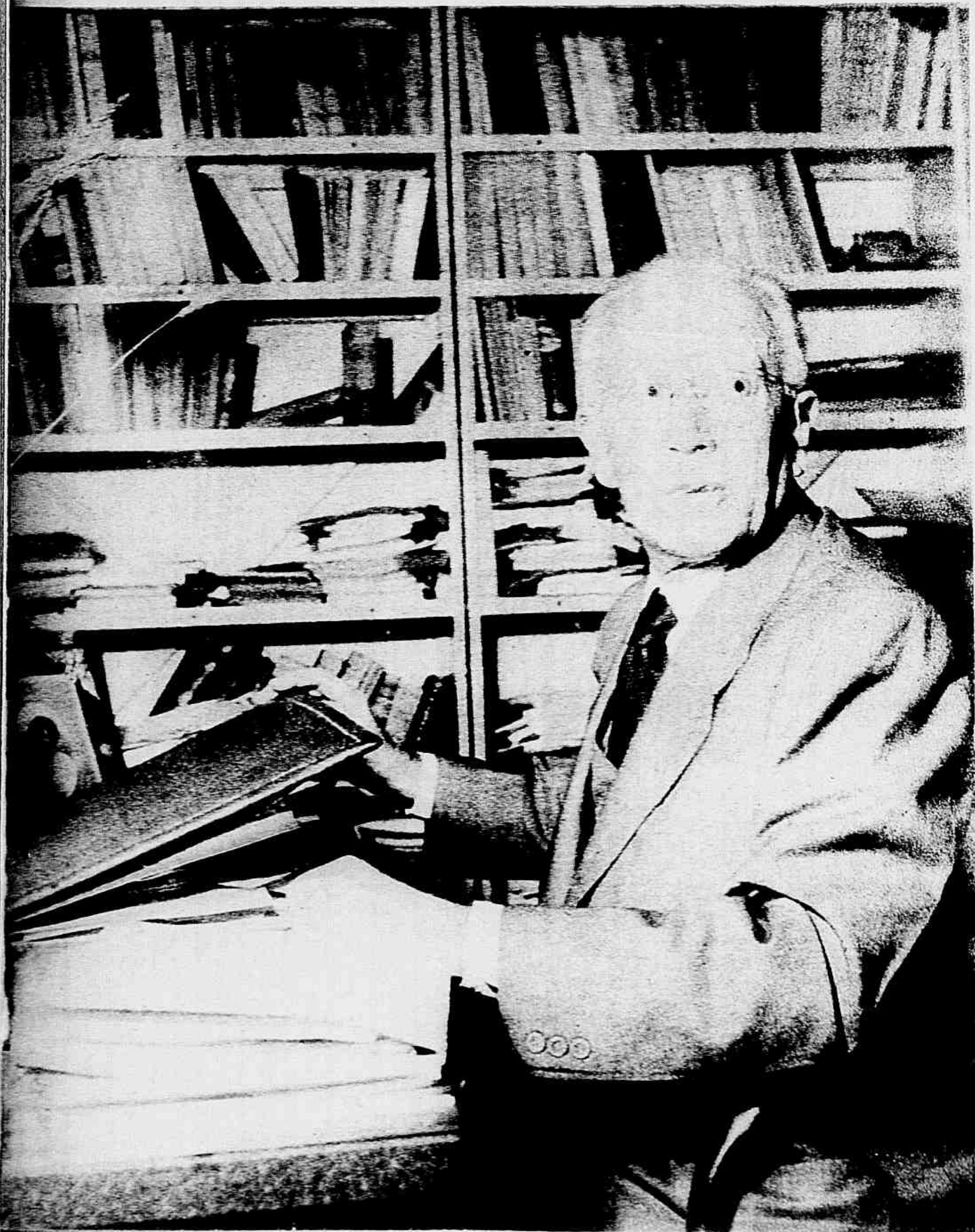
«Quem hesitaria na escolha, se pudesse escolher?»

E concludo:

— Não há governo democrático mais forte que o parlamentar. Enquanto tiver a confiança do parlamento e for apoiado pela opinião pública, tudo pode ele. Perdido este esteio, deixa de ser governo, para ceder lugar a outro que de tal apoio dispunha.

Mas é preciso não confundir «governo forte» com «governo de força». Governos de força, só o presidencialismo os pode dar. Em certas circunstâncias, não lhe resta mesmo outra solução, já que não se pode deixar o país sem governo e o governo se constitui com prazo fixo. Governos fortes, esses também pode fornecê-los o presidencialismo, mas com o parlamentarismo é certo que produzirão, sem necessidade de assentar na força.

Conclui o sr. Raul Pila, com um sorriso de ironia.



Formado em medicina e professor da cadeira de «Fisiologia» em Porto Alegre, Pila nunca exerceu a profissão: «Fui inteiramente absorvido pela política... Mas, quando arranjo um «tempinho», prefiro cuidar de minhas plantas lá no sul». Pila mora no Flamengo, mas «vive» no sul.



«É A PRIMEIRA VEZ QUE ME DEIXO FOTOGRAFAR AO LADO DELE. FELICITO VOCÊS POR ISSO» — DIZ A ESPÓSA DE RAUL PILA.

Com o intuito de colher alguns flagrantes fotográficos, sugerimos ao dr. Pila uns aspectos do interior de sua residência (apartamento de andar alto, entre Flamengo e Botafogo aqui no Rio). O parlamentar aquiesceu de bom grado, ressaltando, porém:

— É uma residência provisória, pois é em Porto Alegre mesmo que moro. E outra coisa: Minha esposa é completamente **contra** fotografias... Até hoje, não consegui sequer que figurasse numa foto ao meu lado...

(Mas, como vêem os leitores, a resistência de d. Ester foi vencida pela insistência do repórter).

O apartamento de Raul Pila é bastante amplo, com muitas peças, mas decorado com simplicidade. Há conforto sem luxo. Na sala, um grupo estofado, mesa, cadeiras e um aparelho de televisão. Poucos quadros, e uma visão do «Fuji-Yama», pintado num tecido japonês, presente de amigos. A lembrar o sul, em seu gabinete de trabalho, o «porongo» (cuia de chimarrão).

LEVAR A CONVICÇÃO AS FORÇAS ARMADAS

Enquanto o repórter-fotográfico trabalha, mais algumas perguntas. Relembramos ao líder do P.L. que todas as vezes em que no Brasil ocorreram mudanças de regime (Independência, República e Estado Novo) houve a participação do exército.

— Acha v. excia. que a reforma poderá ser adotada sem o expresso apoio das forças armadas?

O deputado gaúcho recosta-se na poltrona e esboça um sorriso:

— A verdadeira solução era que pudesse ocorrer com o ameiamento dessas forças, mas, dado aos nossos costumes, parece indispensável levar às classes armadas a convicção de que a reforma será útil, não só ao país, mas a elas também — que então se poderiam dedicar tranqüilamente à sua única e verdadeira missão constitucional — a defesa do país.

— O parlamentarismo adotado na presente conjuntura não será produto de uma contingência?

Responde o líder, depois de acentuar que toda mudança política resulta de dois fatores:

— Uns, substanciais; outros, circunstanciais. E' geralmente quando estes atuam, que aqueles se podem plenamente manifestar. Assim, a instituição do sistema parlamentar é uma necessidade por si mesma, pois nos dará o verdadeiro regime democrático representativo; mas, além desta razão, permanente e profunda, teria tido, já antes do pleito de outubro, e mais talvez agora, uma razão circunstancial, nem por isso menos importante — a de permitir ao país que ele sísse **disto**...

TUDO JÁ ESTÁ APODRECENDO...

— Há maturidade política para a «reforma»? — O povo brasileiro — responde — está mais do que maduro para a reforma, porque tudo já está apodrecendo. E' um engano supor que o sistema parlamentar de governo seja mais difícil de praticar do que o presidencial. E' justamente o contrário que se verifica, por ser o sistema presidencial um instrumento muito mais rude e imperfeito. A melhor prova disto é que um só país, os Estados Unidos, conseguiu até hoje realizar satisfatoriamente o presidencialismo. Ao passo que por dezenas se contam as nações de variado grau de cultura que praticam satisfatoriamente o parlamentarismo. A questão é outra: **Estamos maduros para a prática da democracia?** Então, devemos estar maduros para a prática do sistema parlamentar. Demais, já o praticamos no II Reinado...

PILA E AS PLANTAS

Nesse instante, entra na sala d. Ester. Vem relembrar ao dr. Pila que ambos têm um compromisso para dentro de pouco. O líder pede desculpas e ausenta-se por momentos.

D. Ester faz as «honras de casa» e a palestra gira em torno do chefe.

— Muito em breve, talvez, iremos voltar para saudá-la como esposa do «primeiro ministro» — pilheriamos.

D. Ester faz um prolongado «oh!» de surpresa.

— Nem me fale disto, pelo amor de Deus... O Raul já tem tanta preocupação agora... Mas, felizmente em casa não se fala de política...

Informa ainda que Raul Pila tem «verdadeiro

adoração pelas plantas», mas que ali no apartamento é impossível cultivá-las.

— Lá em Porto Alegre, sim. E' onde ele se distrai mais. Cuida também dos nossos cães que é outro «hobby». Mas, aqui... — e faz um gesto de desânimo com as mãos.

Volta o parlamentar e trava-se a «batalha da fotografia», de que saímos vitoriosos.

SE HOUVESSE PLEBISCITO...

Quisemos saber do dr. Pila que resultados esperaria se houvesse uma ampla consulta à opinião pública a respeito do assunto:

Se houvesse um plebiscito, evidentemente que ele deveria ser precedido de uma campanha de esclarecimento, e não há dúvida de que o resultado seria grandemente favorável à reforma. De uma coisa todos estão certos, pois é a evidência mesma: **o atual regime não serve**. Consequentemente, é preciso experimentar outro e nenhum mais indicado, por todos os motivos, do que o parlamentarismo.

A REFORMA NOS ESTADOS E NOS MUNICÍPIOS

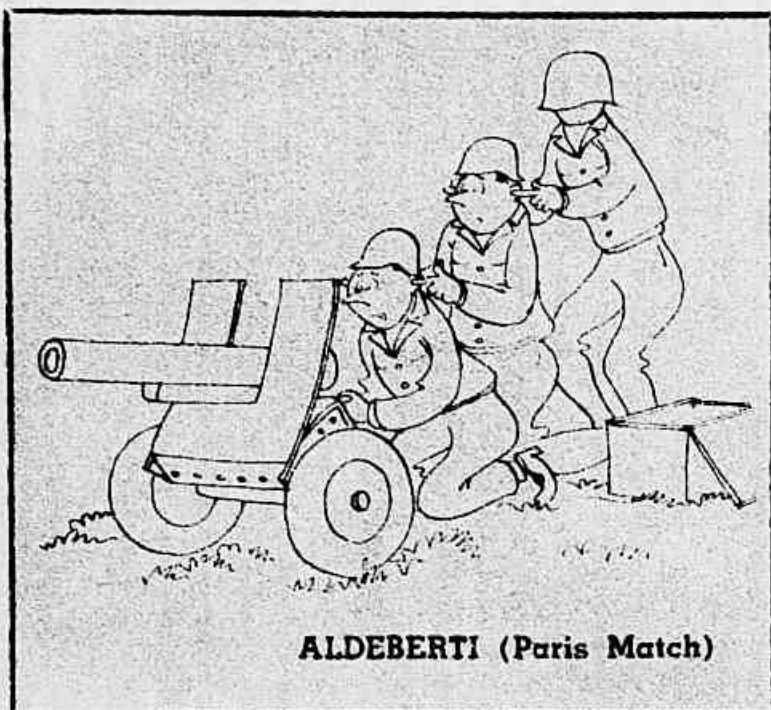
Explicando o mecanismo do regime parlamentar, frisa o dr. Pila que no governo federal haverá um Presidente da República, eleito pela Câmara, e um Conselho de Ministros dela dependendo:

— Nos Estados, o governador é eleito pela Assembléia Legislativa e o seu secretariado dependerá também da confiança dessas assembleias. Não há nenhuma dificuldade. Também nos municípios, a mesma coisa: o prefeito escolhido pela Câmara Municipal e o secretariado dela dependendo em confiança.

FIM DO «CACIQUISMO»

Mostra-nos o líder do P.L. que a adoção do sistema parlamentar viria favorecer muito a evolução política do brasileiro, e finaliza com ênfase:

— Justamente onde os benefícios seriam maiores é na esfera municipal pelo interior do Brasil afóra — pois seria também o fim da era funesta do «caciquismo», que tanto infelicitava o país.



ALDEBERTI (Paris Match)



CALMON
Uma vez Magnífico...



GILBERTO FREYRE
Pela Ditadura?



CAFÉ
Adiós, muchachos...



SONJA HENIE
Antes do dilúvio

A semaninha

— Não haverá queda no preço do algodão.

E mesmo que houvesse... cair em cima de algodão não machuca!

* * *

— As autarquias de previdência social não enviaram ao DASP os respectivos quadros para os estudos relativos ao aumento de vencimentos.

Enquanto isso envia-se o Quadros aos EE.UU. para os estudos relativos ao seu tratamento salutar.

* * *

— Não é só na exportação do café que existem fraudes.

Até aqui todos nós sabemos. Qual a exportação que não é fraudada, era o que gostaríamos de saber!

* * *

— Subirá o custo de vida com as novas tarifas da Central...

Ai está mais um pretexto! Com novas ou velhas, o custo de vida jamais para de subir!

* * *

— Não se cogita de violar a legislação do petróleo...

Donde se conclui que nem tão pouco se cogitará de "guitarar" ou "violinar" a supracitada legislação!

* * *

— Ameaçada de colapso a indústria do livro pelos aumentos do DCT...

E então se forem livros passionais, o colapso será fatal!

Santos Alves

NACIONAIS

PEDRO CALMON está em Portugal, pronunciando conferências em diversas cidades lusas. Ainda há pouco, em Coimbra, os estudantes estenderam suas capas pretas no chão, para que Calmon, mais Magnífico do que nunca, sobre elas passasse.

A EMBAIXATRIZ Maria Martins, que é também (e principalmente) escultora, inaugurou sua grande exposição no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em meio a algumas dezenas de convidados, amigos e admiradores. Maria possui obras suas nos maiores Museus do mundo, e em algumas das mais importantes coleções particulares.

O POETA Antônio Olinto reuniu também seus amigos numa reunião, e apresentou-lhes seu livro de poemas «Nagasaki», com belas ilustrações de Levi Menezes. Na sala, havia muitos quimonos e vários rostos japoneses.

MAIS UM DESFILE, marcou a inauguração dos Jogos Infantis, anualmente levados a efeito sob o patrocínio de «Jornal dos Esportes». Esse ano, dezesseis mil crianças compareceram ao Estádio do Fluminense, num verdadeiro recorde.

JANIO QUADROS embarcou para a América, Jango Goulart idem, Café Filho também. Quanto a Carlos Lacerda, já lá se encontra há vários meses. A mudança da capital não era para Goiânia?...

E O POETA Drummond de Andrade, tratando do caso do aumento (absurdo) das tarifas de correios e telégrafos, saiu-se com esse pedaço de quadrinha, desentranhado de uma frase sua: «Quem tiver seu amor longe, como vai telegrafar-lhe?»

GILBERTO FREYRE pregou ou não pregou a ditadura? Diz o sociólogo que não, mas, ao mesmo tempo em que desmente, afirma que está convicto de que é «preferível ao Brasil, durante curtos anos, a qualquer governo parlamentarista, um governo de exceção, prestigiado pelas forças armadas unidas...»

AS GOLDWYN GIRLS chegaram. As cinco meninas, que já apareceram em tudo quanto é jornal e revista, pessoalmente são decepcionantes: muito água morna, muito maracanã, como diria Van Jafa.

SONJA HENIE, a grande patinadora norueguesa, exibiu-se no Maracanãzinho, num «show» verdadeiramente bonito. Sonja, que já não é criança, continua patinando com a leveza e a graciosidade habituais. Mas ninguém queira vê-la de perto, face a face, porque a decepção é grande...

YVETTE MAGDALENO, pianista brasileira, está brilhando no Concurso Internacional de Piano que se realiza em Bruxelas. Basta dizer que ela foi a única concorrente, entre 58, a ser aplaudida, por ocasião das provas eliminatórias, tocando Haendel, Chopin e Strawinsky com perfeição.

UM LOTAÇÃO foi de encontro a um poste, no Rio e tombou. Os que nele viajavam se retiraram do carro inteiramente destruído, menos uma jovem que ficou presa entre as ferragens retorcidas, à espera de socorro. Era de noite. Um marinheiro que vinha passando, vendo o ocorrido, julgou que a moça talvez fôsse sua parenta. Quis certificar-se, riscou um fósforo: o lotação voou pelos ares, matando a moça e ferindo gravemente o imprudente.



◆ PRIMEIRO DE MAIO — No estádio do Vasco da Gama, tiveram lugar esse ano as comemorações do dia do Trabalho, Primeiro de Maio. O Presidente Juscelino Kubitschek, em carro aberto, e acompanhado pelo senhor Parsifal Barroso, percorreu a pista, sendo aclamado pela grande massa de trabalhadores presente às arquibancadas. Também houve jogo de futebol, que é, como sempre, a principal atração de festividades semelhantes. Finalmente, encerrando a comemoração, o Presidente da República dirigiu-se aos brasileiros, encarecendo mais uma vez a colaboração de todos em seu Governo, que se inicia em tempos perturbados e difíceis.

REVISTA DA SEMANA — 8



◆ FOGO NA «BOITE» — Quase que se repetia a tragédia da «boite» Vogue há cerca de dez dias: é que a «boite» Night and Day, situada no edifício Serrador, foi presa das chamas, que a destruíram completamente. Felizmente, como o incêndio irrompeu de madrugada, quando não havia ninguém na casa, não houve vítimas a lamentar. Tudo começou por causa de uma simples ponta de cigarro, abandonada no chão. Os bombeiros, chamados logo que o fogo lavrou, viram-se a braços com a falta d'água, e pouco puderam fazer. Os dois «shows» que eram efetuados todas as noites, no Night and Day, não serão interrompidos. Afinal de contas, o espetáculo deve continuar.

EM REVISTA



HUXLEY
Casou aos sessenta



VERA
Desmente os médicos



TITO
Mais um turista



BERTRAND RUSSEL
Contra Marx

INTERNACIONAIS

ALDOUS HUXLEY, famoso escritor inglês, casou-se há pouco com uma violinista italiana, Laura Rachera. É seu segundo casamento. Ele tem 61 anos, e a noiva, quarenta.

OS MÉDICOS DERAM a Vera Amado Clouzot — filha de Gilberto Amado, casado com Henry Georges Clouzot, famoso diretor cinematográfico francês — dois anos de vida. A moça, porém, não desanimou: operou-se, corajosamente, e agora, como afirmam os telegramas, está totalmente fora de perigo.

TODOS DEVEM ter lido, nos jornais de um ou dois anos passados, a notícia da morte, em circunstâncias estranhas, do milionário Serge Rubinstein, encontrado morto em seu apartamento, em Nova York. Pois bem: agora, está sendo filmada a sua vida, sob o título: «A Morte de um Celerado». ... George Sanders, ex-marido de Zsa-Zsa Gabor, é o protagonista.

O MARECHAL Tito está na França, em visita oficial àquele país. Josip Broz está de novo amigo dos russos, haja vista o novo verbete «Jugoslavia», que aparece na Enciclopédia Soviética: «Jugoslavia — País Progressista que mantém boa amizade com a União Soviética». Até 1955, o verbete em questão estava assim redigido: «Jugoslavia — Estado fascista a soldo do capitalismo yankee».

BERTRAND RUSSEL, célebre filósofo britânico, Prêmio Nobel de 1950, publicou há meses um opúsculo, «Porque me oponho ao Comunismo», em que rebate, uma por uma, as bases filosóficas do credo soviético, assentado — diz Russel — sobre o ódio e o ressentimento de

um indivíduo, Karl Marx, que apenas desejava vingar-se de seus desafetos.

ISAAU STERN visitava, em Moscou, a classe do violinista russo (talvez o maior da atualidade) David Ostrakh. Em dado instante, tomou um violino, e começou a tocá-lo. Os alunos, entusiasmados, pediram então aos dois músicos que tocassem um pouco para eles. Esquecendo um pouco as desavenças entre capitalistas e comunistas, o americano e o russo executaram, na maior das harmonias, o Concerto para Dois Violinos, de Bach.

DIZEM QUE Alexandre Onassis, o célebre milionário grego, dono de grande frota de barcos, e sócio de Monte-Carlo, venderá seus 22 navios ao Japão, que, se tal acontecesse, passaria ao primeiro posto, na classificação mundial de países que se dedicam à pesca da baleia. Atualmente, a Noruega e a Inglaterra dominam esse ramo de atividades.

A TELEVISÃO ESTÁ matando o cinema. Pelo menos em Londres, onde os cinemas estão falidos, em sua grande maioria. A propósito, convém lembrar que quase todos os cinemas londrinos pertencem ao milionário boliviano Patiño, espécie de Luís Severiano Ribeiro em ponto grande.

QUANDO HOUVE a guerra da Abissínia, os italianos, vencedores (só Deus sabe como...) dos abexins, levaram para Roma o grande monumento de Axum, o maior obelisco do país. Só agora o monumento será devolvido, em meio a grandes solenidades.



◆ **MARIONETES DE SALZBURG** — Exibiram-se no Rio, sob os auspícios da Cultura Artística e da Pró-Arte, as «Marionetes de Salzburg», «Die Marionetten von Salzburg», dirigidas por Hermann Aicher. Trata-se de uma verdadeira companhia de fantoches, criada em 1913 pelo escultor Antonio Aicher, que criou as primeiras figuras. Hoje, os marionetes são 700, dispostos de dez manipuladores. Um bom grupo de cantores e de atores acompanha as Marionetes de Salzburg por todos os países onde se exibem. Cantores como Vilma Lipp, escultores como Joseph Magnus, o cenógrafo Schneider-Siemssen, e diversos atores, tomam parte no espetáculo. Cada fantoche tem cerca de um metro e meio de altura. Esse conjunto parece ser o melhor grupo de marionetes existente no mundo: em 1937, por exemplo, em competição com mais de quinhentos outros, tiraram as «Marionetten von Salzburg» o primeiro prêmio, na Feira Internacional de Paris. No Rio, eles cantaram óperas, representaram dramas e comédias e dançaram, maravilhosamente, entre outras peças «A Morte do Cisne», de Saint-Saëns. É qualquer coisa de fora do comum ver bonecos representando «A Flauta Mágica», de Mozart, com as vozes de bons cantores alemães, que ficam por detrás dos bastidores. Ao lado, cena do ballet «Bela Adormecida».

DE SETE EM SETE

● Já nem falar pelo telefone, com certa intimidade, é possível nesta terra. Cuidado, damas e cavalheiros que utilizam esse bichinho perigoso para suas aventuras! Pode haver um fio clandestino desviado para uma casa vazia — e é o diabo, meninada! — O mesmo diabo que anda à solta, cada vez mais infernal, por essas avenidas, sentado bem junto aos motoristas de ônibus e lotações. Na Av. Presidente Vargas, uma pobre moça quis utilizar um lotação para levá-la ao subúrbio e em dois minutos deixou-a no outro mundo, depois de lhe incinerar o pobre corpo. — Por falar em fogo, aquele no Night and Day não chegou a queimar o entusiasmo do Carlos Machado. O espetáculo continuou no Beguin, enquanto no Municipal um grupo norte-americano representou (em espanhol, por quê?) «A Casa de Chá do Luar de Agosto». Mas em São Paulo, a comédia de John Patrick está muito superior, no TBC. Desta vez não foi a Europa, foi a América a curvar-se, etc., etc., — Mas não se curvou tanto, quanto os rapazes da seleção, em sua jornada cívico-desportiva pela Europa. Tudo andava em petição de miséria no Brasil, só faltava o futebol. — E lá diz o Alberto Lima: Ou o Brasil acaba com ele (futebol) ou ele acaba com o Brasil... — Acaba-se tudo, menos a beleza das Goldwyn Girls, muito jeitosas, simpáticas e educadas. A Metro sabe fazer as coisas... — Já a gostosona Sonja Henie não sabe, não: marca horas com os fotógrafos e repórteres, no Copacabana, e não aparece ou cai no sono. Parece que a moça (?) patina de noite e tem de dormir o dia inteiro para recuperar as forças... — Mais um ônibus capotado na Rio-Petrópolis (cinco feridos gravemente), mais um lotação acidentado entre Bento Ribeiro e Osvaldo Cruz (um morto e seis feridos), tudo no mesmo dia. Como é que pode? — Quem pode pode, e o magnífico doutor Pedro Calmon está com tudo, recebendo homenagens, de borla e capelo, em Coimbra. Na volta, terá aprendido o fado «Lisboa Antiga» direitinho? — Gilberto Freire desmente a entrevista que lhe foi atribuída, Jânio vai ver de perto o estrangeiro, Lilian Fernandes passou a madame Colé e fala-se em novo aumento dos preços de cinema. — Depois disso, bye, bye...

O DOMÍNIO HOLANDÊS

EDUARDO TOURINHO

NO dia 14 de fevereiro de 1630, os habitantes de Olinda e Recife des-cortinaram — rumo à costa — as velas holandesas das naus de Hendrick Corneliszoon Lonck, que vinham tomar Pernambuco. Eram sessenta e nove barcos, com mil duzentos e trinta e cinco canhões. Traziam sete mil duzentos e oitenta homens: três mil setecentos e oitenta marinheiros e três mil e quinhentos soldados. Na capitânea — a «Amsterdam» — vinha Lonck; no comando da tropa, o coronel Diederick van Waendenburg. Pouco depois — em março — mais nove navios com cento e oitenta canhões e seiscentos e sessenta e cinco soldados — sob o comando do tenente-coronel Seton — vieram engrossar as forças batavas. Para defesa da terra, o general Matias de Albuquerque só dispunha de mil o quinhentos homens: cento e cinquenta praças de Linha; seiscentos e cinquenta milicianos de Olinda e Recife; trezentos de Paratibi, S. Lourenço e Igaraçu; duas companhias formadas por marítimos e, finalmente, os duzentos índios de Felipe Camarão. Os fortes eram: o S. Francisco da Barra — terminado em 1614 — com dezesseis canhões; o de S. Jorge — em Recife, no lugar em que hoje está a igreja do Pilar — com vinte e quatro bocas de fogo.

x x x

Recife dêsse tempo não tinha mais de quinhentos moradores e umas cento e cinquenta casas e armazéns. Para defender a povoação, rodeou-a Matias de Albuquerque de trincheiras e paliçadas. A mesma providência tomou em relação a Olinda, com suas duzentas habitações, suas sete igrejas, seus cinco conventos e seus dois mil e setecentos habitantes.

No Poço — em duas linhas — fêz amarrar dezesseis navios para que fôsem incendiados como obstáculo ao inimigo. Destacou seiscentos e cinquenta homens para guarnecer as fortalezas e enviou os demais para a praia do Pau Amarelo, ao norte de Olinda.

No dia seguinte — 16 de fevereiro — Lonck iniciou o ataque a Recife. Dezoito naves e treze pinaças seguiram para Pau Amarelo. O coronel Waendenburg comandava os atacantes. Dois barcos tentaram passar Barreta. Mas o navio comandado pelo pernambucano Nuno de Melo Albuquerque defendeu encarniçadamente a posição. Pôsto a pique após seis horas de luta, obstruiu a passagem.

Enquanto as naus de Lonck, em Recife, canhoneavam incessantemente os fortes de S. Jorge e S. Francisco da Barra, os marinheiros do contra-almirante Melck Neyd e os soldados de Waendenburg desembarcavam vitoriosamente em Pau Amarelo.

x x x

Matias de Albuquerque — com cem cavaleiros, os duzentos índios de Camarão e uns quinhentos infantas das Milícias — foi esperar o inimigo na margem direita do Rio Doce. Na manhã de 16 de fevereiro — formando três corpos — avançaram os batavos. A vanguarda — com novecentos e trinta e quatro homens — era comandada pelo tenente-coronel van der Elst; o centro — com mil e quarenta e nove — sustentava o tenente-coronel van Steyn Calleniels; a retaguarda obedecia às ordens do major Foucke Houncks.

Pouco durou a resistência dos defensores de Pernambuco. Com cinquenta ou sessenta perdas, os holandeses dominaram Olinda e tomaram o Colégio dos Jesuítas.

Matias de Albuquerque — com cento e cinquenta baixas entre mortos e feridos — retirou-se para Recife. Fêz, no dia seguinte, incendiar os armazéns e os navios mercantes que se achavam no porto. No pontal de Asseca — onde acampou — criou as primeiras «companhias de emboscadas» para, em guerrilhas, hostilizar os holandeses.

Nesse mesmo dia, o general Lonck e o almirante Ita entraram triunfalmente em Olinda. A 2 de março, Recife estava em mãos do inimigo.

x x x

Abriu-se, então, um longo e penoso período de guerras que duraram trinta anos. Muitos brasileiros se tornaram heróis: Vidal de Negreiros, Luís Barbalho, Camarão e seus índios, Henrique Dias e seu regimento de pretos...

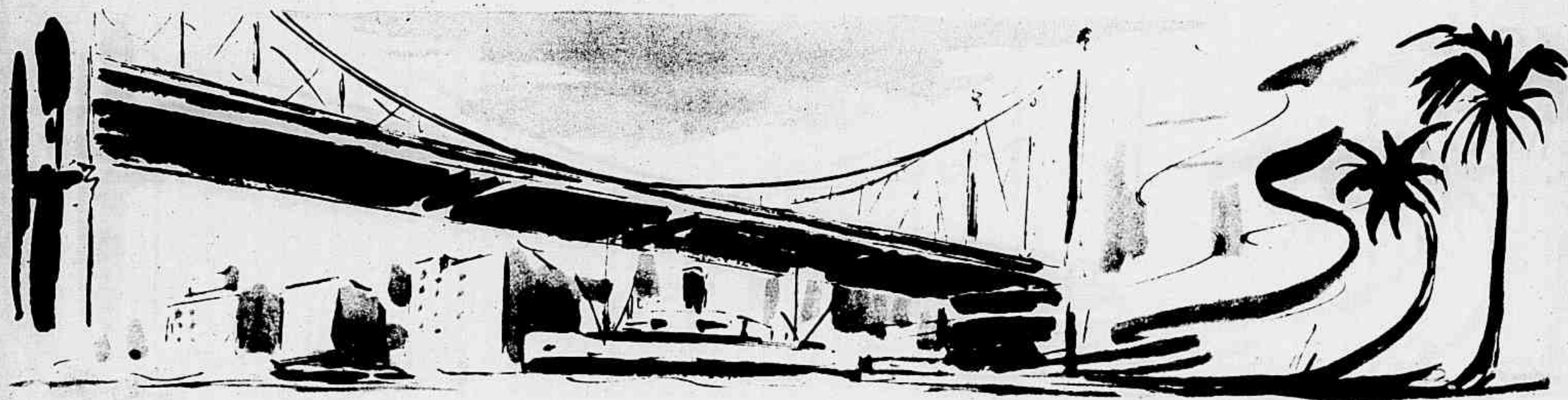
Em 1631, à notícia da vinda da esquadra de D. Antônio de Oquendo, os holandeses incendiaram Olinda e se concentraram em Recife. Um combate sem resultados decisivos feriu-se, a 12 de setembro entre os navios de Oquendo e os de Pater, que morreu na luta...

Entre o Capibaribe e o Beberibe, Matias de Albuquerque incrustara o Arraial do Bom Jesus. Até 1632, não conseguiram os batavos maiores vantagens. E' nesse ano, porém, que Calabar abandona os portugueses e as armas da Holanda começam a triunfar. Igaraçu é incendiada e Rio Formoso tomado apesar da heróica resistência de Pedro de Albuquerque. Caem Itamaracá e o Rio Grande do Norte (1633) o Cabo de Santo Agostinho e a Paraíba (1634). Reduzida pela fome aos três meses de cerco de Arciszensky, capitula a guarnição do Arraial do Bom Jesus em 1635. O almirante Lichthardt toma Barra Grande e Porto Calvo, em Alagoas. Após cinco meses de assédio, tomba o forte de Nazaré nas mãos de Schkoppe. Sergipe e o Maranhão sofrem o peso do domínio holandês...

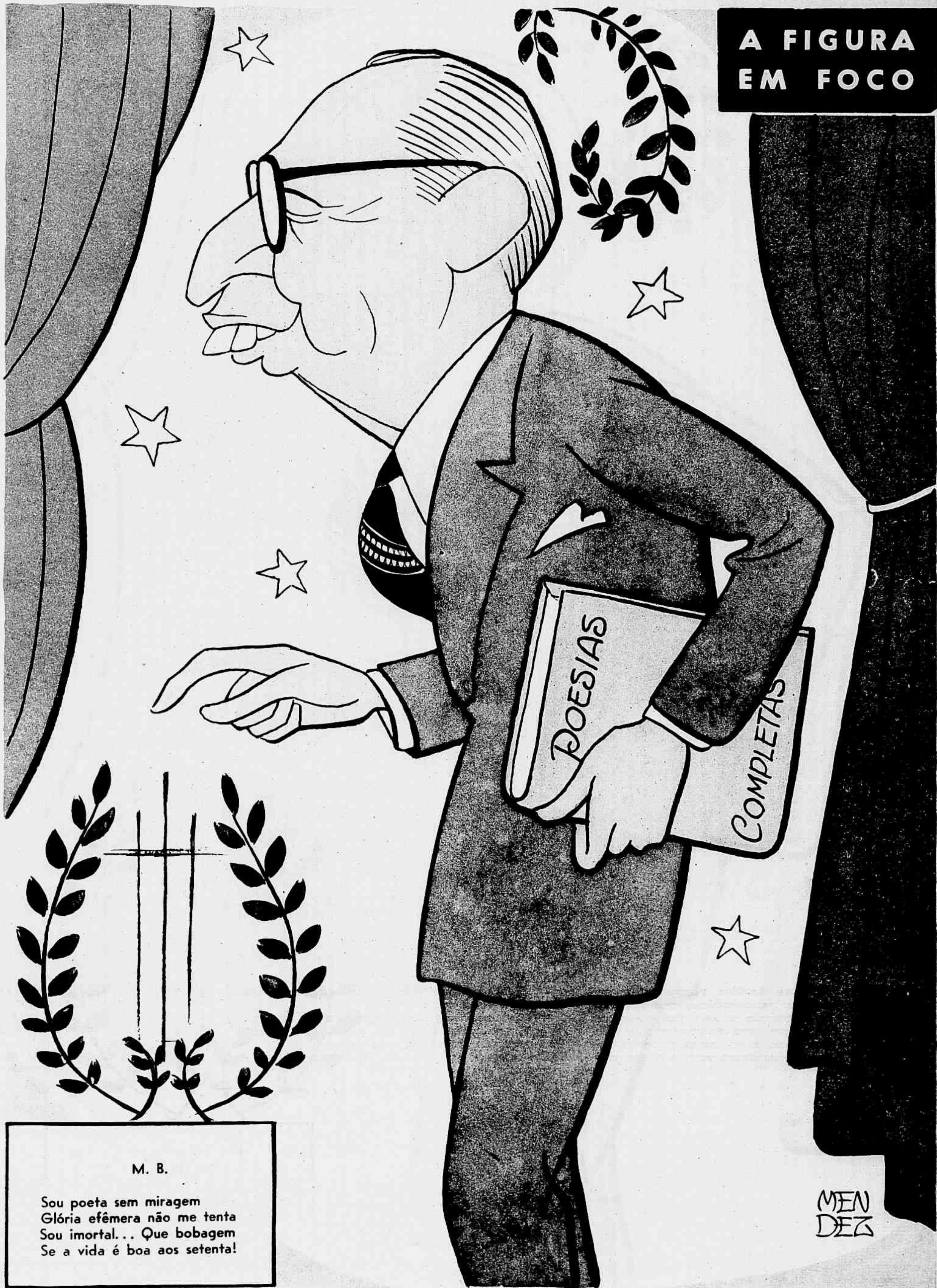
x x x

Acompanhado de milhares de refugiados, Matias de Albuquerque passando em Alagoas, retoma Porto Calvo e executa bárbaramente a Calabar... Mas chega Nassau a 18 de fevereiro de 1637, bate a vanguarda de Bagnolo e se apodera de Porto Calvo. Alcançam os defensores a Bahia, que Nassau — sem êxito — ataca e sitia por trinta e oito dias entre 16 de abril e 29 de maio de 1638.

Após oito anos de brilhante e fecundo governo em Pernambuco, o príncipe Maurício de Nassau — desavido com os dirigentes da Companhia das Índias Ocidentais — regressa a Holanda. Em 1648 é Guararapes... Depois, vem a esquadra de Brito Freire... A 26 de janeiro de 1654 os holandeses capitulam e o Brasil liberta-se do seu domínio.



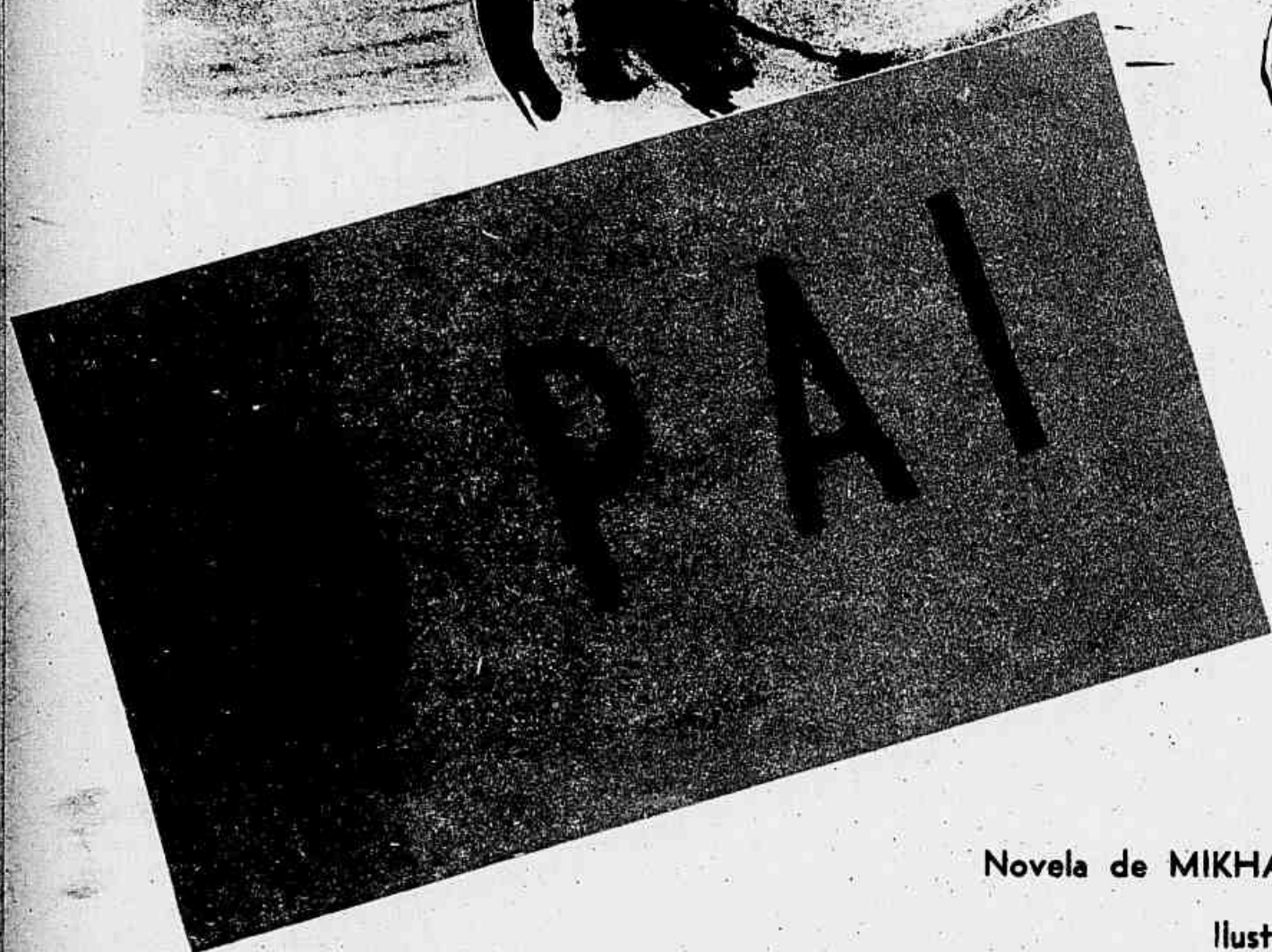
A FIGURA
EM FOCO



M. B.

Sou poeta sem miragem
Glória efêmera não me tenta
Sou imortal... Que bobagem
Se a vida é boa aos setenta!

MEN
DEZ



Novela de MIKHAIL SHOLOKHOV

Ilustração de RAMÓN

SOL se infiltra suavemente nos sarçais verde-pálidos que crescem ao redor da aldeia dos cossacos. Lá longe, fora do povoado, é o lugar onde devo tomar a barca que me transportará para a outra margem do Don. Caminho sobre a areia molhada, da qual se desprende um irritante odor de peixe e madeira podre e úmida. O

caminho serpenteia pelo mato, como um carreiro de lebre. O sol, vermelho e inchado, vai pouco a pouco mergulhando no cemitério, do outro lado da aldeia. O crepúsculo azulado caminha atrás de mim, pelo bosque.

A barca está amarrada no poste fincado em terra firme, e sob ela, a água tem reflexos. Os remos pendem, aos lados, presos por correias às forquilhas.

O barqueiro está retirando, com uma lata, a água cheia de musgo do fundo do bote. Ao perceber-me, levanta a cabeça, olha-me com olhos amarelos e oblíquos e rosna:

— Quer passar? Acabo já; enquanto isso, veja se desata a amarra.

— Mas, nós dois poderemos com a barca?

— Tentaremos. Daqui a pouco será noite. Pode ser que apareça mais alguém.

E o homem, que de novo me fixa o olhar, pergunta-me, enquanto levanta a manga do paletó:

— Vejo que você é um forasteiro... Sim, da nossa região você não é! De onde vem?

— Do Serviço Militar.

O homem atira o seu gorro ao bote, faz um movimento de cabeça com o propósito de arranjar os cabelos que mais parecem fios de prata e pisca-me o olho, deixando-me ver, num sorriso, seus dentes estragados:

— Com licença ou... secretamente?

— Desmobilizado. Minha esquadra está licenciada.

— Ah! Ah! Quer dizer: licença absoluta?...

Sentamo-nos juntos dos remos. O Don nos arrasta como um brinquedo para o próximo marçido do bosque inundado que se acha à mar-

gem oposta. Com um ruído seco, a água raspa a proa afilada. As pernas nuas do barqueiro, raiadas de veias azuis, mostram músculos retesados. As plantas dos pés, amortecidas de frio, estão pegajosas de tanto apoiar-se contra as travessas escorregadias. Os braços são robustos e ossudos; as articulações dos dedos mostram os nós salientes. Seguro e seco, rema, inflexível, com as espáduas curvas. O remo corta, firme e rápido, a crista das ondas, mergulhando profundamente nas águas.

Ouçó o respirar simétrico e livre do homem. Sua blusa de malha de lã desprende um cheiro forte de suor e de fome. De repente, larga o remo e volta-se para mim:

— Tenho a impressão de que não avançamos... Parece que somos impelidos para o bosque... Mau, mau!

O bote retrocedeu, repentinamente, arrastado por impetuosa corrente. Deu uma volta perigosa, e deslizou incontinentemente na direção do bosque.

Meia hora depois nós nos vimos entre as árvores do arvoredado alagado. Os remos se haviam quebrado. Nas forquilhas pendiam, indolentes, pedaços de madeira, pendulando pra-lá, pra-cá... E a água, com um ruído trágico de morte, já penetrava no bote, por um rombo aberto no fundo. Subimos a uma árvore e tratamos de nos acocorar ali para passar a noite. O barqueiro estava sentado junto de mim, com as pernas apoiadas num galho. Chupava o cachimbo, falava e ouvia, ao mesmo tempo, o zumbido com que os gansos silvestres cortavam, voando acima das nossas cabeças, a espessa obscuridade que se desdobrava pelo espaço.

— Bem! Bem! Com que então, vai para casa ver a família. A mãe já o esperava, naturalmente. Enfim, volta o filho, aquele que ganhará o pão para todos... Agora vai acalantar o velho coração de sua mãe. Sim... Você, porém, não se preocupa de maneira alguma, que sua mãe sofra por si, durante o dia, e chore lágrimas amargas, durante a noite, dias e dias, noites e

Sentamo-nos juntos



noites... Assim são todos os queridos filhinhos; assim são vocês todos... Falta-lhes coração para bem compreenderem os sofrimentos dos pais. E o que pais e mães suportam por causa dos filhos!

Acontece, às vezes, que ao abrir o peixe, a mulher esmaga, sem querer, o fel. Mal prove, alguém, depois, a sopa, senti-la-á tão amarga que de certo não a poderá tomar... E assim é a minha vida... Eu vivo, mas condenado a provar sempre do mais amargo... Resisto, suporto com paciência. As vezes, porém, penso: Vida! Vida! Quando chegará teu fim? Você não é daqui. E' forasteiro. Diga se não seria melhor que eu me enforcasse. Ouça. Tenho uma filha. Chama-se Natascha. Vai completar dezessete anos. E ela me diz: «Pai, repugna-me comer com você na mesma mesa. Quando vejo suas mãos — diz — recordo-me de que com elas você matou meus irmãos e isso me dá voltas ao estômago.»

A vaca não compreende por que isso aconteceu. Não compreende que foi por causa dela mesma e dos meninos...

Casei-me muito moço, e Deus me deu uma mulher fecunda como uma coelha. Oito comilões lançou logo, um atrás do outro, e ao parir o nono, morreu. O parto foi bom, mas ao cabo de cinco dias, levou-a a febre. Fiquei só. Dos meninos, Deus não me quis levar um que fôsse, embora isso muito lhe pedisse... O maior deles era Ivan. Saiu a mim: cabelos negros, cara regular. Um cossaco guapo e valente no trabalho. O outro menino nasceu quatro anos depois de Ivan. Este saiu à mãe. Pequeno e barrigudo. Cabelos louros como o trigo, pele quase branca, e olhos um tanto azulados. Chamava-se Danilo, e era o filho que eu mais queria. Dos outros sete, os maiores eram meninas e os outros, vermes inúteis...

Para Ivan arranjei casamento e logo teve um filho. Procurava casar Danilo, quando surgiram os tempos agitados. Em nossa aldeia de cossacos

houve um levante contra o poder soviético. Ivan, então, veio correndo a ver-me e gritou: «Pai! Vem! Vamos com os vermelhos. Peço-lhe pelo amor de Cristo! Vamos defender os vermelhos! Eles representam um governo justo!»

Danilo também me quis convencer. Pediu-me muito. E eu lhes disse: «Olhem, não os obrigo a coisa alguma. Podem ir para onde queiram. Eu ficarei. Além do mais, tenho aqui ainda sete bôcas, e preciso dar de comer a todas.»

E eles se foram. Todos, na aldeia, se armavam. Cada qual como lhe era possível. A mim também me foram buscar.

— Para a frente!

No ponto de concentração eu lhes disse:

— Companheiros, todos aqui sabem que sou chefe de família, sete filhos tenho em casa, dormindo sobre velhos colchões. Se eu morrer, quem cuidará deles?

Deixaram-me falar tudo o que eu quis. Sem a menor piedade, mandaram-me para a frente. As posições não eram longe da nossa aldeia. E um dia — era precisamente na véspera da Páscoa — trouxeram-nos nove prisioneiros. Entre eles estava Daniluschka, meu filho querido. Foram conduzidos à presença do comandante. Os cossacos saíram das suas casas, fazendo um ruído infernal:

— Precisamos matar esses cães! Quando voltarem do interrogatório havemos de, sem mais aquela, torcer-lhes o pescoço!

E eu ali estava aturdido, as pernas trêmulas. Trato, porém, de dissimular o meu desespero e abafar o bater de meu coração ante o perigo que ameaça Danilo.

Percebo que os cossacos cochicham entre si e me olham significativamente. De repente, aproxima-se de mim o sargento Arkascha e me diz: — Mikischara, queres estar presente quando dermos «passaporte» aos vermelhos?

— Claro que sim! — respondi-lhe. — Esses patifes!

— Bem! Aí tens uma baioneta! Deves ficar aqui, à porta!

E fixando-me o olhar:

— Cuidado, Mikischara! Abre os olhos, amiguinho, que te vigiamos e pode te acontecer alguma!...

Fico, então, firme, à porta. Na minha cabeça fervem idéias loucas: «Mãe de Deus! Virgem Santíssima! Terei que matar meu próprio filho?» No gabinete do comandante grita-se cada vez mais. Retiram os prisioneiros. O primeiro é Danilo. Ao vê-lo, corre-me pelo corpo um calafrio de terror. Sua cabeça já não tinha cabelos, estava inchada como um barril. O sangue escorria, empastando-lhe o rosto. Pregaram-lhe na cabeça pedaços de lã, a fim de tapar as feridas e amparar os golpes dos soldados. A lã absorvia-lhe o sangue colando-se-lhe ao couro da cabeça. Já muito o haviam espancado em caminho da aldeia. Meu Danilo surgiu à porta, cambaleando. Vendo-me, estende os braços... Quer sorrir... Tem os olhos amortecidos e um deles coberto de sangue. Não havia que titubear. Se lhe não desse um golpe, os aldeões me matariam ali mesmo, e meus filhos ficariam sem ninguém neste mundo de Deus... Quando Danilo chegou à minha frente, disse-me:

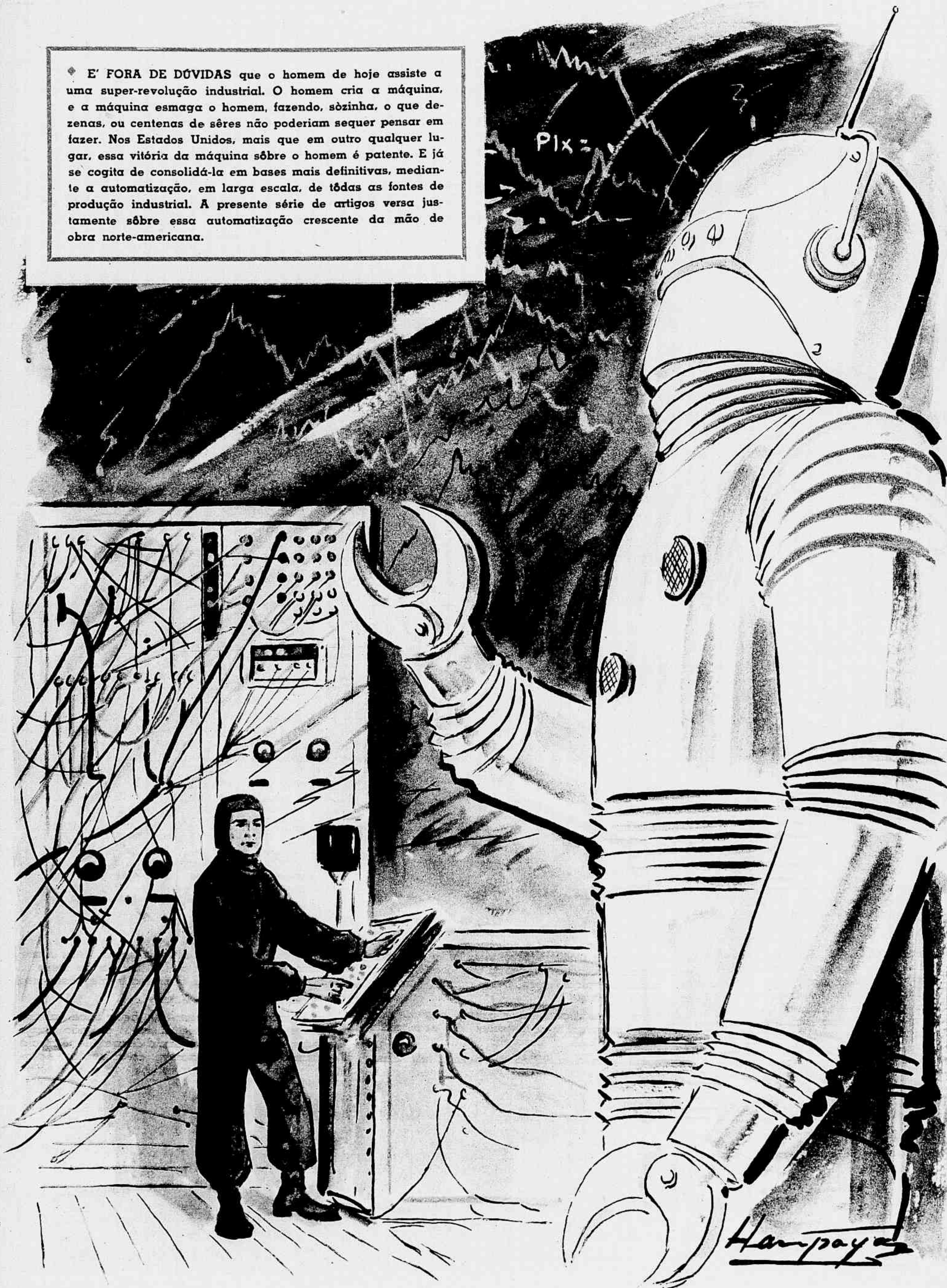
— Pai, pobrezinho! Adeus!

As lágrimas desceram-lhe pela face, abrindo um sulco no sangue. E eu... eu não podia levantar o braço, tão pesado ficara ele. Parecia de chumbo... Firmei, porém, os músculos. Apelei a baioneta, e com a culatra vibrei um golpe em meu filho... Aqui — olhe! — aqui por cima da orelha... Ele gritou «Uhuhuhu! Uh!» Cobriu o rosto com as mãos e caiu ao solo, como um trapo... Os cossacos riram, gritando: «Dá-lhe, Mikischara, dá-lhe mais! Tu dás com pouca força! Não tenhas piedade do teu Danilo! Bate-lhe forte, do contrário curtiremos o teu couro!»

(Cont. no próximo número)

dos remos. O Don nos arrasta como um brinquedo para...

♦ E' FORA DE DÚVIDAS que o homem de hoje assiste a uma super-revolução industrial. O homem cria a máquina, e a máquina esmaga o homem, fazendo, sôzinha, o que dezenas, ou centenas de seres não poderiam sequer pensar em fazer. Nos Estados Unidos, mais que em outro qualquer lugar, essa vitória da máquina sôbre o homem é patente. E já se cogita de consolidá-la em bases mais definitivas, mediante a automatização, em larga escala, de tôdas as fontes de produção industrial. A presente série de artigos versa justamente sôbre essa automatização crescente da mão de obra norte-americana.



AUTOMATISMO

MÁQUINA versus HOMEM

Por NORMAN LUNENFELD

Ilustração de LLAMPAYOS

Especial para a REVISTA DA SEMANA — Copyright United Press

CAPÍTULO I

AUTOMATISMO, eis a palavra de ordem. Foi posta em moda por um grupo de engenheiros, a fim de escrever uma nova maneira de se alcançar certos objetivos, em fábricas e oficinas.

E' o predomínio da máquina sobre o homem, em escala jamais imaginada. E' também um novo modo de vida. Se será, ou não, um melhor modo de vida, é o que tanto os engenheiros como os sociólogos ainda estão discutindo. Esse artigo, e os que seguirão, tentará descrever o cada vez maior desenvolvimento do automatismo nos Estados Unidos. Faremos igualmente um esforço no sentido de penetrar no futuro do automatismo, com as respectivas consequências trazidas para o modo de viver humano, do operário ao homem de gabinete.

O uso de máquinas substituindo o homem, e o uso do equipamento eletrônico em lugar do cérebro humano, é já um fato em inúmeros setores da atividade. Cientistas, políticos, físicos, músicos, bem como, é claro, os próprios engenheiros, já começaram a habituar-se a isso. Não há dúvida de que estamos penetrando na Idade do Robot.

x x x

Até mesmo a pesquisa bíblica está sendo levada a efeito por meio de cérebros eletrônicos. Os «Harvard Computation Laboratories Mk IV» estão trabalhando febrilmente no exame de 4.600 manuscritos gregos do Antigo Testamento, a fim de saber qual deles é o autêntico. Essa análise tomaria várias décadas de atividade humana, pelos métodos normais, porém, eletronicamente, em um ano, ao que se diz, está terminada.

O «Leitor-Analista» criado pela firma «Intelligent Machines Research Corporation», de Falls Church, Virginia, não apenas poderá estudar esses manuscritos gregos arcaicos: pode também ler qualquer palavra escrita a mão ou impressa, traduzindo-a instantaneamente, por um dispositivo automático.

No campo da música, a Victor anunciou seu «Sintetizador Eletrônico de Sonoridade», que pode imitar, com perfeição, qualquer som produzido no universo, seja ou não musical. Pode reproduzir, por exemplo, a voz humana com o acento de Brooklyn ou do Ceará — e repetir os mínimos ruídos ouvidos apenas por aparelhos eletrônicos. Pode reproduzir o som de um Steinway, de um órgão gigantesco ou de um reco-reco. Dizem os técnicos que, eventualmente, esse aparelho poderá substituir uma orquestra inteira. Contudo, ainda não consegue escrever música, o que não deixa de ser um alívio para muitos compositores...

Em Toronto, um robot forneceu e fornece, desde 1953, informações rapidíssimas e ultra-exotas aos 206 membros da Bolsa de Comércio local. Daquele ano até hoje, mais de 45 mil informações já foram por ele prestadas. E' suficiente apertar um botão, o qual se liga a um microfone por sua vez ligado diretamente ao cérebro eletrônico, para saber-se toda e qualquer informação sobre a oscilação dos valores, as cotações dos estoques de mercadorias, etc., etc.

O cérebro eletrônico se encarrega de escolher, numa longa lista, escrita em código, em apenas dois segundos, o que se deve ou não comprar, escrevendo automaticamente sobre um papel a resposta à indagação.

No campo da medicina, um Ólho Eletrônico foi inventado pela Airborne Instruments Company. Destina-se a substituir o próprio ólho dos clínicos, no diagnóstico do câncer. E' claro que um ólho eletrônico pode descobrir, na célula, sintomas cancerosos que o simples ólho humano jamais conseguiria divisar.

Pelos métodos modernos, técnicos especialmente treinados poderão estudar todos os casos que se lhes apresentarem em pouco tempo, separando os bons, dos maus, e indicando os casos suspeitos em separado, para um exame mais apurado, por parte de patologistas. Anualmente, 250 mil análises são realizadas só nos Estados Unidos.

O novo Analisador de Células pode, com a rapidez de um raio, descobrir se uma célula tem, ou não, indícios de câncer. Por uns poucos

níqueis, qualquer pessoa poderá saber se é, ou não, portadora do mal terrível, isso com uma brevidade que muito significará, para o combate, a tempo, da enfermidade. E' possível que 50 milhões de exames possam vir a ser feitos pelo novo método.

Quem ainda não telefonou para uma estação de estrada de ferro, indagando preços, tarifas, horários, para depois de tomadas todas as notas, seguir para a gare, em busca de seu trem? Ali, novo trabalho incômodo o aguarda: a compra do bilhete, após enfrentada incômoda fila humana.

Se hoje você deseja viajar para Philadelphia, poderá usar o Dispensador Eletrônico de Passagens da Pennsylvania Railroad. Basta dizer o que deseja ante um aparelho eletrônico, que se incumbirá, no mesmo instante, de lhe reservar um lugar no próximo trem, dando-lhe além disso um completo serviço de informações, tudo isso em meio minuto.

Também existe já o «Automaticket» da Estação Central de Nova York, que lhe dará uma passagem naquelas condições acima descritas, para qualquer uma das sessenta cidades servidas pelas linhas da companhia, em exatamente quatro segundos!... Se você não põe, na máquina, a moeda adequada à prestação da informação, a máquina acende uma luz vermelha. E o único ser humano a tomar parte em toda essa transação é justamente o viajante.

Também as jardas estão sendo «automatizadas». A estrada Union Pacific tem um robot que controla a velocidade de-seus comboios em cada metro das centenas de quilômetros de linhas que possui. O prejuízo anual de oitocentos mil dólares, causado aos trilhos da Union Pacific por trens que correm em velocidade demasiado alta, não será para o ano vindouro repetido.

O mesmo robot presta todas as informações sobre o que se passa nas extensas linhas da Union Pacific. E tudo — as centenas de comboios em movimento, as linhas através de todos os Estados Unidos, e uma infinidade de detalhes ainda — é controlado por apenas três homens...

x x x

Acaba de ser entregue ao Jardim Zoológico de Minneapolis um equipamento eletrônico que propicia, na própria jaula dos animais, uma temperatura ideal, justamente nos lugares mais visíveis ao público. Isso determina que os animais ocorram justamente para esses locais. Assim, ninguém mais se aborrecerá por ter passado duas horas diante da jaula de um leão sem ter travado sequer por um minuto conhecimento com Sua Majestade, que calmamente dormita por detrás de algum banco...

Se é necessário que os macacos saltitem, basta apertar um botão, para que a temperatura se eleve, determinando a reação dos animais.

Apenas se inicia, contudo, a Idade do Robot, e tudo o que nos circunda talvez venha a ser, para o futuro, dominado por um mero comprimido de botões. As dores e sofrimentos do mundo futuro serão em larga escala causadas pelas calosidades do dedo, que não se fartará em apertar botões...

♦ NORMAN A. LUNENFELD formou-se em 1938 pela Faculdade de Direito de Colúmbia, mas, desde cedo, retirou-se das atividades jurídicas, dedicando-se exclusivamente à indústria, como vice-presidente da Tell Shell Corporation. Tem 37 anos, é casado, mas não tem filhos. A sua principal ocupação, presentemente, é escrever sobre assuntos de sua especialidade. Mora em Manhattan.



POR ESSE MUNDO DE DEUS

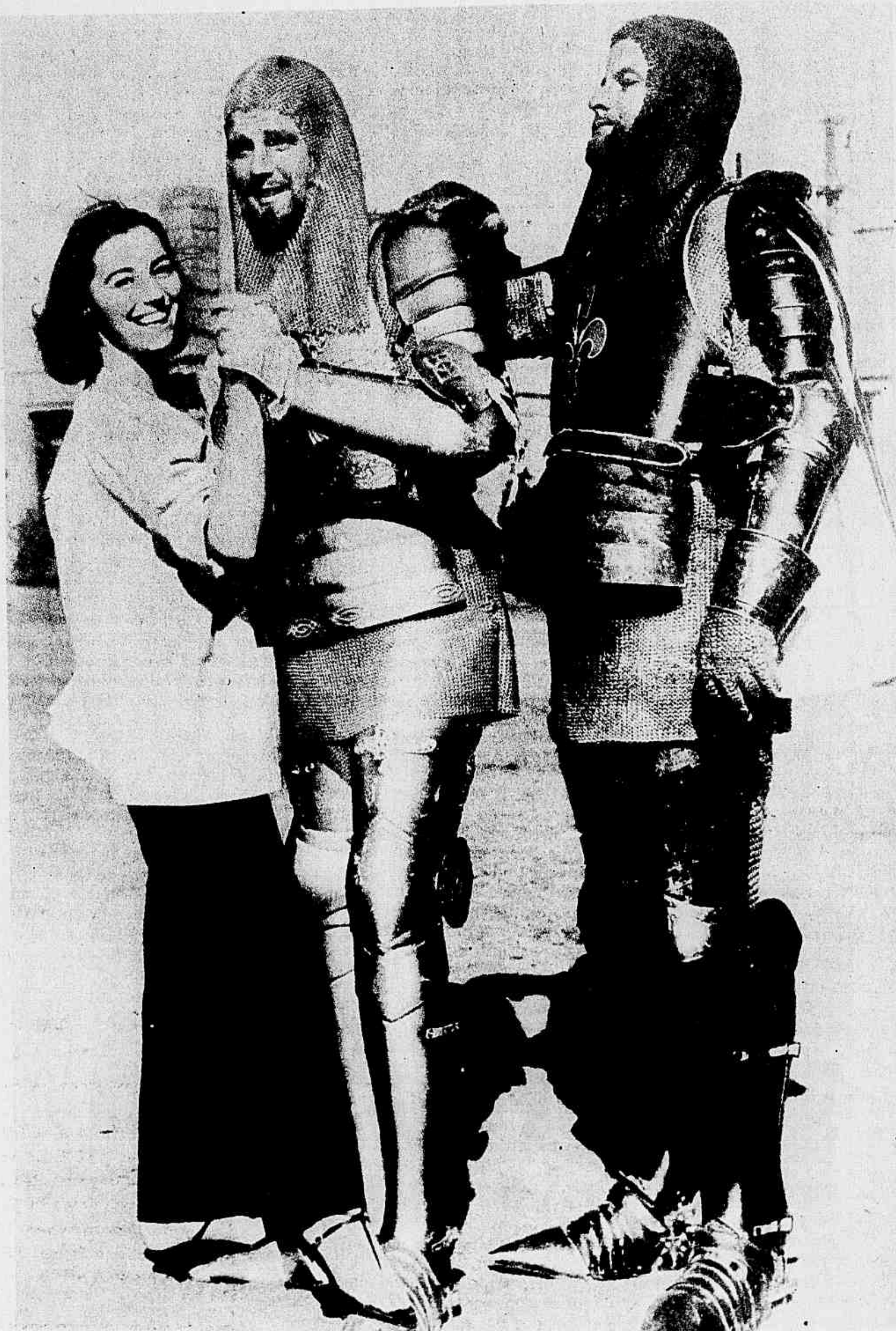
ESSA FREIRA católica é a ex-militante comunista «Paola», que de 43 a 47 fez parte do P.C. Italiano. Depois, convertida ao Catolicismo, ingressou na vida religiosa, sob o nome de Irmã Damiana. Tem 32 anos.

MARISA PAVAN, recém-casada com Jean Pierre Aumont, dança com duas sardinhas enlatadas, Roger Moore e Sean McClory, num intervalo de filmagem da película que estão realizando, um drama histórico que se chamará «Diana».



MALENKOV BANCA o bonzinho em Londres. Ele o acariciar uma criança britânica, por ocasião de sua chegada à capital da Inglaterra.

SIR LAURENCE OLIVIER ama os gatos. O grande ator inglês aqui é visto dando um beijo em sua gata siamesa favorita de nome «New».

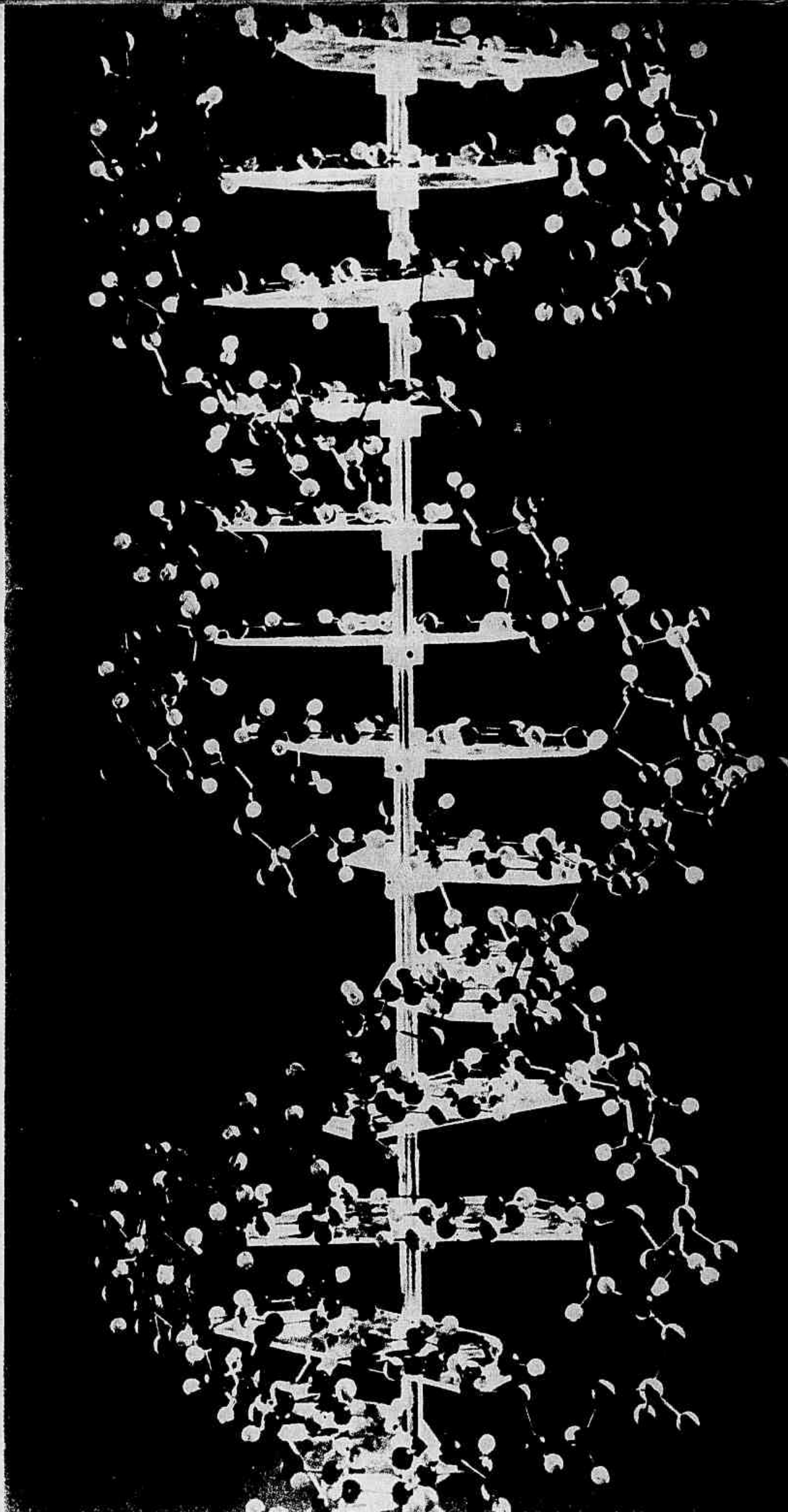




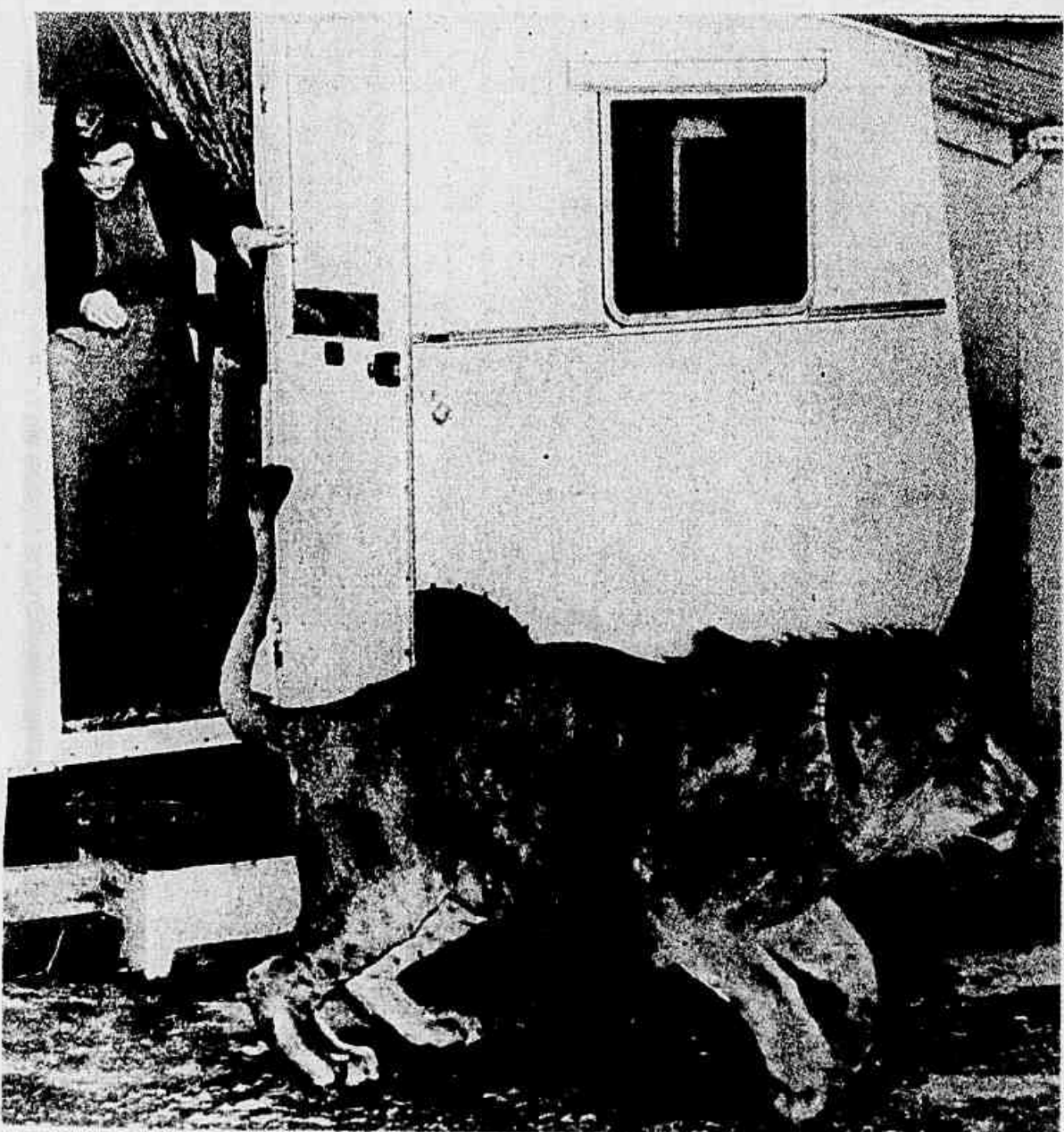
FREDDIE BARTHOLOMEW em dois tempos: à esquerda, quando menino-prodígio do cinema americano; acima, há poucos dias, ao lado da mulher, que acaba de ser mãe (pela primeira vez) de uma bonita menina que se chama Kathlee.



PARECE um «móvil» de Calder, mas se trata da reconstrução espacial de estrutura do ácido nucleico. Cada bolinha corresponde a um átomo. Os cientistas tentam construir, plásticamente, a célula.



UM LEÃO está nas ruas. Aconteceu em Southport, Inglaterra. A família Farrar, de domesticadores circenses, descuidou-se um pouquinho, e logo «Rajah» evadiu-se. Com grande medo dos vizinhos, é claro.



ESSA PEQUENA, neta dos barões de Rothschild, foi presa em flagrante quando, em companhia do tipo tenebroso da esquerda, se entregava ao uso proibido de estupefacientes. Que lindo papelão, hein, minha filha.





«FUI O MAIOR amigo de Fernando Pessoa. O maior? Não: o único. O enorme poeta foi um incompreendido. Os dois calhamações que lhe dedicou João Gaspar Simões são uma traição.»

ANTÔNIO BOTTO

O AMOR E A ENFERMIDADE

UM DOS MAIORES POETAS PORTUGUESES DE TODOS OS TEMPOS FALA-NOS, DE SEU LEITO DE ENFERMO, DE SEUS LIVROS E DE SUA VIDA ★ ONDE APARECEM FERNANDO PESSOA E MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO ★ O AMOR ABSTRATO ★ TRADUZIDO EM VINTE IDIOMAS, SAUDADO COMO UM GÊNIO POR GARCIA LORCA E PIRANDELLO, UNAMUNO E RUDYARD KIPLING ★ SEU AMOR PELO BRASIL E PELOS BRASILEIROS

Reportagem de JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE — Fotos de ALBERTO FERREIRA

O poeta Antônio Botto está enfermo. Não de enfermidade tão grave como determinadas reportagens estampadas em jornais fizeram a princípio supor. Nada de derrames cerebrais, nada de paralisias. Em seu leito, no quarto 18 da décima quarta enfermaria da Santa Casa de Misericórdia, o autor de «Canções» faz questão de, ele próprio, explicar sua situação:

— Meu amigo Lúcio Cardoso, e, após ele, dois ou três outros jornalistas, exageraram um pouco. Sou vítima de um envenenamento de certa gravidade, causado por uma infecção na garganta. Assim que meu estado geral o permita, submeter-me-ei a uma operação. Espero brevemente estar em condições de prosseguir meu trabalho intelectual.

Também a propalada indigência do poeta português não passa, felizmente, de excesso de imaginação. Aliás, o senhor Antônio Faria, embaixador de Portugal, tão logo soube da moléstia de Antônio Botto, ofereceu-se, por intermédio do vice-cônsul Diniz, para auxiliá-lo em tudo quanto pudesse. Mas não foi preciso:

— Não estou na indigência, de modo algum. Tenho ainda minhas propriedades em Portugal, e meus livros, publicados em várias editoras portuguesas, como a «Bertrand» e a «Ática», e estrangeiras, rendem-me direitos autorais. É verdade que, de muitos volumes, já cedi todos os direitos que possuía a editores, por não poder fiscalizar as importâncias que me são devidas por livreiros de todas as partes do mundo.

Exibimos-lhe seu livro de poemas «Ódio e Amor», editado em 1947 pela «Ática», e Botto fica admirado ao saber que pagamos cento e quarenta cruzeiros pelo volume:

— Em Portugal, custa 35 escudos. Já se vê que o tal intercâmbio de livros entre os dois países não passa de balela...

QUEM É ANTÔNIO BOTTO

Antônio Botto nasceu a 17 de agosto de 1902, em pequenina aldeia, Concavada, próximo a Abrantes. Ele nos fala de sua terra natal, cheio de doçura:

— É uma aldeia pequenina, bonita... Todas as terras natais nos parecem bonitas... Lá tenho casa, terras, árvores...

A voz do escritor é calma e suave, enquanto ele nos vai desfilando suas lembranças:

— Aos sete anos, parti para a Inglaterra. Que país maravilhoso, meus amigos: ensina-nos a andar, a comer, a vestir, a pensar.

Em seguida, Botto fixa os princípios de sua carreira literária:

— Publiquei diversos volumes antes daquele que me tornaria famoso: «Canções», de 1920. E depois, já escrevi mais algumas dezenas: livros de poemas, ensaios, peças teatrais, romances... É curioso, porém, o êxito alcançado pelas «Canções». Até hoje, sou praticamente identificado como o autor desse livro, que tanta celeuma despertou, quando de sua publicação.

Essa celeuma, recorda-se, foi causada por alguns velhos medalhões da literatura portuguesa, de inícios do século, irritados com a ousadia de determinados temas escolhidos pelo jovem poeta, então na flor de seus dezoito anos.

— Fui vítima de muita maledicência, mas jamais liguei importância a meus detratores. O amor é qualquer coisa de abstrato; se o ponho no masculino, é que a própria palavra «Amor» já o é. Se fôsse feminino o amor, seria «Amora»...

O poeta ri, bem-humorado, e prossegue:

— De qualquer modo, o livro teve êxito retumbante, e várias edições se esgotaram em pouco tempo. Garcia Lorca e Unamuno, na Espanha, Pirandello, na Itália, Rudyard Kipling, na Grã-Bretanha, e Guerra Junqueiro, em Portugal, falaram a seu respeito. Pirandello o verteu para o italiano. E Fernando Pessoa, o grande autor de «Ode Marítima», que antes de escrever versos em português lê-lo em inglês, traduziu, uma a uma, as poesias de meu livro, apresentando-as sob o título «Songs».

O nome de Fernando Pessoa aguça a curiosidade do repórter, o qual imediatamente deseja conhecer algumas particularidades sobre sua vida.

— Ah! meu amigo, Fernando Pessoa está inédito. Nunca teve ninguém que o compreendesse.

— Mas, se não nos enganamos, João Gaspar Simões dedicou a Pessoa dois...

— ...dois pavorosos calhamaços. Não há outra denominação. Aquilo não é um livro — é uma traição. Cortei relações com Simões, por causa

dessa obra. Acho que esse ensaísta devia ser proibido. É superficial, daninho. Escreveu um livro intitulado «O mistério da Poesia»; mais de metade do volume versava sobre a minha obra. Pois bem: nunca li nada tão errôneo. Positivamente, Simões não pode ser levado a sério. Que diferença entre ele e José Régio! Esse escreveu também uma tese sobre minha poesia: «Antônio Botto e o Amor». Acertou em cheio, foi sutil e penetrante.

Insistimos para que nos conte algo sobre Pessoa e Botto afirma:

— Ponha lá que Fernando não apreciava a música. De nenhuma espécie, clássica ou popular. E ponha também que era um homem que gostava, como poeta, e talvez demasiadamente, de brincar com palavras. E ficava feliz quando alguém acreditava no que dizia em versos. Pois não é dele a seguinte quadra:

«O poeta é um fingidor:
Finge tão completamente
Que chega a pensar que é dor
A dor que de fato sente?»

Essa é a grande restrição que faço a Fernando Pessoa. Para mim, Poesia é Emoção, é Sentimento; Fernando nem sempre entendeu assim. Já Mário de Sá-Carneiro está mais próximo do meu modo de sentir.

Queremos também saber algo sobre Mário de Sá-Carneiro, e Botto, que pessoalmente o conheceu muito pouco, afirma:

— Um homem feio, terrivelmente feio, e que sabia disso. Gordo, desajeitado, sua triste figura foi a causa de sua perdição. No entanto, possuía as mais belas mãos que acaso vi num homem. Assim o compensou a Natureza!

BOTTO E AS VIAGENS

Já tínhamos ouvido falar das peregrinações do autor de «Curiosidades Estéticas»; não as sabíamos, porém, tão numerosas:

— Pode dizer que, com exceção dos Pólos, e do Amazonas, praticamente o resto do mundo não escapou à minha visita. Conheço a Eu-



ANTÔNIO BOTTO folheando um livro de poemas seu. Escreveu cerca de noventa volumes. Foi elogiado por Garcia Lorca, Kipling, Joseph Conrad e Pirandello. Jaz, enfermo, num leito da Santa Casa de Misericórdia.



O POETA quando concedia a entrevista. O médico é o dr. Luciano Rossi, segundo Botto «um grande e abnegado coração, cheio de competência».

ropa inteira, inclusive a Rússia; a Ásia, a África e as três Américas. Estive nos Estados Unidos, e trabalhei na Rádio Canadá, num programa em que tomava parte também a cantora Peggy Lee.

— Como veio para o Brasil?

— Isso foi há nove anos atrás. Cheguei aqui exatamente a 17 de agosto de 1947. Aliás, dia de meu aniversário. Cheguei, e logo amei o Brasil. É um país admirável, que a cada dia desperta completamente esquecido dos infortúnios da véspera. E que índole boa, a do brasileiro! É verdade que também aqui sofri — e muito. Quando estive em Niterói, exercendo a minha atividade por assim dizer material — a construção civil, de vez que sou arquiteto —, não faltou quem me injuriasse e perseguisse.

E num suspiro:

— Em toda parte — infelizmente, existem os maus.

ONDE SURGE A POLÍTICA

Alguns jornais andaram pondo, em boca do poeta, opiniões políticas que ele, em conversa conosco, e, posteriormente, em carta que conservaremos como preciosa relíquia, indignado desmentiu:

— Sou, visceralmente, anti-político. Não aprecio a política, não tenho uma pitada desse veneno na alma. No entanto, houve quem inventasse que sou contrário a Salazar. Ora, admiro a obra grandiosa desse estadista. Salazar é, para mim, um homem tão inteligente, que chega a me causar... a me causar aflição. De resto, não sou um político: sou um poeta.

POR QUE ESTÁ O POETA NA SANTA CASA?

Como já ficou dito linhas acima, circularam notícias de que Antônio Botto encontrava-se na miséria, por isso tendo recorrido, como indigente, à Santa Casa de Misericórdia. E' com prazer que podemos, agora, desmentir essa notícia, pela própria boca do poeta:

— No dia 29 de dezembro do ano passado, saí eu da Beneficência Portuguesa, onde passei dois meses praticamente entregue à minha própria sorte. Como meu grande e caro amigo, o ministro Lafayette de Andrade, é o Provedor-Mor da Santa Casa de Misericórdia, resolvi pedir-lhe um leito nesse magnífico hospital. A princípio, foi um pouco difícil, mas logo se deu um jeito. Como vê, não estou na indigência, de modo algum.

Botto não tem palavras com que expressar o que sente pela Santa Casa e pelos seus dirigentes:

— Já prometi ao ministro que, tão logo saia de meu leito, escreverei um livro narrando o que é essa instituição magistral, onde todos, do servente ao provedor-mor, me cercam de tanto carinho.

Nesse momento, penetra no quarto o médico que vem acompanhando o estado de saúde de Antônio Botto, doutor Luciano Rossi. Deseja apenas saber de seu cliente como vai passando, e lembrar-lhe que não deve falar em demasia.

— Ele me proíbe de falar, mas quando estou entre amigos esqueço-me da enfermidade. Este médico é um santo, ponha isso na sua revista. Não

sei o que seria de mim, sem seu auxílio. Seu, e do doutor Lucena, outro abnegado.

E, como o doutor Rossi se retirasse rapidamente do quarto, a fim de evitar os elogios do poeta:

— E é um santo modesto, extremamente modesto.

UM REQUERIMENTO ORIGINAL

Conta-nos Botto que estranhou muitíssimo a falta de uma irmã de caridade, quando ingressou na Santa Casa:

— Com elas ao lado, sofre-se com maior paciência.

Tanto, que fez, em versos, um requerimento interessantíssimo a Lafayette de Andrade, solicitando-lhe a assistência de uma freira. O requerimento começa e termina por essas quadras:

Aqui faz falta uma boa Irmã,
Com aquela figura singular
De chapéu engomado na brancura
Dessas almas que nascem para amar.

Que esse simples, leal requerimento
Feito assim na poesia de um sentido
Mais alto do que as nuvens pelo céu
Mereça ser ouvido...

E deferido.

VÁRIOS LIVROS INÉDITOS

— Possuo vários livros inéditos. Nos Estados Unidos, por outra, desejam fazer uma edição imensa das «Canções». Será mais uma tradução de obra minha, a qual virá juntar-se às muitas dezenas existentes. Não sei se sabe que Kipling traduziu para o inglês dois romances meus, «A Nuvem», e «Ele que diga se eu minto».

Não sabíamos. Em compensação, não ignorávamos que seu volume de contos infantis, «O Livro das Crianças», fora adotado oficialmente pelo governo do Eire pelo texto oficial a ser utilizado pelos alunos das escolas primárias irlandesas — o que, por si só, é uma honra imensa.

POESIA. PINTURA

Para Antônio Botto, jamais houve poeta como Gil Vicente. O grande autor português foi objeto de apurados estudos, de parte do poeta moderno, que assim nos explica as razões dessa admiração:

— Quando li Gil Vicente, e sempre que o leio, foi e é como se eu mesmo tivesse escrito aquilo. Compreendo-o intimamente, profundamente. Adaptei — sem destruir o pensamento e o clima originais — vários de seus Autos. Adaptei-os à língua moderna que eu mesmo inventei. O que era a princípio «A Farsa dos Físicos», por exemplo, foi por mim rebatizado como «O Auto dos Médicos». Suprimi algumas passagens que julguei

(Cont. na página 58)

REALEJO

HÉLIO ABREU

◆ O velho Pépe é uma das mais populares figuras da zona central de São Paulo. Veio da Calábria há uns cinquenta anos e desde que aqui chegou não faz outra coisa senão tocar realejo. Sim, meus senhores, esta coisa de tocar realejo é um assunto muito sério. Para mim, ninguém o toca melhor que o Pépe! E o seu periquito ensinado, que delícia, levando no bico o papêlzinho mágico que desvenda nosso futuro? E' isso mesmo. Pépe vende nossa sorte por apenas dois cruzeiros. Eu, em minha ingenuidade de supersticioso, volta e meia dou uns cruzeirinhos a Pépe. No fundo não acredito muito no que dizem os tais papêlzinhos, confesso. Mas, mesmo, assim, sempre que ouço o velho realejo (talvez mais velho que Pépe) funcionando, dou de mão na carteira e entro com a minha contribuição em prol do incremento da superstição entre os homens. Cedo descobri que o que eu (em verdade) queria era ouvir realejo. Strauss, Chopin, Verdi e tantos outros «bigs» da boa música internacional vão ao ar misturados com samba de Ataúlfo Alves e canções de J.B. de Carvalho, tudo numa muito romântica-salerosa confusão. Pelo menos no realejo do Pépe é assim... Ainda ontem ouvi o «Danúbio Azul», dolente e apaixonante, seguido de «Amélia», o famosíssimo sambinha de Ataúlfo. O contraste violento fêz com que a minha curiosidade perguntasse a Pépe o porque dêste coquetel. O velhinho, mais sabido do que recomendam os seus setenta e muitos janeiros, disse: «Senhor. A época romântica já acabou. Os realejos estão rareando. Sabe por que? E' que meus colegas não fazem como eu, que tenho uma música para cada tipo de freguês. Quando avisto uma moreninha faço tocar um samba; se vejo um homem de mais de cinquenta anos, lá vai valsa e para a rapaziada em geral toco música americana. Esse o segredo do velho Pépe. Este realejo só é velho na caixa. As melodias eu as faço renovar de seis em seis meses.» E' o velho arranhou melhor as correias de seu instrumento, ajeitou o periquito e desceu devagar a rua Timbiras. Neste momento o vento brando que soprava em sentido contrário fazia flutuar seus cabelos brancos, dando a impressão de que dançavam a um compasso de valsa.

travada com o sr. Paulo Marzagão, atual Delegado do Ministério do Trabalho em São Paulo. Marzagão (o que se afirma) tem 50 anos, ao passo que Florence fêz há pouco 45.

◆ DINAMO — O conhecido banqueiro e capitão de indústria sr. Manuel Ferreira Guimarães é um dos homens mais ocupados do país. Além de presidir a Phillips do Brasil, a Cia. Minas da Passagem (ouro), o Banco de Minas Gerais, Panair do Brasil, etc. tem êle interesses em mais meia centena de sociedades. O sr. Manuel Ferreira Guimarães descende de uma das melhores famílias do Estado de Minas, e é tido como um dos mais atualizados financistas do país.

◆ POLITICA — O sr. Carneiro Giffoni será mesmo candidato a deputado federal à próxima legislatura. Consta tenha o PSD de São Paulo oferecido sua legenda ao conhecido político e homem de letras, o mesmo fazendo o PTB, por intermédio do Major Newton Santos.

◆ SEMPRE — Numa mesa do «Captain's Bar foram vistos «sentados» juntos os deputados Carlos Castilho Cabral e Dagoberto Salles. Numa outra mesa, também bebericando, fêz o sr. Luciano Nogueira o seguinte comentário: «O Castilho é de morte. Tem valor e está sempre contra o governo federal... desde que esteja bem com o governador do Estado. Vai longe o Castilho.» (Nota do repórter: O deputado Castilho Cabral acaba de completar cinquenta anos de idade. Sua conversa com o deputado Dagoberto foi em torno de seu natalício, pois Castilho estava deprimido, julgando-se velho).



Porfírio da Paz



Mário Eugênio



Carneiro Giffoni



Waldyr Lisboa



Geraldo Nóbrega

◆ ACERTO — A imprensa paulista focaliza (com destaque) os esforços do prefeito Toledo Piza em favor do restabelecimento do eixo PTB-PSP. O governador Jânio Quadros não vê com bons olhos o que se processa sob a inspiração do prefeito.

◆ LIVROS — O sr. Oscar de Campos Barros (vinte viagens a Paris) está programando uma nova série de publicações para a Livraria Civilização Brasileira, da qual é diretor-presidente. É o sr. Campos Barros um dos brasileiros mais apaixonados pela pintura de Rembrandt, e um dos mais elegantes homens de São Paulo, segundo dizem os cronistas sociais.

◆ GUILHOTINA — Causou a melhor repercussão em São Paulo a notícia de que o presidente Kubitschek optou pelo nome do sr. Altino da Silva Ribeiro para o cargo de Delegado do Imposto de Renda, (cargo, aliás, já anteriormente ocupado por Silva Ribeiro).

◆ DEGOLA — O governador iniciou a reforma da polícia, demitindo um delegado distrital e seis investigadores. Boa notícia, grandes esperanças de moralização em alguns (felizmente poucos) setores da Secretaria de Segurança.

◆ DIRETOR — O sr. Nicolau Tuma assumiu a direção do Serviço de Trânsito de São Paulo. Em declarações

à imprensa disse pretender introduzir inovações capazes de sanar as grandes falhas existentes naquela repartição. Vale dizer que o mais chato policiamento de trânsito do mundo é o da capital paulista, onde os guardas (que não sabem trabalhar) vivem exigindo a exibição de documentos sob qualquer pretexto. Se o cidadão busina demais, tem de mostrar a «carta»; se avança o sinal, idem. Até o fato de um chofer ter cara feia é motivo para o clássico pedido de identificação. Ora, senhores guardas, para que existem as multas?

◆ GRAVATAS — A maior coleção de gravatas de São Paulo pertence ao advogado Geraldo Nóbrega. Dizem que possui gravatas de todas as procedências, inclusive siamesas. É o sr. Geraldo Nóbrega considerado um dos homens que melhor se vestem em São Paulo, e também o detentor de uma das maiores (e mais rendosas) bancas de advocacia do Estado.

◆ LISBOA NAO VIRA — Não foi confirmada a notícia de que o sr. Waldyr Lisboa ocuparia alto posto no Banco do Brasil. Ao que parece, o atual diretor do Banco Hipotecário e Agrícola de Minas Gerais pretende ficar em São Paulo, cidade onde sua família já se aclimatou.

◆ DUELO — O sr. Arnaldo (banqueiro) Florence venceu, pelo escore de cinco anos, a disputa de idade

◆ SAI JANIO — Conforme foi amplamente noticiado, o governador Jânio Quadros embarcou há dias para os Estados Unidos e Inglaterra. A viagem tem por motivo uma operação, em ambas as vistas, a que irá se submeter o chefe do executivo paulista. Assim, caberá ao general Porfírio da Paz assumir as rédeas do Estado. Consta que todo o secretariado será mantido, inclusive o próprio secretário particular do governador, sr. Afrânio de Oliveira.

◆ ANIVERSARIO — A fábrica de máquinas de costura Vigorelli (Judial) comemorou seu terceiro ano de existência. Nada menos de 120 mil máquinas foram entregues ao público neste espaço de tempo.

◆ PTB — Dizem estar prestes a nomeação do sr. Mauro Amaral para importante cargo federal. É o sr. Mauro Amaral pessoa de destaque do petebismo (sadio) paulistano, tendo empalmado, no passado pleito, a candidatura Kubitschek.

◆ VAI LONGE — O grupo do Banco do Comércio de São Paulo (Mário Eugênio) acaba de adquirir uma casa bancária no Rio de Janeiro. Trata-se da Casa Bancária de Depósitos e Descontos. O mesmo grupo detém, em São Paulo, o controle da Casa Bancária dos Municípios.

Desânimo Abatimento



Desânimo, abatimento, mau humor, palpitações, ansiedade, excitações nervosas, dores de cabeça e outros distúrbios mais sérios da saúde podem ser causados pelas inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Quando estes órgãos não funcionam normalmente, o gênio da mulher altera-se quase sempre, e ela pensa, não raro, que está sofrendo de muitas doenças, sem desconfiar, nem se lembrar, que os seus males podem ser provenientes de congestões e inflamações útero-ovarianas.

Em semelhantes casos, uma boa medicação descongestionante exercerá efeito salutar sobre todo o organismo, e a mulher sentir-se-á outra: reanimada, bem mais disposta e contente com a vida, que lhe parecia, antes do tratamento, um pesado fardo.

Trate-se

Use Regulador Gesteira

Regulador Gesteira é o remédio de confiança para tratar as congestões e inflamações dos órgãos útero-ovarianos, que tão desfavorável repercussão costumam ter no sistema nervoso.

Comece hoje mesmo

a usar Regulador Gesteira

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS Cr\$ 176.495.975,70

SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Telefone 43-8988

End. Telegr. «BANCOCIO» — Caixa Postal 633

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGENCIA MEIER: Rua 24 de Maio, 1355 — AGENCIA TIJUCA: Praça Saenz Peña, 9 — AGENCIA S. CRISTÓVÃO: Rua S. Luiz Gonzaga, 173 — AGENCIA RIACHUELO: Rua Riachuelo, 367 — AGENCIA URUGUAIANA: Rua Uruguaiana, 7 — AGENCIA COPACABANA: Avenida N. S. Copacabana, 1155 — AGENCIA MADUREIRA: Estrada da Portela, 44.

AGENCIA NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO: Rua Álvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.

MÚSICA

BOLIVAR COSTA

CONCURSO RÁDIO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Terminaram no dia 23 de abril próximo passado as últimas provas do Concurso Rádio Ministério da Educação, instituído para instrumentos de cordas, canto e piano. Nas provas de piano, dos 33 candidatos inscritos somente seis chegaram às finalíssimas, tendo sido classificados na seguinte ordem: 1º lugar — Artur Moreira Lima; 2º (em chave) — Eliana Caldas Silveira, Dirce Banca e Norma Boyunga; 3º (em chave) — Gilberto Tinetti e Gerardo Parente. Não obstante reconhecermos que o garoto Artur Moreira Lima («L'enfant terrible» da maratona) constitui-se a grande atração, em razão mesmo da sua pouca idade e da segurança e desenvoltura com que executou Chopin e Schumann, dar-lhe-íamos a primeira colocação apenas no caso de seguirmos o critério relativista que, segundo pensamos, foi adotado pela Comissão Julgadora. Mas como uma questão de fato, e analisando o problema do ponto de vista essencialmente musical, não teríamos dúvida em escolher entre Gilberto Tinetti e Gerardo Parente, inexplicavelmente colocados em último lugar.

Já no tocante às provas de canto, não houve qualquer critério diferencial: todos os candidatos se achavam em igualdade de condições. O meio soprano Valdez Silva Ramos foi a grande revelação do concurso. Possuidora de uma voz profunda, suave e cheia de emoção, arrebatou o auditório desde as eliminatórias às finalíssimas, obtendo a primeira colocação. E nem poderia ter sido de outra maneira. Consignamos aqui os nossos aplausos à comissão julgadora das provas de canto por se ter conduzido de maneira tão concienzosa, atribuindo a cada valor o seu devido prêmio. Quanto às provas de instrumento de cordas, nada foi mais lamentável. Salvaguardando a merecida vitória do excelente violoncelista pernambucano Ítalo Babini, não há argumentação que nos convença da superioridade do inexpressivo violinista Alberto Jaffé (2º colocado) sobre o quase «virtuoso» Salomão Rabinovitch, revoltantemente relegado ao último lugar. Para explicar tão estúpida inversão de valores, o que provocou uma decepção geral, só vemos duas possibilidades posicionais para a Comissão Julgadora: ou agiu de espírito previnido contra Rabinovitch ou então é inapta, incapaz de emitir um parecer sobre execução, interpretação, estilo — o que nos parece pouco provável por força do conhecimento musical que deve ter cada um dos seus membros. Por isso, preferimos acusá-la de fraudulenta. Ademais, sabemos que Alberto Jaffé participou do concurso confiado no prestígio do grupo do conhecido vespertino carioca.

DISCOS

CONCERTO EM LA MENOR PARA PIANO E ORQUESTRA, OPUS 16, de Grieg. Desta vez a execução está a cargo do jovem pianista americano Grant Johannesen, detentor do Primeiro Prêmio do Festival de Piano de Bruxelas. A orquestra é a Filarmônica da Holanda, regida por Walter Goehner. É das mais felizes interpretações da famosa obra de Grieg. O delineamento do magnífico colorido descritivo da dialogação ganha em clareza e precisão. E o mesmo disco de 12 polegadas (sêlo vermelho) contém a «Suite Holberg», ainda com a Orquestra Filarmônica da Holanda, dirigida por Mauritz Van Berg. Quanto à execução desta outra grande criação de Grieg, não temos dúvida em afirmar que é a melhor de quantas conhecemos. CLP — 12002 (Copacabana).

SUITE «LE COQ D'OR» (O GALO DE OURO), de Rimsky-Korsakov, e «UMA NOITE EM MONTE CALVO» de Moussorgsky. Gravação com a Orquestra da Rádio Estatal da U.R.S.S. regida por Nikolai Golovanov. A primeira vem numa versão original e integral, com seus quatro movimentos, e obedecendo à primitiva orquestração de Korsakov. «Uma Noite em Monte Calvo» traz, inclusive, a sua sub-divisão, que é a seguinte: 1 — Assembleia das Feiticeiras; 2 — Cortejo de Satã; 3 — Profana Glorificação de Satã; 4 — Sabbath das Feiticeiras. O que marca a execução dessas duas composições é a cor local, que salienta todas as nuances orquestrais. Disco de 12 polegadas (sêlo vermelho) CLP 12000 (Copacabana).

NOTICIÁRIO

Após os sucessos conseguidos na estréia da temporada deste ano a dupla Gulda e Klein, e posteriormente, com a apresentação das Marionetas de Salzburg, ABC-Pro Arte darão prosseguimento ao seu excelente programa. Ainda em maio apresentarão o «Quarteto de Budapest», em junho o pianista Rudolf Finkusny e o violinista Isaac Stern; a cantora negra Glaria Davy e a Orquestra de Câmara de Berlim (julho); e finalmente, o pianista Louis Kentner e a bailarina Tamara Toumanova; encerrará a temporada um «Festival Mozart».



O pianista Grant Johannesen



Glória May não vai deixar Portugal



Sarah Vaughan ameaça vir



Eliana excursiona com sucesso



Alicia Montserrat, moça argentina das noites do Rio

CARTA

Fernando LÔBO

♦ Fernando: Como você sabe, nasci em Casa Amarela. Ali passei minha infância, vivi toda mocidade até uns vinte e cinco janeiros. Minhas recordações pernambucanas, são, portanto, bem maduras, desde que carrego no costado um peso que se traduz naquele «qua-ra-qua-qua», como costumávamos «cantar» em nossas reuniões de jogo de vispora. Mas, o fato de haver nascido em Casa Amarela e permanecido naquele doce subúrbio recifense mais de metade de minha atribulada vida, não quer dizer que seja eu um bairrista, a tal ponto, de situar minhas lembranças, apenas em minha suave quierência. Não. Sou bastante saudosos de todo nosso «Pernambuco imortal», e, sei ainda de cor, os versos magníficos de Oscar Brandão na música do hino pernambucano. Fui moleque criado solto, de baladeira enfiada no pescoço à moda de traelim. Tomei meus banhos no Mata-Nêgo, lá no sítio «Passarinhos» do velho Cesário de Mello. E também no Pôrto da Raiz, em Beberibe, no açude de Macacheira, e, em Porta D'água, no banheiro de dona Tancinha. De rapaz, já andando em farras, sou do tempo da «zona» na rua de Santo Amaro e outras ruas congêneres, e, tenho ainda uma saudade danada da «Cristal», da «Boêmia» e da «Casa Branca», que veio muito depois. Comi meus sarapatéis no mercado do «Bacurau», que ganhou esse nome porque só funcionava durante a noite. Ali abasteciam-se os verdadeiros que de manhãzinha andavam de porta em porta, — calão no ombro, sustendo dois montes de balaios arrumados uns sobre os outros, — percorrendo a freguesia. Falo tudo isso e um mundo de outras coisas poderia lembrar, apenas para confirmar um pouco de minha pernambucanidade. E, se lhe tomo este tempão todo, é para lhe pedir alguma vigilância, em torno de certas opiniões e interpretações erradas dos nossos costumes e do nosso próprio linguajar, para que se não repitam tanto. Veja você, que há pouco tempo, com a chegada daqueles intrépidos jangadeiros pernambucanos que aqui vieram num raide sensacional, o cronista de «Mesa de Pista» do Globo, faz referências a pescarias em alto mar com tarrafas! Naturalmente ele habituara-se a ver aqueles pescadores do rio Capibaribe, e pensou que no mar grosso o sistema fosse igual. Agora esse mesmo cronista anda de pindimba com um seu colega, sobre o termo «abilolado». Palavrinha nossa, muito antiga aliás, como antiga também o é a nossa «apombocado».

Ora, qual é o pernambucano de nossa idade que desconhece a palavra «bilola»? Daí o significado de «abilolado» ser: mole, sem vitalidade, inofensivo. Da mesma forma o «abestalhado» é o nosso «mané-bestalhão», ingênuo de mais, sem malícia. Possuímos ainda o «abufelado», o «azucrinado» e o «aluado», que sofre da bola, ou melhor, dá a lua. E tantos outros... Essa história de ser o «abilolado» «criado por vó», é significação nova para termo velho e muito bem construído. São coisas da menor importância, é bem verdade, mas que devem ser vigiadas, meu caro Fernando, para que se não deturpem o sentido de palavras ou costumes do nosso populário.

Com um abraço do amigo mais velho, JARBAS.

♦ JANE MORGAN — Depois da Piaf, dificilmente o Copacabana poderia nos entregar uma atração que imediatamente fizesse esquecer a grande cantora de França. Grande para muitos, horrível para frequentadores que buscam físico, exigem estética, deixando de lado a arte e querendo mais para os olhos que para os ouvidos. A posição de Jane Morgan era difícil, mas a cantora americana soube sair-se muito bem dessa premissa. Estreou bem e logo no dia seguinte, sábado, viu um público de gente boa, principalmente gente moça, que entendeu as suas canções alegres, que nos fazem voltar à Broadway, com suas revistas coloridas. Nós dá a impressão exata que Jane Morgan fora pre-

parada anteriormente pelo seu «menager» para a grande aventura de Europa. Daí o seu repertório tão salpicado de coisas de Paris, e nos seus gestos uma malícia bem francesa. Esse preparo serve também ao gosto do Plaza, público sisudo de gente bem, ensacada a reta. Jane Morgan trás arranjos magníficos e em todas as suas canções encontra meio para uma interpretação bem sua. Não lembra ninguém e sempre se revela mais uma vedeta de «shows» que propriamente uma cantora de «boite». Vale ouvi-la e principalmente vê-la, pois a artista tem um sorriso constante que contagia e isso é bom remédio nesses tempos de agora em que ninguém acha mais graça em coisa alguma.

NOTURNINHO

♦ Com a voz e um corpo da cor da noite está lá dentro do Cangaceiro Mara Abrantes. Ela diz samba que o povo gosta, ela fala coisas que dá gosto ouvir. ♦ E tanto falaram e tanto abanaram que Louis Cole viria para o «Beguin» que ele acabou mesmo ficando por São Paulo, que é mais calmo. ♦ Há um trombone todo bom, agora num dos conjuntos do Meia-Noite. Espiem para ele. ♦ Majé e sua guitarra de cordas quentíssimas é também do «36». ♦ Eliana com Renato Murce numa série de «shows» pelo Nordeste do Brasil. ♦ Irene Hozko fala em voltar para as mãos de Machado. ♦ Boatos em torno da vinda de Sarah Vaughan. ♦ «La Cremaillere» agora com «shows». Presentes: Verônica Becker e os «melhores»: «Trio Iraquitã». ♦

DISCO DE OURO PARA OS MELHORES



Silvio Túlio Cardoso resolveu escolher os «melhores» e entregar a cada um, por conta de «O Globo» o «Disco de Ouro» que há de tornar-se tradicional se a idéia não morrer criança, como tudo nessas bandas. Vai daí que, vestidos nos seus «smokings» e nos seus vestidos de bailes «os e as melhores» compareceram ao palco do Copacabana e receberam os seus prêmios. Silvinha Teles, Trio Iraquitã, Haroldo Eiras, Caubi Peixoto, Vadico (que não compareceu e sim Paulo Soledade em seu nome) e muitos outros receberam em cena aberta o troféu que lhes cabia. Muitos aplausos, muita luz e depois foram todos ver Caymmi no «36». Na foto Haroldo Eiras e Caubi Peixoto, dois discos de ouro.



CHUCK WILSON vem buscar a namorada para passear, mal sabendo o perigo que corre, pois atrás da porta, de revólver em punho, o brutamonte Kobish a tudo observa cheio de ódio.

HORAS DE DESESPÊRO

DEPOIS que Chuck Wilson deixou Cindy em casa, quando voltava a pé para o seu próprio lar, vinha pensando no modo estranho que a namorada tinha, naqueles últimos dias. E agora, tinha já a certeza de que algo de muito grave se estaria passando. Pensava Chuck em tudo isso, quando dois policiais, acercando-se d'ele, detiveram-no sem qualquer explicação, conduzindo logo à presença de Jesse Bard, para indagações.

Debalde o jovem advogado explicou quem era: Jesse Bard, sem lhe prestar atenção, desejava unicamente interrogá-lo. Suspeitava que Chuck sabia de algo, e estendeu-lhe um jornal do dia, com as manchetes de sensação. Quando os olhos de Chuck incidiram sobre aquela que anunciava o homicídio de Patterson, que ele bem conhecera, e quando, ao ler a notícia, soube o moço que a polícia desconfiava que os três fugitivos deveriam estar abrigados numa das casas servidas pelo leiteiro, o rapaz empalideceu. Contudo, ele se recusou a dizer a quem fôra visitar, naquela zona interditada, e também porque se recusava a falar. Tinha receio de que algo que viesse a dizer prejudicasse de alguma maneira Cindy. Jesse estava para estourar com o moço, cujo silêncio tanto prejudicava a ação da polícia, quando o tilintar do telefone lhe desviou para o aparelho a atenção. Era a polícia estadual, contando as peripécias que culminaram com a morte de Hal Griffin, e dizendo que o revólver por ele conduzido estava registrado, na polícia, sob o número North Preston 6459 — residência de Daniel C. Hilliard.

Não havia mais qualquer dúvida, nem tempo a perder. Jesse Bard bem sabia disso, e imediatamente ordenou que todos os policiais, com os respectivos equipamentos, se encaminhassem urgentemente para a casa dos Hilliard, cercando-a totalmente, mas de modo a não serem vistos.

Jesse se levantara rispidamente de sua cadeira, pondo-se a caminhar de um lado para o outro. Chuck o interrompeu:

— Será que posso ajudar em alguma coisa? Se me dessem um revólver, por exemplo, eu talvez pudesse...

— Nada disso, Seu auxílio não nos interessa.

(THE DESPERATE HOURS)

CAPITULO VIII

Glenn Griffin	HUMPHREY BOGART
Hal Griffin	DEWEY MARTIN
Sam Kobish	ROBERT MIDDLETON
Dan Hilliard	FREDRIC MARCH
Eleanor	MARTHA SCOTT
Cindy	MARY MURPHY
Ralphie	RICHARD EYER
Chuck Wilson	GIG YOUNG
Jesse Bard	ARTHUR KENNEDY

«Screenplay» por JOSEPH HAYES — Noyelização de GIULIO ANFUSO — Direção de WILLIAM WYLER — Produção da Paramount Pictures

Ou melhor: trate de rezar. E' a única maneira de nos ajudar um pouco...

x x x

Rezar, contudo, não era aquilo que Chuck mais desejava fazer no momento. Decidiu-se, pois, a chegar à casa dos Hilliard antes mesmo da polícia, para dali arrancar Cindy. Foi, pois, a uma cabine telefônica, e ligou para a casa da namorada. Cindy atendeu, mas Kobish ouvia a conversa, pela extensão, enquanto Glenn se encontrava mesmo ao lado da moça. Ouviram ambos dizer que desejava dar uma volta com Cindy, e que se ela não viesse o quanto antes, ele, Chuck, viria buscá-la em sua casa, de qualquer maneira, a despeito de qualquer oposição dos pais da moça! Antes que Cindy desse uma desculpa qualquer, o jovem desligou.

Embora achasse suspeita a telefonema de Chuck, Glenn não a levou muito a sério. A coisa mais natural do mundo era uma disputa entre dois namorados. E mesmo, se Cindy láisasse, não ficaria ainda com Eleanor e Ralphie entre as mãos? Bastavam dois reléns, para que mais? Assim Glenn permitiu que Cindy fôsse encontrar-se com o namorado, não sem antes avisá-la de que, se acontecesse qualquer coisa de suspeito, se um policial aparecesse, ao longe, todo o resto da família seria sumariamente assassinada!

Pouco depois, Chuck chegava à casa dos Hilliard, antes da polícia, que precisava agir mais discretamente. Businou impacientemente, até que Cindy apareceu na porta de casa. Relutara em partir, mas fôra a própria Eleanor quem lhe aconselhara ir...



PRONTOS PARA o que der e vier, Jesse Bard e seus homens observam o que se passa, do alto de um cômodo observatório em frente à casa sitiada de Hilliard. A situação está tensa.

Assim que Cindy penetrou no carro de Chuck, esse partiu em disparada e sumiu numa esquina. E era tempo, pois a polícia silenciosamente já começava a cercar o quarteirão com carros e homens em quantidade mais do que suficiente para semelhante empresa. Todas as luzes tinham sido apagadas. Quando Cindy descobriu que se estava passando, tentou saltar do carro do namorado, mesmo em movimento, porém Chuck a segurou com firmeza pelos braços, impedindo-a de qualquer movimento. Então, a moça caiu em seus braços, soluçando como uma criança.

x x x

Dentro da casa dos Hilliard às escuras, Glenn e Kobish esperavam, impacientemente, a volta de Dan com o envelope contendo dinheiro. No andar superior tinham ficado Ralphie e Eleanor, no quarto de dormir. Tentavam manter a calma jogando cartas, mas não conseguiam. Eleanor trancara a porta por dentro. Seus nervos estavam tensos como cordas distendidas.

x x x

Dan parara o seu automóvel um pouco distanciado de casa, e caminhava devagar, ainda fora de vista de qualquer pessoa que o observasse de casa, quando dois detectives o detiveram, convidando-o acompanhá-los. Primeiro, Dan tentou negar sua identidade, mas ao ver que sua casa estava totalmente cercada, perguntou ansiosamente:

— Meu Deus, o que está acontecendo?

Em seguida, foi levado para o local onde havia sido colocada a base central de operações. Ali encontrou Cindy a chorar, com o namorado ao lado, e perguntou-lhes, cheio de esperança, pelo menino Ralphie e por Eleanor. A contragosto, Cindy teve de contar-lhe a verdade, ainda estavam em casa, à mercê dos facinorosos. Depois, Dan foi levado para outro local, de onde, por uma janela, policiais podiam divisar perfeitamente o que se passava no aposento de frente da casa da família Hilliard. Ali se encontravam, entre outros, o tenente Fredericks e o comissário Masters, velho policial com ar

autárquico, que achava que Jesse Bard tinha tomado muito tarde a decisão, ao mandar cercar a casa mesmo com pessoas dentro, entregues à sanha dos bandidos. Era por um ataque imediato.

— Por que não procurou logo a polícia? perguntou Masters a Dan. Teria escapado a tantos dissabores.

— Preferia esperar, pois achei que, procurando a polícia, apenas iria lançar-me, mais cedo ainda, no meio desses dissabores.

Jesse interrompeu, mais uma vez, aquelas conversas desagradáveis.

— Ninguém o está culpando de nada, Dan. Ninguém, pelo menos de sua razão...

E prosseguiu interrogando Hilliard, dele sabendo, por exemplo, que os dois bandidos apenas dispunham de um revólver, e de três balas.

— Mais uma razão — interrompeu Masters — para que ataquemos agora mesmo, sem esperar nem mais um minuto. Esses patifes não terão escapatória.

— Cale-se! Era a voz de Jesse, furioso. E ao mesmo tempo, Dan ajuntava:

— Tenho centenas de dólares em meu bolso, dólares que são aguardados por Glenn e Kobish com ansiedade. E a vida de minha esposa e de meu filho estão em jogo. Deixem-me ir até lá levar o dinheiro, pois talvez Glenn cumpra a sua promessa e se retire depois de recebê-lo.

Tanto Masters quanto Fredericks acharam aquela proposta absurda. Porém, Jesse Bard novamente tomou a iniciativa, falando àsperamente ao primeiro:

— Masters, vamos dar-lhe uma oportunidade. Deixemo-lo ir até em casa. Que diferença faz se você pegar Glenn agora, ou mais tarde, con tanto que o pegue? Sua promoção estará garantida de qualquer maneira...

Até agora, em toda a disputa, ninguém tinha ouvido a voz de Carson. Mas agora Carson resolveu abrir a boca, e abri-la para dizer, decisivamente:

— Cavalheiros, de vez que esse é um caso de âmbito federal, creio que somente a mim cabe tomar uma decisão. Dan irá até em casa, e está acabado.

x x x

Até mesmo Carson ficou admirado quando Dan aceitou a automática que lhe estendera, mas depois de retirar todas as cápsulas do tambor. Hilliard explicou a Jesse e a todos que teria de correr os riscos daquela aventura até ao fim. Não havia remédio. Quando se propunha partir, Carson lhe disse que tinha dez minutos, desde o momento de penetrar em casa, para resolver a situação. Se ao cabo deles não estivesse de volta, conduzido pelos bandidos...

— Boa sorte, Dan.

Era a voz de Jesse.

A medida em que Hilliard se distanciava, em largos passos, os policiais o observavam do alto da janela. De cada parte do quarteirão, habilmente disfarçados, emergiam canos de revólver, capacetes de polícia, bombas de gás lacrimogêneo e lanternas, prontos a entrarem em uso.

(Continua no próximo número)

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

A família Hilliard está presa, há dois dias, em sua própria casa, por um grupo de três facinorosos escapes à penitenciária do Estado: Glenn Griffin, Kobish e Hal, irmão de Griffin, que acaba de ser morto, em circunstâncias trágicas, pela polícia, num corpo a corpo. O chefe da família, Dan Hilliard, foi agora até ao escritório buscar determinada soma em dinheiro, enviada ao bando.

CAMPINAS

120
VIAGENS
POR DIA
DAS
5,05
ATÉ
23,50 HS.

cada 10 minutos

AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395

R. Senador Queirós, 85 - Fones 34-2379 e 36-6402

Parque D. Pedro II, 1.092 - Fones 32-8733 e 34-5393

CAMPINAS

Pça. Flor. Peixoto, 292 (Lgo. da Est.) - Fone 5848

Rua Dr. Campos Sales, 758 - Fone 3169



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO
BRASILEIRO

VIAÇÃO Ltda.

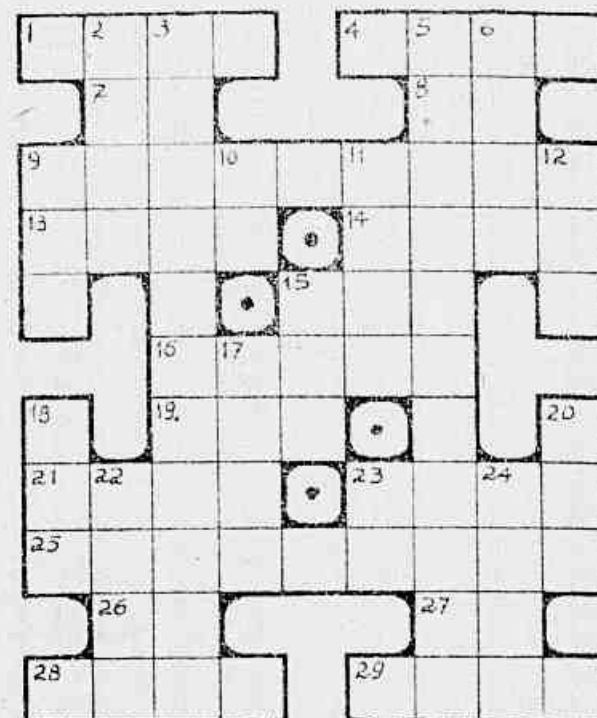
AZASO - EB-3

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMAS Nº 119

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Planta têxtil — 4. Canoa feita de um só lenho (pl.) — 7. Dêse lugar (arc.) — 8. Nome de homem — 9. Que tem a forma da ervilha — 13. Aumento — 14. Gênero de palmeira — 15. Cincho — 16. Aquilo que encaminha — 19. Brejaúva — 21. Chinela — 23. O espaço celeste — 25. Açucena — 26. Um dos quatro elementos dos gregos — 27. A mãe de todas as coisas, na teogonia amazônica — 28. Croceto — 29. Objeto de discussão.

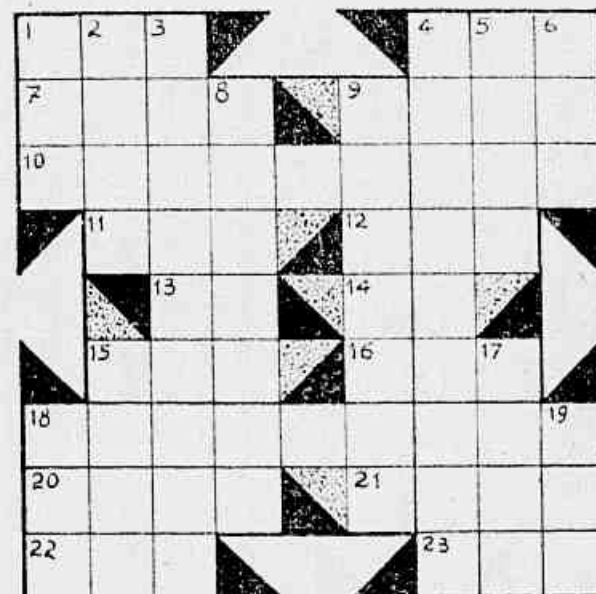


Clamor - Rio

VERTICAIS: — 2. Alqueive — 3. Abusara da credulidade — 5. Devaneio — 6. Vinho tirado da seiva das tâmaras do Egito — 9. Junta — 10. Papagaio do Amazonas — 11. Variedade de banana — 12. Casuar — 15. Nome de homem — 17. Estar encastrado — 18. Prática — 20. Medida agrária — 22. Segundo califa dos muçulmanos — 23. Nome da divindade entre os primitivos semitas — 24. Magistrado romano que tinha a seu cargo a inspeção e conservação dos edifícios públicos

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Seguiam — 4. Fileira — 7. Governantas — 9. Pequena argola — 10. Saturnal — 11. Instituto de Resseguros do Brasil — 12. Sufixo que significa tumor — 13. Sufixo diminutivo — 14. Nota musical — 15. Rio da província de Cotônia, Itália — 16. Pronome pessoal — 18. Exercera ao mesmo tempo mais de um emprego — 20. Anteparo dos bonés — 21. Devorador — 22. Membro de ave — 23. Argola.



VERTICAIS: — 1. Andavas — 2. Gostai — 3. Ato de matricular — 4. Grande quantidade de animais — 5. Alcoviteira — 6. Para barlavento — 8. Do verbo sublimar — 9. Inseto transmissor do impudismo — 15. Mau cheiro (pl.) — 17. Lavra — 18. Rio que separa o Brasil do Paraguai — 19. Pretexto, ocasião.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 118

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: capaz — botaras — arrepelar — Ain — amarrador — Aa — it — acrologia — Zor — agregados — leniria — aaaaa.

VERTICAIS: côr — atear — papirologia — arena — zal — Br — Sá — aia — ror — mac — Aar — Dig — oiti — ala — ozena — orara — ais — Gl — Rea — dia — oa.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: cobra — marreca — ai — com — im — maroteira — ramaramas — ar — ris — mó — Oceania — ramos.

VERTICAIS: cá — orco — brotariam — reme — A.C. — mia — Air — amara — manso — rum — iam — aro — área — asno — ama — Cr — ls.

Para «Pequenos recitais», audições em que se apresentam jovens pianistas, sempre com grande sucesso.

É muito interessante essa oportunidade que oferece o Canal 6, através da qual elementos de grande valor têm sido revelados ao público.

Devem sempre ser louvadas essas iniciativas que se destinam a descobrir e incentivar novos artistas.

Para Brício de Abreu que, conforme havia prometido aos telespectadores, em uma das últimas apresentações do programa de «Variedades» da TV-Tupi, conseguiu levar ante às câmaras os principais elementos que compõem o elenco de «Saludo Carioca», «show» apresentado por Carlos Machado em uma das nossas «boites». O público teve oportunidade de apreciar alguns números de bela coreografia, exibindo extraordinário guarda-roupa; pena é que não haja possibilidade de notar a harmonia das cores. Brício continua prometendo grandes novidades para o público. Todos fazem votos para que o conhecido homem de teatro continue exibindo atrações de destaque e de pleno agrado por parte dos telespectadores, como aconteceu com a primeira apresentação do programa, nessa nova fase.

Para «Recreio musical», programa infantil exibido através do Canal 13. Essas audições, que antes tinham por fim apenas apresentar ao público bandinhas infantis, têm ampliado suas atividades e hoje constituem uma das boas atrações para a infância, nas nossas emissoras de TV. Durante os trinta minutos de duração do programa, as crianças aprendem canções próprias para as suas idades e, brincando, executam pequenos trabalhos manuais. Nada em TV pode ser mais produtivo do que uma constante renovação na programação, para evitar a rotina.

Para Guilherme Figueiredo que, na direção da TV-Tupi, com muita inteligência e espírito de dinamismo, tem dado grande impulso à programação dessa emissora.

Para o «Teatrinho de Fantoques» encenado pelo Canal 6. A agilidade e vivacidade com que os bonecos são movimentados e as palestras espirituosas que mantêm com a locutora Neide Aparecida antes do início das representações, encantam e divertem a criança.

GRAU DEZ:

Para Steve Bernard, que com uma audição maravilhosa brindou os telespectadores, em um dos programas de Dóris Monteiro, ao qual a cantora não pôde comparecer por se achar ausente do Rio. Os espectadores não se sentiram prejudicados com a ausência de Dóris, pela oportunidade que lhes foi dada de presenciar a audição de Steve Bernard. Não seria possível apresentar com maior frequência esse magnífico organista?

Para «Aventuras de Eva». Vivendo papéis de ingênua, Eva Todor leva ao público de TV, como o faz durante a sua temporada no palco para os apreciadores de teatro, a sua graça e vivacidade. Eva, bem como outros elementos de destaque dos nossos palcos, e que se exibem em TV, contribui para que os telespectadores conheçam e aprendam a gostar de teatro.

Para «Histórias de Tia Lícia». Por diversas vezes havíamos lamentado que essa atração deixasse de lado o fim a que se destina isto é, que Tia Lícia empregasse todo o tempo de duração do programa exibindo ante às câmaras meninos e meninas que cantavam e exe-

cutavam diversos instrumentos, em lugar de contar histórias instrutivas. Há algumas semanas, Lícia Magna vem modificando a orientação do seu programa: primeiro é narrada a história e depois, o tempo que resta é empregado na apresentação dos pequenos artistas.

Para Jacinto de Thormes, que em «Desfile de Misses», à semelhança do que aconteceu durante o concurso para a escolha de Miss TV, apresenta ao público as concorrentes dos diversos clubes cariocas com o título de «Miss Distrito Federal». Jacinto mantém com as candidatas rápida palestra, indagando da sua opinião sobre assuntos gerais. O cronista social conduz com habilidade a conversa; pena é que nem sempre consegue as respostas que deseja. Aconteceu mesmo que uma das moças, interrogada sobre o país que mais lhe agradaria conhecer, mencionou a Europa e depois Roma...

Para as audições de Ângela Maria, na TV-Rio. A cantora, como acontece quando se apresenta no rádio, vem conquistando novos fãs entre os tevendo e, nas noites em que se exhibe no Canal 13, há grande aglomeração de admiradores na porta da emissora, aguardando com ansiedade a sua entrada e saída.

VAMOS MELHORAR?

Logo depois da transferência das instalações da TV-Tupi, da Avenida Venezuela para o Cassino da Urca, foram exibidos aos espectadores ótimos «shows» utilizando a piscina ali construída especialmente para esse fim. Tais apresentações constituíram grande inovação para o público e alcançaram muito sucesso. Aos poucos os «shows» voltaram à rotina e nada de novo e interessante tem sido exibido. Por que não voltar a utilizar a piscina, um dos melhores recursos de que dispõe a TV-Tupi para o sucesso de suas apresentações?

Lídia Matos e Murilo Neri têm no «Bolicho» uma das boas atrações para os candidatos que concorrem aos prêmios e também para os telespectadores que de casa torcem para que as prendas mais vultosas sejam alcançadas. Por ocasião da entrega dos brindes há alguma confusão, pois eles acham-se amontoados no centro do palco e, vez por outra, quando se trata de pequenos objetos a dificuldade para a localização é bastante grande. Lídia e Murilo devem estabelecer alguma ordem na arrumação dos prêmios para que sejam localizados com facilidade, não prejudicando, desse modo, o ritmo vivo e interessante que caracteriza essa atração do Canal 6.

Já por diversas vezes temos comentado a respeito dos filmes variados apresentados pelas emissoras de TV, com o fim de distrair aos espectadores durante o intervalo entre um programa e outro. Raramente essas exhibições conseguem agrado por se tratar de filmes velhos e pela constante repetição com que são mostrados. Além disso, por vezes são projetados documentários nos quais é quase impossível distinguir as imagens e narrados em inglês. Onde está a intenção de proporcionar ao espectador uma boa distração?

Vamos melhorar?

SPECTATOR



Fiagante tomado durante um dos «shows» aquáticos, exibidos através do Canal 6. À direita: Tito Madi, seresteiro, apresenta-se aos telespectadores sempre com muito agrado. Pelas suas qualidades artísticas e excelência de voz, poderia ser melhormente aproveitado noutros programas da TV-Tupi.

ASSIM VIVE CARLOS LACERDA



Em sua residência (Allan Road, Norwalk, U.S.A.), Carlos Lacerda mantém o seu gabinete de trabalho que é uma espécie de sucursal do vespertino por ele fundado aqui no Rio de Janeiro, de onde manda assídua colaboração, também estendida a «O Globo» e o matutino «Estado de São Paulo».

♦ Tendo se esgotado o número 16 da REVISTA DA SEMANA, de 21 de abril último, em que foi publicada pela primeira vez, no Brasil, uma reportagem sobre Carlos Lacerda nos EE.UU., e em face dos insistentes pedidos que nos chegaram de leitores de todo o país, julgamos acertado repeti-la. Aqui está, sem qualquer alteração, rigorosamente igual à publicação anterior, mas com novas ilustrações. Esses são flagrantes batidos na mesma ocasião, gentilmente cedidos pela «Tribuna da Imprensa».

NOS ARREDORES DE NORWALK, CONNECTICUT (2 HORAS DE TREM DE NOVA IORQUE), O JORNALISTA E DEPUTADO QUE TAMBÉM ASSINA JÚLIO TAVARES E JOÃO DA SILVA, COLABORA PARA TRÊS JORNAIS BRASILEIROS E DELES RECEBE UM TOTAL DE 950 DÓLARES MENSAIS ★ PERDEU EM MAIO O SUBSÍDIO DE DEPUTADO, MAS NÃO PENSA EM VOLTAR

Texto de CELESTINO SILVEIRA

NOS ESTADOS UNIDOS

MUITA GENTE no Brasil — toda a gente, seria mais acertado dizer — está interessado em saber como vive e de que vive, nos EE.UU., o deputado e jornalista Carlos Lacerda. Ninguém ignora que também nos EE.UU., o custo da vida é bastante alto, mesmo para quem se adapte a um padrão moderado. E ainda mais alto ele será para os que não têm rendimentos precisando enfrentar um «batente», ou vários, para o sustento da família.

Ora, o diretor da «Tribuna da Imprensa» está ausente do Brasil, desde 17 de novembro último, logo após os acontecimentos que culminaram com a deposição do sr. Carlos Luz. Vinte e cinco dias depois — 12 de dezembro — sua esposa, d. Letícia, e seus três filhos, Sérgio Carlos, de 16 anos; Sebastião, de 14 e Maria Cristina, de 4, embarcavam indo ao encontro do chefe da família.

Desde então, pouco veio a cair no domínio público sobre a maneira por que estão vivendo, ao longe, os componentes da família Lacerda. Várias tentativas foram feitas para ouvir e fotografar o jornalista; todas mal sucedidas, porque Lacerda não permitia que jornais ou revistas o entrevistassem. E ainda menos entrassem em sua casa.

Pois aqui estão os apontamentos que mais interessam ao leitor:

Uma vez chegado a Nova Iorque, tratou Carlos Lacerda de procurar uma pequena casa em que pudesse residir com a mulher e os filhos. Em Nova Iorque, propriamente, não era fácil. Foi encontrá-la nos arredores de Norwalk, em Connecticut, a menos de duas horas de trem, de Nova Iorque. Habitação modesta, alugada com os móveis necessários, por ela efetua o pagamento mensal de 280 dólares. As outras despesas, atingem a uma cifra total de 1.300 dólares mensais — incluído aquele aluguel.

O contrato foi feito por seis meses, devendo terminar em junho próximo. Nada está decidido, por enquanto, sobre uma renovação ou transferência para outra casa, de vez que até sábado de aleluia, 31 de março — Lacerda não alimentava a menor idéia de voltar ao Brasil.

A família, a exemplo da maioria nos EE.UU., não tem empregada. Dado o elevado salário dos auxiliares domésticos e as comodidades que tem uma dona de casa, facilitando-lhe o cumprimento de sua tarefa sem maiores atribulações, só gente muito abastada pode dar-se a esse luxo.

Mas — terá indagado o leitor — com que recursos pode contar Lacerda para fazer frente a esses gastos? Ao câmbio atual, 1.300 dólares vêm a dar aproximadamente cem mil cruzeiros. Tem o jornalista essa reserva mensal do próprio bolso, sem outro trabalho que o de ir sacá-la em algum banco? Não. Recebe-a, integral, em dólares, de alguma função que venha a exercer lá mesmo? Também não. É verdade que algumas vezes tem lecionado, em colégio local, mas



Na estação de Norwalk — arredores de Nova Iorque — à espera de condução para a grande metrópole. O trem elétrico, ao entrar em Nova Iorque, o faz pelo subsólo. A distância é pequena e quase diariamente Carlos Lacerda faz essa viagem para cuidar de seus interesses.



Em casa, a distração é a televisão com a família reunida diante do aparelho, enquanto Lacerda vai dando explicações aos filhos, que agora aprendem o inglês. À direita, d. Leticia e o marido ostentam a flâmula do «Tamandaré», que figurou nos acontecimentos políticos de novembro de 55.

nesse momento as férias o privavam de qualquer remuneração. Também já fez traduções, a exemplo de outros brasileiros quando exilados. Tudo, entretanto, não chega a constituir uma fonte de receita suficiente. Algumas conferências que realizou em Universidades, não tiveram remuneração ou, se tiveram, foi mínima.

Sendo assim, prevalece a pergunta inicial: De onde vai esse dinheiro para Lacerda satisfazer seus compromissos todos os meses?

E a resposta é simples: Vai do Brasil.

A relação é esta:

«Tribuna da Imprensa» — 500 dólares mensais, «O Globo» — 300 dólares e «Estado de São Paulo» — 150.

Nessa altura, temos uma soma de 950 dólares. Não cobre as despesas. Mas há mais: durante os primeiros seis meses, recebe Carlos Lacerda a parte fixa do subsídio de deputado, Cr\$... 18.000,00, mensalmente, o que vem a dar em média, 720 dólares.

Já então o orçamento foi suplantado. Mas os seis meses terminaram agora em maio, e Lacerda terá de solicitar licença sem vencimentos, de vez que não pensa voltar à Câmara. E sofrerá então um desfalque no seu orçamento.

As remessas feitas pelo «O Globo» e «Estado de São Paulo», destinam-se a remunerar a colaboração que o jornalista vem fornecendo ao

vespertino carioca e ao matutino paulistano. Essas colaborações saem com pseudônimos: Os mais freqüentes, Júlio Tavares e João da Silva. Só a «Tribuna» divulga também editoriais com a assinatura verdadeira, mas alguns publicam-se ainda com um daqueles pseudônimos.

Antes de embarcar, providenciou Carlos Lacerda a venda do seu carro, que lhe rendeu trezentos mil cruzeiros. Na mesma ocasião alugou por trinta mil cruzeiros (dois meses) a casa que possui em Petrópolis e foi com esse dinheiro que mais facilmente pôde deslocar-se para os EE.UU.

Houve ainda — e não desapareceu por completo — o movimento de «Um dólar para Carlos Lacerda», estimulado pelos adeptos (e adeptas) do deputado e jornalista. Para esse fim, foi aberta no Banco N. de Minas Gerais, uma conta permanente, a «Conta 1.008», onde qualquer pessoa pode fazer um depósito em favor de Lacerda, desde a quantia mínima de 1 dólar.

Já foi dito que estas fotos, bateram-se no último dia do mês de março. Cinco dias mais tarde, Lacerda embarcava para as Bermudas, a fim de participar, por uma semana, da Con-

ferência da Sociedade Inter-Americana de Imprensa.

A correspondência de Lacerda é numerosa. Além das cartas que recebe de amigos e correligionários, com os quais mantém assíduo contacto, há as que lhe mandam, avulsamente, os fãs, se assim se podem denominar aqueles que nutrem pelo deputado uma admiração de invulgar entusiasmo. Acresce que muitas dessas cartas são remetidas sob registro, obrigando Lacerda a ir retirá-las na agência postal de Norwalk, onde o funcionário acabou por intrigar-se com o caso. Nos EE.UU. muito pouca gente utiliza o registro postal, porque dificilmente uma carta ou encomenda se extravia ou sofre atraso. Então o funcionário perguntou:

— O senhor é funcionário da ONU?

— Não, por que?

— Porque só a ONU costuma receber e mandar correspondência registrada...

Não sabemos que resposta deu Lacerda ao funcionário. Mas alguma coisa ele deve ter explicado sobre o nosso serviço postal.

Neste momento, Carlos Lacerda emprega também uma parte do seu tempo na elaboração de um livro, «Retrato do Brasil», cuja aparição deve ser feita muito breve.



UM HOMEM VIVEU EM BANGU

NA PRIS



Este é o corredor das dez mais bem comportadas, quartos onde viviam antigamente as freiras que dirigiam a Penitenciária e onde agora se refugiam aquelas para quem o arrependimento nasceu. Duas dessas criminosas regeneradas, num ato de fé, pedem a Deus. Pedido que deve ser, com certeza, a absolvição de seus pecados.

RISÃO SEM GRADES



Refugiada na sua cela, ali deixa correr o tempo, horas sobre horas, dias sobre dias, tempo sem fim que serve para avivar em sua mente o que foi esse ato de loucura que a levou a matar o marido. O arrependimento chegou. Rápido como sempre costuma suceder com as condenadas por homicídio.

VIDA ÍNTIMA — DEPRAVAÇÃO — OS BATISTAS IMPÕEM-SE — DUAS FREIRAS PRISIONEIRAS — MARIA DA PENHA, PRESIDÁRIA EXEMPLAR — PARANÓICAS — A "MENINA" DA BONECA — COISAS E CASOS DAS MULHERES QUE ESTÃO FORA DA LEI

Reportagem de JOSÉ MARIA RODRIGUES

Fotos de EVELYN

AGRADECIMENTO

Queremos agradecer tôdas as facilidades concedidas pelo major Hildebrando Goes Cardoso (diretor da Penitenciária Central) e ao chefe da Polícia Especial Moacir Magalhães (administrador do Presídio de Bangu) pela prontidão, solicitude, diligência e facilidades concedidas para a realização desta reportagem, bem como a tôdas as guardas da Penitenciária de Bangu, cujo auxílio nos foi de grande utilidade.

PENITENCIÁRIA sempre significou para a maioria, tugúrio sórdido, casas engradadas, pão negro e cheiros nauseabundos. Essa visita que fizemos a Bangu, o tempo que vivemos entre aquelas que estão abaixo de todos os sistemas morais, muitas para quem nenhuma religião parece ter sido feita, trouxe-nos uma idéia totalmente oposta de presídio. As quatro galerias infundáveis não são mais do que corredores imensos de um hotel de tédios. Em cada uma dessas galerias vivem trinta mulheres, em dependências absolutamente isoladas. Quartos sem grades, com banheiro privativo, tapetes, cama confortável e muitas delas (as mais bem comportadas) com rádio. Foram batizadas essas quatro galerias: «sentenciadas», «mãezinhas», «1ª Coreia» e «2ª Coreia». Nesses 120 quartos vivem outras tantas mulheres que por ali descansam, trocando segredos com tôdas as formas de liberdade.

As melhor comportadas residem na outra extremidade do edifício, junto à capela, precisamente onde antes habitavam as freiras que dirigiam o presídio.

Foi improvisado ainda um alojamento coletivo para

mais vinte, em virtude da escassez de dependências nas galerias competentes.

Resumindo: num presídio que tem a capacidade para cento e vinte presidiárias vivem cento e cinquenta.

Mentes em brasa que tudo ignoram por estarem fora da relação com as coisas da vida. Nos corredores por onde passamos como ave rara, vimos umas, falando com o apetite das outras. Silenciosas, cabisbaixas, como que encobrendo lágrimas de remissão. Para a maioria, o futuro é uma porta que tem pavor de abrir. Nos minutos cheios de silêncios, elas quase podem ouvir crescer a esperança.

O SANATÓRIO FRONTEIRO UM PERIGO

Foi o administrador da penitenciária, sr. Moacir Magalhães o nosso cicerone dentro daquela casa de reabilitação. Falou-nos inicialmente na perigosa existência do sanatório penal funcionando mesmo em frente ao presídio.

MULHERES SEM FUTURO PARA QUEM O PRESENTE É PASSADO



O café foi-nos servido por esta negrinha, uma das grandes auxiliares da copa. Crime: roubo a que seguiu uma morte. Vinte anos de prisão.



No amplo salão de costura elas trabalham durante todo o dia confeccionando seus próprios uniformes, e muito vestuário.



Muitas das presidiárias preferem dedicar-se aos trabalhos no campo, talvez repetindo o que a meninice lhes ensinou.

Explicou-nos que a maioria das prisioneiras, sempre que descobrem qualquer momento de falta de vigilância das guardas (o que normalmente acontece amiúde, pois são cinco únicas guardas para cento e cinquenta mulheres) sobem às janelas e conseguem maneiras de se comunicarem com os presos doentes, na grande parte tuberculosos.

Al nascem a psicopatia sexual, as sensações cenes-tésicas, onde as ações periféricas despertam um mar de manifestações. A sugestibilidade já em si é um estimulante para o exagêro do apetite, ainda agravado com exhibições imorais.

Vem depois a exaltação para ambas as partes e como sua consequência a ninfomania, o onanismo, as nevroses e as perversões sexuais originadas pelas en-

fermidades cerebrais com conseqüentes excessos de vício.

Já em si qualquer prisão ou internato tem a sua vida de inversões e aberrações com pederastia, tribadismo, etc., agora agravado com o exibicionismo permanente, facilitado pela exposição de homens doentes permanentemente na janela do sanatório.

— Nós fazemos tudo o que é humanamente possível para proibir essas exhibições — termina por dizer Moacir — porém tudo resulta infrutífero.

Quando passávamos num dos corredores, parada na porta da sua cela estava uma garôta (17 anos) de olhos febris, meia sorridente. O administrador parou.

— Sei que estiveste esta manhã fazendo sinais para o sanatório — disse.

— Eu? Não. Só sai para ir ao banheiro.

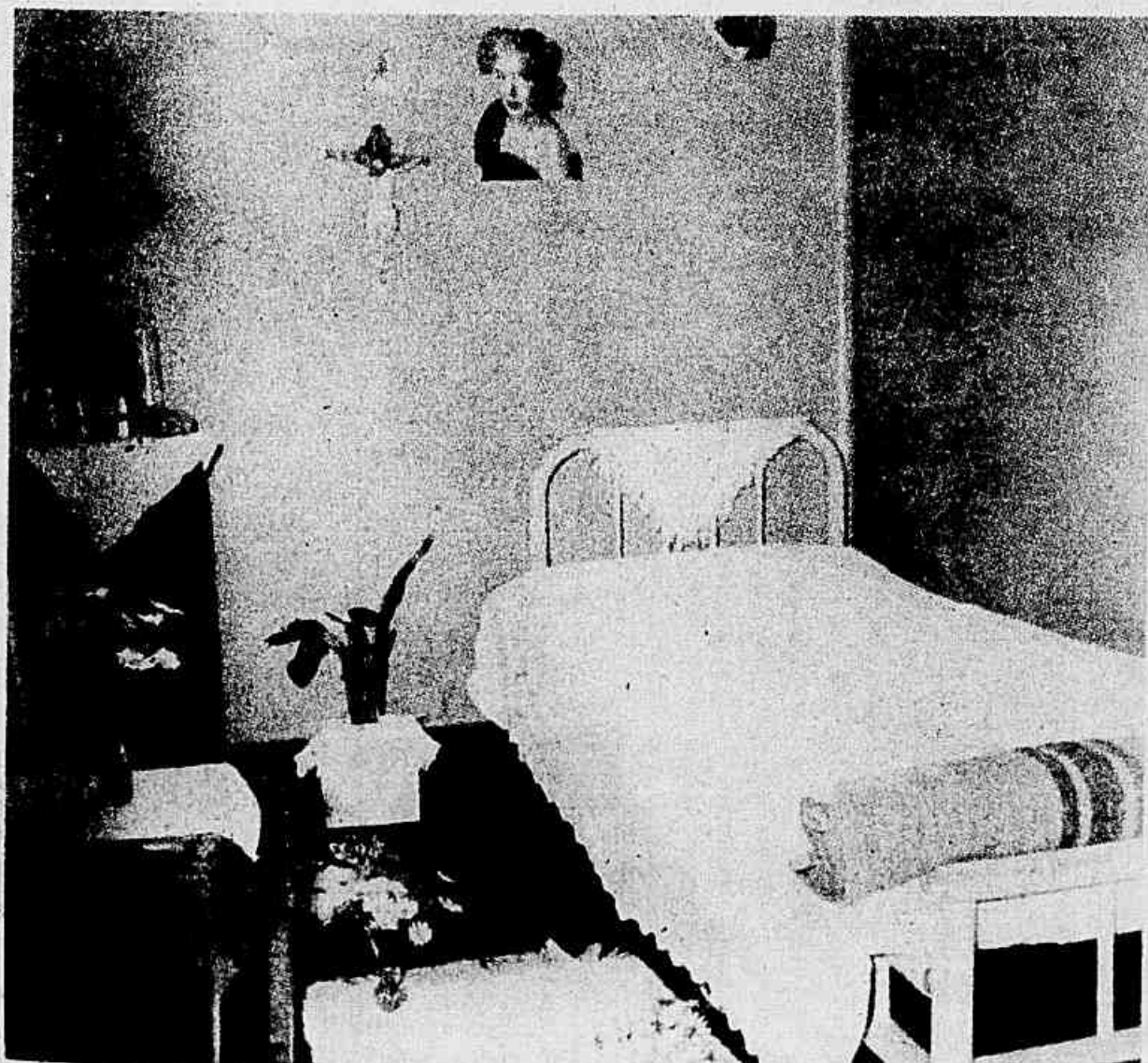
— Sei. Se tenho outra informação, serás castigada.

Continuamos a marcha. «Foi presa por furto — informa-nos. — Tem todos os maus vícios que possa supor.» A moça ficou-nos olhando com ar de desdém, em promiscua fúria.

UM SUICIDIO

Quando passávamos junto de uma das varandas superiores do edifício veio a propósito a narração de um recente suicídio praticado nesse local.

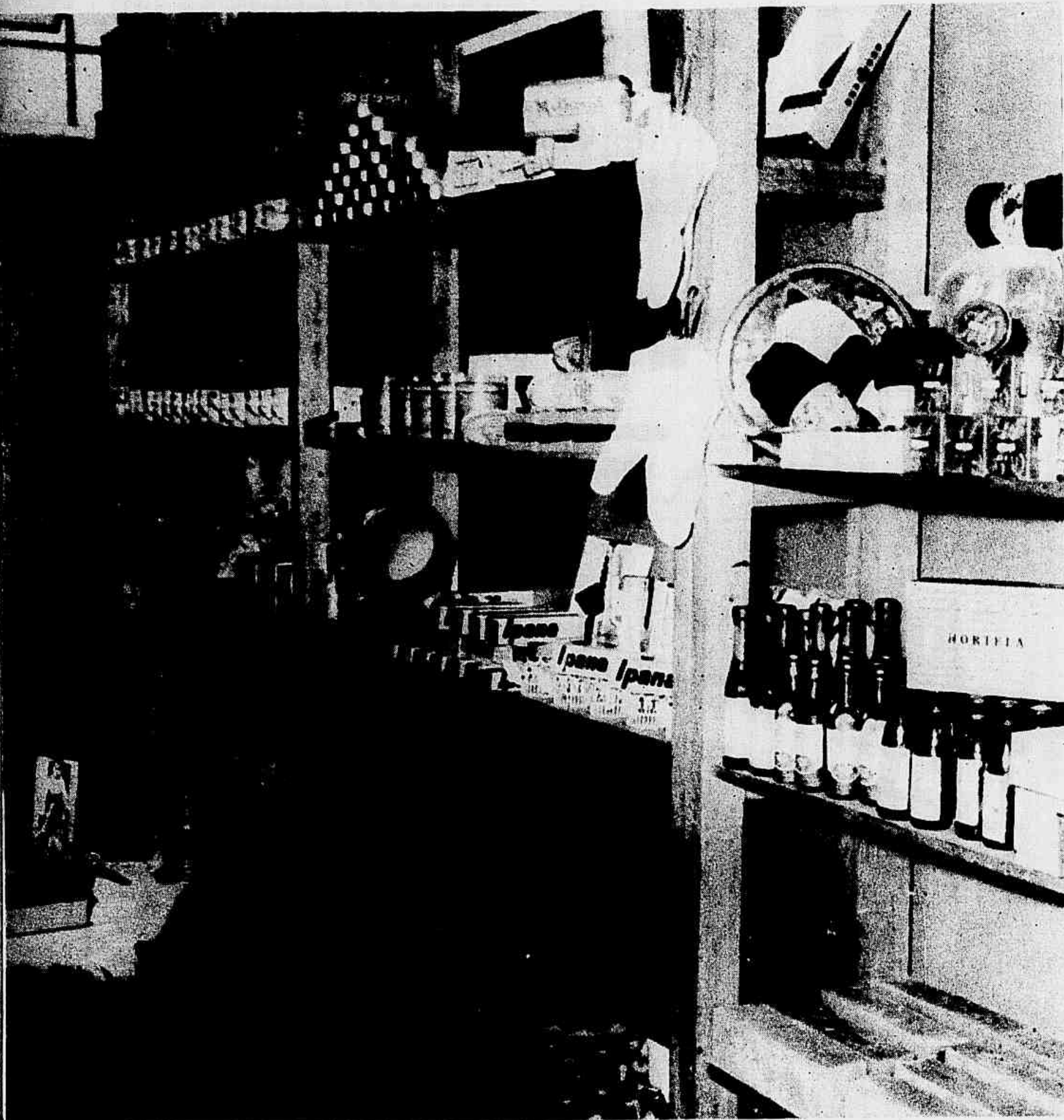
Chamava-se Cleusa Sales da Silva, menina sem meninice, atirada sem defesa para uma cidade de vícios com a idade de 11 anos. Pomba perdida entre águias,



Uma cela igual a mais cento e cinquenta, bem arrumada, talvez uma casa como a condenada nunca tivesse possuído. Gostou que a fotografássemos.



Tardes cinzentas que se escoam aos poucos, umas após outras, sempre trazendo lembranças tristes. E o mundo é visto através das grades.



Na simpática cantina do presídio, entregue aos cuidados de Carmen Braga, existe de tudo menos álcool. Carmen Braga é uma das internas, condenada em catorze processos (19 cheques sem cobertura) e aquela que melhor se soube impor junto de suas colegas, fruto de grande inteligência.

suas asinhas fracas não lhe permitiram adejos difíceis. Alguém lhe jogou a mão e a guardou em seu covil.

Dos 11 aos 14 anos viveu amantizada. Ele a fechava em casa dia e noite. Ela suportava essa vida porque o amava, tinha sido o seu primeiro, o seu grande amor. Certo dia o algoz disse que a não queria ver mais, que ia casar-se, confessou-lhe que a abandonaria.

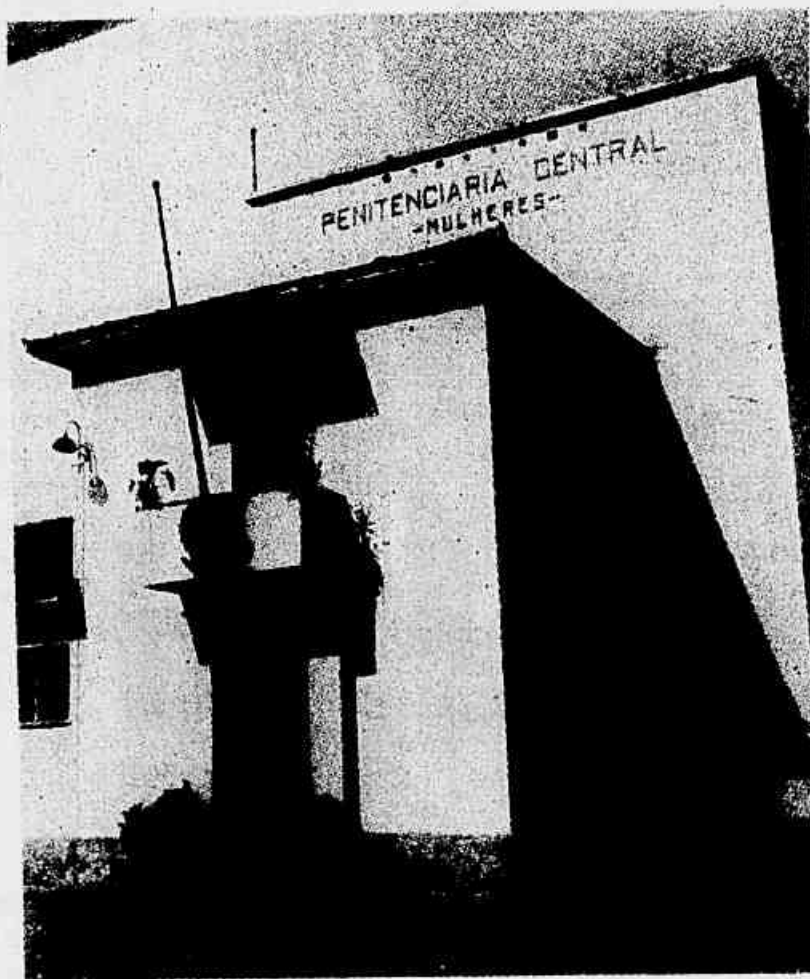
A moça que fôra ingênua, pareceu aceitar a idéia, sem revolta. Convidou-o para um passeio de despedida. Passeio trágico onde ela perdeu a liberdade. Três tiros foram o epílogo desse amor de garôta abandonada.

Uma vez na prisão, diversas foram as suas tentativas de suicídio. A última, há dez dias passados, quando resolveu seccionar o pulso. Foi descoberta e o tratamento médico lhe ofereceu mais algum tempo entre as mulheres. Mais tarde quando se dirigia para a sua cela, tomou caminho contrário, subiu ao telhado e daí se atirou com um peso imenso de amargores, pondo fim a uma vida sem fé e sem esperança.

História sem história, igual a tantas que acontecem entre as muitas que pensam no futuro.

Na nossa frente está agora uma negrinha que nos serve café. Chama-se Ana Maria, condenada por latrocínio, extorção violenta que terminou com uma morte. Foi condenada a vinte anos e já cumpriu quatro. Mostra-se sorridente.

Constatamos que a regeneração, o arrependimento, a coragem, a reabilitação só são susceptíveis de acontecer na condenação por homicídio. O crime de sangue



Aqui é a administração do presídio de Bangu, lugar onde se ditam os castigos para as revoltosas e os benefícios para as arrependidas.

é recuperável. São as homicidas as presidiárias de melhor comportamento.

Dinaura, por exemplo, é aquela criminosa que na Ilha do Governador matou um investigador e a quem os jornais chamaram de «tigre fêmea».

Foi condenada a pena máxima. Já cumpriu quatro anos.

Hoje é uma das mais bem comportadas internas de Bangu. Ali vive com sua filhinha. O seu cargo é de encarregada da creche, e as crianças adoram-na pelo carinho que lhes dedica. Não fala quase, vive numa angústia permanente, numa oculta vontade de soluçar.

A maioria das outras condenadas por crimes mais leves, (furto, prostituição, maconha, agressão) são de difícil arrependimento. No momento em que isso nos era explicado, passavam por nós duas das internas.

— Está vendo estas? — informaram-nos. Em nove meses, saíram três vezes e voltaram quatro. A mulher é mais rebelde que o homem, sempre mais indisciplinada.

— Quanto a revoltas? — interrogamos.

— A última tem nove meses, precisamente dias antes de eu ingressar no presídio — informou o administrador. O prejuízo foi de mais de duzentos contos. A percentagem de mulher do morro aqui internada é enorme e essas são de difícil regeneração.

Queremos abrir um ligeiro parêntesis para falar da ausência de um serviço de psiquiatria que em muito poderia contribuir para a cura dos males morais daquele montão de vidas sem vida.

RELIGIÕES

Esse psiquismo, esse conjunto de fenômenos procedentes da alma, esse fluido espalhado por todos os seres vivos, é unicamente animado pelas palavras de conforto dum praticante Baptista que todos os domingos lá vai levando palavras de fé, preocupando-se com os problemas íntimos de cada uma.

As religiões são seguidas a seu belprazer, cada uma escolhendo a que melhor lhe convém.

Na capela é celebrada missa dominical, e que elas julgam igual a tantas, onde o padre não se preocupa com os seus problemas individuais. Daí está resultando a fuga de muitas delas para o Baptismo, onde cada um dos praticantes é crente sincero em Jesus. Acreditam numa afinidade entre a alma humana e Deus.

No seu reino não figuram sistemas eclesásticos, métodos governamentais nem cerimônias de culto. As graças de Cristo e a Misericórdia de Deus são conseguidas por cada um, sem ministro, igreja ou sistema. O Baptista acredita no «sacerdócio de todos os crentes».

DUAS FREIRAS PRESIDARIAS

Caso curioso é o de duas freiras francesas chegadas há tempo ao Rio (da Irmandade de Jesus) que resol-



Recanto de uma cela bem arrumada onde a sua proprietária guarda alguns viveres. Fruta, ovos, leite, coisas trazidas pela família.

veram viver no morro passando as maiores privações juntamente com a gente que por lá morre aos poucos. A sua finalidade é a de estabelecer um plano de igualdade entre os mais pobres dos terrenos, vivendo todos os seus sacrifícios para mais depressa conquistarem as graças do Senhor. Têm em mente que se Deus fez os pobres, com todo o seu mundo de privações, maior amor lhes dedicou.

Depois de longo tempo entre a gente do morro ingressaram como voluntárias no presídio prontas aos suplícios das pessoas mais amorais. Ali ficam na conquista da misericórdia divina, repetindo a vida das fora da lei.

Chegaram até a pedir ingresso na cela solitária — a «surda» como é conhecida — para exemplo de igualdade a todas as outras.

Claro que a maioria das presidiárias abusa da bondade das irmãs e atiram-lhe para cima com a maioria dos trabalhos.

— Lava isto para mim!... Limpa isto para mim!...

E elas tudo fazem, com um sorriso nos lábios, caminhando em passos gigantes para as boas Graças do Senhor.

VIDA INTERNA

O despertar na Penitenciária é feito às 6,30 horas e o recolher às 20,30. (O horário da noite foi prolongado para que possam assistir aos programas de T. V.).

Na oficina de costura, lavanderia e cozinha gastam 15 horas do dia.

Precisamente na sala destinada à costura onde elas confeccionam os seus próprios uniformes, além de um sem número de pequenas coisas que servem para ornamentar as celas, encontramos Maria da Penha entregando ao trabalho. Quando nos viu, adivinhando a reportagem na máquina fotográfica pronta a disparar, fez menção de sair. Nós lhe prometemos que não bateríamos a chapa. Maria da Penha é a homicida que há bem pouco tempo esquitejou o marido, assunto a que esta revista se referiu em reportagem destacada. Para ali está, meia conformada, na companhia de seu filhinho, deixando correr o tempo. Disseram-nos que o seu comportamento tem sido exemplar.

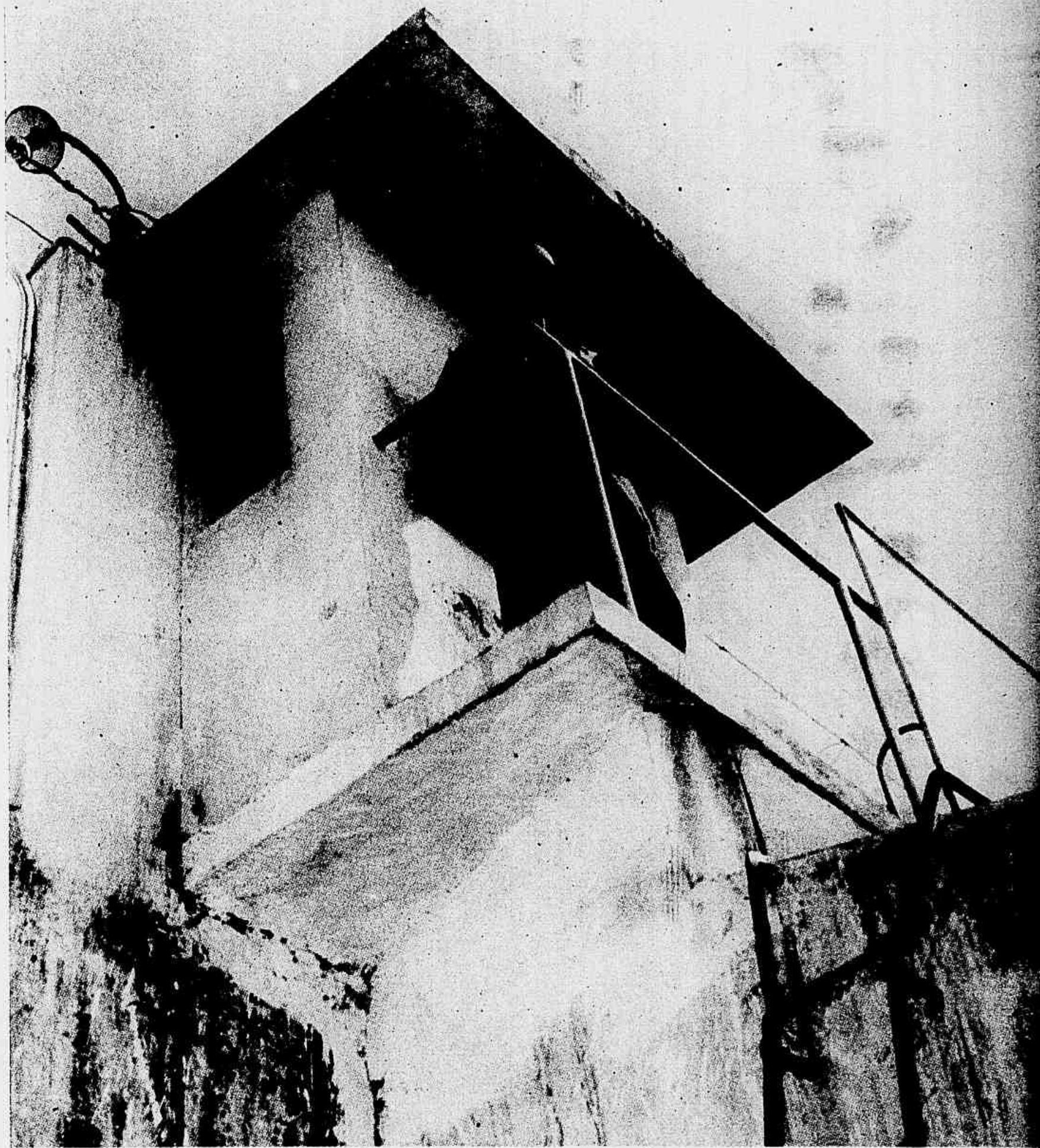
Muitas das outras presidiárias também ali têm os seus filhinhos, cujas idades variam de oito dias a onze anos. Pobres crianças, nascidas fora da vida. Desconhecem brinquedos e correrias. Também esses anjos, fruto do pecado, ali expiam as penas das mães, sorridentes, vendo nascer as manhãs sempre no mesmo lugar.

Como será em futuro a vida dessas crianças agora sem proteção social?

No capítulo de regalias as internas gozam entre outros de cinema, T. V. e um ou outro «show» organizado de quando em vez por qualquer estação radiofônica que ali envia os seus artistas.



O senhor Moacir Magalhães, sempre solícito, contou-nos alguns dos episódios mais curiosos ocorridos com as presidiárias.



A sentinela está vigilante dia e noite, estabelecendo a ordem junto aos muros que cercam a Penitenciária de mulheres. É a Polícia Militar que compete evitar as possíveis fugas das condenadas. Apesar de todo o policiamento, porém, às vezes algumas delas conseguem se evadir.

A propósito, recordamos a conversa com uma velhinha que ficou enamorada de certo cantor que ali se exibiu há tempos. Disse-nos ela, entre gargalhadas estridentes que quando sair (o que se verificará muito em breve) casará com o seu Jaime que a espera a todo o momento. O administrador da prisão será o seu padrinho e a lua de mel irá passá-la em Petrópolis.

Outro caso de paranóia é o de certa jovem obcecada pela idéia de não se poder realizar o Carnaval sem a sua autorização.

Mostrou-nos o sr. Moacir Magalhães um sem número de objetos apreendidos às reclusas. Ferros, arames, paus, bonecas com feitiço (uma delas representando uma das guardas) baralhos de cartas (desenhados por elas) garrafas de cachaça, cordas e até um pacote de maconha. Os ferros e arames são usados como objetos de agressão entre elas.

Um dos grandes males da Penitenciária de Bangu é a falta de divisões que separem duma forma total as mulheres, consoante os temperamentos e crimes praticados. Para que na realidade se possa pensar a sério em regeneração torna-se obrigatório a existência de, pelo menos, três divisões. Ali estão as boas e as más, moças de família e prostitutas numa promiscuidade confrangedora. Recreio e refeitório, celas e corredores deveriam ser totalmente distintos.

Aproveitando, como atrás dissemos, as antigas residências das religiosas, (dez bons apartamentos) foram essas dependências oferecidas às melhores comportadas. Mas tudo isso não passa de simples recurso, um

bom aproveitamento das dependências já existentes. Urge a separação, a construção de novas galerias.

Também com a saída das madres (14 funcionárias) ninguém as foi substituir pela proibição que existe na nomeação de novos funcionários. Assim, o policiamento continua sendo feito por cinco únicas guardas, as mesmas que já ali se encontravam antes da saída das religiosas.

Na última semana fugiram duas das reclusas a horas altas da madrugada, subindo ao telhado. São elas Leda e Glória Santos que foram capturadas quando passeavam na Cinelândia. Falamos com a Glória, muito entretida cavando na pequena horta existente no presídio e que fornece grande parte dos legumes ali gastos. Estava sorridente, desejando a todo o custo ser fotografada e, quem sabe, talvez pensando na próxima fuga.

CARMEN BRAGA

Carmen Braga é das internas de melhor comportamento e aquela que maior influência exerce sobre as colegas. Dotada de espírito desempoeirado, senhora de fina inteligência ela se tornou das figuras mais populares e queridas do presídio. O seu «caso» foi muito falado há quatro anos nos jornais do Rio: 19 cheques sem cobertura — 14 processos. Ali está há três anos. Espera conseguir por intermédio de seu advogado o «sursis» dentro de seis meses.

PENITENCIÁRIA

presídio por Moacir Magalhães pedindo para ele uma referência especial para que o não retirem do presídio quando da eleição da nova diretoria.

DIVERSOS CASOS

As «meninas», como são tratadas as internas (isto vem do tempo das religiosas) são 90 por cento de côm e na maioria nascidas fora do Rio.

Etelmita Matos, uma das simpáticas «meninas» e das mais sorridentes, também auxiliou sua companheira a servir nossa mesa. Seu ar despreocupado, não denuncia qualquer abatimento moral, qualquer insatisfação pela vida que está levando.

Era enfermeira, foi condenada a dois anos por furto de medicamentos quando de um recente desfalque da drogaria.

Disse-nos Etelmita que furtou na realidade os medicamentos mas para os oferecer aos pobres, a muitos daqueles que não os podiam comprar.

Outro dos casos que nos chocou vivamente foi o de Henriqueta Flores, condenada ao abrigo do artigo 155 (furto). Seu rosto traduz uma sensibilidade humanizada. Seus olhos de criança ferem quem pensa na sua condenação. Estava em sua cela abraçada a uma boneca, uma bonequinha linda a quem chama de Mirty. Po-bre Henriqueta. Como a sua meninice está longe, como deve ser recordada com íntima saudade! Como deve relembrar esse tempo em que corria para as árvores, de memória perdida pela falta das bonecas que agora tem! Lembrança das folhas secas do outono, das águas salgadas do mar nos lábios em flor, dos reclames luminosos nos edifícios sem fim, das tranças que o vento desmanchou, dos homens e dos trens, das ruas e da primavera, de todo esse mar de tudo que constitui a vida. Isso lhe deve passar pela mente, abraçada como está à sua pequenina boneca.



A guarda interna do presídio é exercida por mulheres. Uma dessas guardas prepara-se para nos abrir a única grade existente na penitenciária.

Carmen foi há poucas semanas apresentada na T. V. como exemplo no programa «O Crime Não Compensa».

Foi ela quem nos serviu um saboroso almoço que decorreu em ambiente familiar.

Carmen fez questão de mostrar alguns dos seus trabalhos manuais, bordados, rendas, etc., bem como a cantina higiênica que dirige e onde existe de tudo menos álcool. Falou-nos depois da superior direção da



Crianças abandonadas ali passam seus verdes anos respirando uma atmosfera de crime, aprendendo tudo o que de mau a vida pode

A ESCOLA

A «vovô» é também uma das dez mais... bem comportadas. Trabalhadora cem por cento, procura no alô diário olvido para suas penas. Falamos com ela na escola onde nos disse ter aprendido a ler, na prisão, durante o espaço de um ano.

Queremos aqui fazer uma referência à guarda D. Ilda Cavalcanti de Oliveira pela forma simpática, pelo esforço titânico empregado, pela boa vontade de todos os dias em levar àqueles espíritos enevoados um pouco de luz com o ensinamento.

Gostei de ver aquela montão de mulheres, pertença doída dum mundo negro, agarradas aos livros, aos cadernos, à tabuada, pensando que assim no «dia da saída» a sorte não lhes será madrasta.

Na primeira carteira estava outra das condenadas por homicídio que também aprendeu a ler no curto espaço de um ano. O seu comportamento é dos melhores e, como tal, foi agraciada com a estrela verde.

São três as estrelas que marcam o bom comportamento das internas: estrela verde — ótimo; amarela — bom; branca — regular.

Também as freiras francesas ali prisioneiras por vontade própria, são estudantes exemplares.

A SAÍDA

Depois de percorrermos todas as dependências, depois de contarmos com todas essas mulheres que gostariam de estar passeando por todas as ruas, fomos conduzidos a um automóvel que nos transportou à cidade.

Conduzia-o um jovem rapaz que havíamos encontrado na rua e nos indicara a penitenciária. Soubemos depois pelo administrador tratar-se dum prisioneiro em-



Uma recente rebelião no presídio que teve início com uma ensurdecedora chintreira nas celas, provocada pelas presidiárias, terminou com a chegada da guarda. Chamaram p' si essas bondosas freiras, a razão do proibido barulho a altas horas da noite, para que as «companheiras» nada sofressem.

Como este, dezenas de outros casos têm acontecido, em que seus sacrifícios desinteressados muito têm contribuído para amenizar os castigos que seriam impostos a muitas daquelas mulheres.

Pretendemos fotografá-las, quisemos colher delas, palavras que esclarecessem devidamente a razão desse castigo que sofrem sem razão.

Nada nos disseram. Nada divulgaram. Muito ao contrário, pediram-nos para nem sequer falarmos na sua existência.

Que nos perdoem as bondosas Irmãs se trazemos o lume, suas paixões, acesas num reflexo de ideal que não é outro senão o de libertadoras de almas, sofrendo como o Senhor, dando o Sacrifício como exemplo.

(Cont. na pág. 50)

ensinar, sem liberdade, sem brinquedos, sem meninice, com um pêso imenso de ódios que carregarão pela vida fora. Pobres inocentes,

prestado a Bangu como artífice, onde desempenha os cargos impossibilitados às mulheres, electricista, pedreiro, etc. É ele o único homem que entra no presídio feminino (sempre na companhia da guarda).

Quando Roberto (assim se chama o prisioneiro) nos transportava, dissemos por graça:

— Você agora pode fugir. Aproveita o carro, deixamos na cidade e loge. Tá?

— Para quê? Não fiz mal a ninguém, para fugir. Além disso estou tão bem na prisão.

CONCLUSÕES DO REPÓRTER

No campo mórbido do crime e pecado, entre a maldade e a perversidade, no atoleiro satânico do vício foram refugiar-se duas Irmãzinhas de Jesus, após a sua chegada de França. No morro viveram entre a escória da sociedade.

Batalha de idéias e sentimentos.

Ofereceram bondade e sacrifício, eterna poesia que a humanidade desdenha.

Foram agora oferecer-se como prisioneiras voluntárias em Bangu. Ali estão misturadas entre a imoralidade e a traição, sofrendo como as mais mal tratadas, em atitude intrépida de generosos apóstolos, tentando acordar os sentimentos de bondade em almas que se supõem perdidas.

Reduzidas à contraternidade de criminosas, elas oferecem tons de candura num estorço pertinaz como libertadoras de almas.

Desejam conquistar as Graças do Senhor compartilhando das penas com aqueles que a justiça dos Homens condenou, tentando estabelecer entre elas um plano de igualdade fugindo a servilismos sociais, pensando somente na misericórdia de Deus. Levando um pouco de conforto aos perdidos.



A qualquer hora
do dia

ou da noite

a

RÁDIO RECORD

de São Paulo

tem um PROGRAMA

que VOCÊ ouvirá

perfeitamente

em qualquer

ponto do país

EXPERIMENTE!

ondas médias: 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas: 19, 25, 31 e 49 metros

Record

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 19 E 25 DE MAIO DE 1956
(HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo de:

- ★ **CARNEIRO** (21/9 — 20/10) — A semana será movimentada e favorável ao leitor. Haverá casos de urgência exigindo muita atividade física e muita atenção nas soluções a serem adotadas. Os melhores dias serão 19, 21, 23, 24 e 25.
- ★ **TOURO** (21/10 — 20/11) — Não deixe para os três últimos dias da semana em causa, a assinatura de documentos de maior importância. Do mesmo modo, não assuma compromissos morais, de qualquer forma, em tais dias.
- ★ **GÊMEOS** (21/11 — 22/12) — O leitor terá de percorrer uma curta distância, durante a semana em foco, para atingir os objetivos. As coisas passarão ao seu alcance. Num ambiente astral favorável assim, não será preciso correr.
- ★ **CÂNCER** (23/12 — 20/1) — As favorabilidades da semana incidirão no setor do seu trabalho normal e no da vida em sociedade. O leitor terá oportunidade para fazer novas e muito boas relações de amizade, graças ao poder de insinuação de que estará revestido.
- ★ **LEÃO** (21/1 — 20/2) — Recuse as sugestões e os conselhos que lhe quiserem dar no curso da semana em pauta. Em tal período, sua intuição será poderosa e segura, podendo levá-lo assim, aos melhores resultados.
- ★ **VIRGEM** (21/2 — 22/3) — Sua vida sentimental poderá ser abalada por acontecimentos contristadores. Haverá perigo de rompimento brusco, de separação violenta e de conflitos domésticos. O melhor, no seu caso, será a não tomada de atitudes.
- ★ **LIBRA** (23/3 — 20/4) — O novo período será muito favorável aos noivados e casamentos. Favorecerá, igualmente, a assinatura de contratos e de documentos de importância e à formação de sociedades de indústria ou de comércio.
- ★ **ESCORPIÃO** (21/4 — 20/5) — O leitor poderá ser vítima, no curso da semana, especialmente nos três últimos dias, da deslealdade de pretensos amigos. Não confie demasiado na sua entourage, nem mande podendo ir. É melhor prevenir...
- ★ **SAGITÁRIO** (21/5 — 23/6) — O período será muito bom para sua propaganda e para ativar a correspondência. O leitor terá facilidades no que desejar aprender e praticar. Poderá tomar iniciativas.
- ★ **CAPRICÓRNIO** (24/6 — 22/7) — Os negócios imobiliários, as compras assim como as vendas a prazo estarão prejudicados no curso da semana. As desfavorabilidades reinantes não aconselham qualquer atividade em tal domínio.
- ★ **AQUÁRIO** (23/7 — 21/8) — As viagens, as aéreas principalmente, estão interditas, durante a semana, no caso do leitor. Não provoque os elementos, pois há uma verdadeira conjura, no Céu, contra o seu destino.
- ★ **PEIXES** (22/8 — 20/9) — Bons ventos conduzirão seu barco ao melhor porto na rota programada. A semana lhe favorecerá os negócios e as iniciativas, dando-lhe o máximo de realização e de resultados.

OS NOMES DA SEMANA

Maio. 19	—	Ivaldo	—	Elsa.
" 20	—	Clévis	—	Inez.
" 21	—	Idalécio	—	Floris.
" 22	—	Ramiro	—	Rosália.
" 23	—	Florêncio	—	Adalgisa.
" 24	—	Clarimundo	—	Gilda.
" 25	—	Sérvulo	—	Ester.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Maio. 19	28° 28' 07"	(Signo do Touro)
" 20	29° 25' 50"	" " "
" 21	00° 23' 31"	(Signo dos Gêmeos)
" 22	1° 21' 11"	" " "
" 23	2° 18' 49"	" " "
" 24	3° 16' 27"	" " "
" 25	4° 14' 03"	" " "

O FATO LITERÁRIO

P O E S I A

E O TÚMULO DE AUGUSTO?

J. R. TEIXEIRA LEITE

● **NAO FAZ** muito tempo, um grupo de intelectuais do Rio e de Minas Gerais esteve em Leopoldina, em visita ao túmulo do grande e misterioso poeta Augusto dos Anjos, que naquela cidade mineira, como professor primário, passou os últimos anos de vida, morreu e foi sepultado. Ocupava o Palácio da Liberdade, naquela ocasião, o mesmo homem que é, hoje, o Presidente da República: Juscelino Kubitschek de Oliveira, o qual, interpelado por "Jornal de Letras", prometeu fazer erguer, no mesmo local em que se encontra o sepulcro arruinado do autor de "Eu", um monumento funerário à altura do talento poético do malogrado paraibano. Pouco após, com efeito, o escultor Ceschiatti recebeu a encomenda do mausoléu, cuja maquete, logo que concluída, foi fartamente reproduzida em toda a imprensa brasileira.

Dois anos transcorreram. Juscelino Kubitschek passou de governador de Minas a Presidente do Brasil; muitos dos escritores que tomaram parte na romaria ao túmulo do poeta hoje ocupam posições de relevo em seu governo; mas o túmulo de Augusto continua o mesmo. Onde está, afinal, o projeto de Ceschiatti? Não que o poeta precise de um monumento funerário para a sua glória: se há alguém que vem sendo sistematicamente olvidado pelos corifeus de nossa literaturinha, esse alguém é justamente Augusto dos Anjos, cujo único livro nem sequer mereceu, até hoje, uma edição bem cuidada, em papel de boa qualidade, na ortografia atual. Não é justo, porém, que poeta tão original e profundo reste quarenta anos esquecido em uma lousa em ruínas, no interior de Minas Gerais, sem que nada se faça contra esse abandono. Ou será que a glória e a consagração somente atingem, no Brasil, aos poetas gordos?

NOTAS

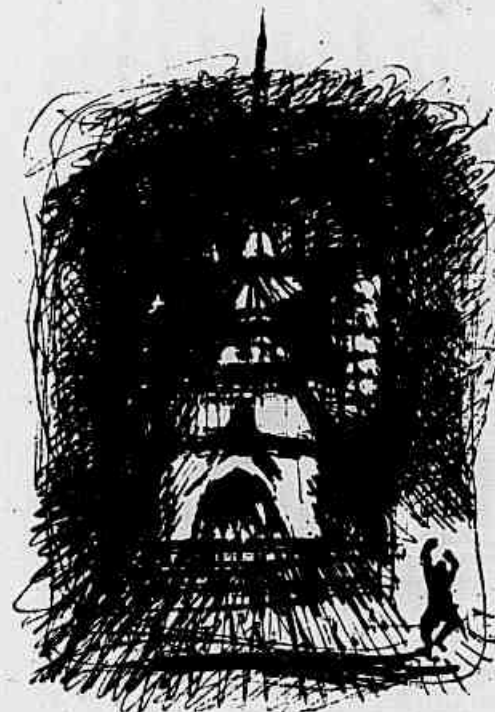
REIS PERDIGÃO, poeta e diplomata, acaba de publicar "Estrêla da Esperança", livro de versos. A Estrêla da Esperança é a que brilha, «sobre o mundo conturbado e ferido», como uma promessa de melhores dias. E' afinal Cristo, em quem o poeta confessa acreditar, e de quem espera a salvação para a crise contemporânea (Edições G.T.L., Rio, 1956, 35 páginas).

RECEBEMOS «COMPLEMENTO», revista de novos e novíssimos editada em Belo Horizonte. Contém variada colaboração; entre ensaios, poemas e contos. Ao mesmo tempo em que nos remete o primeiro número, o contista Salviano Santiago — um dos diretores de «Complemento» — fala-nos das atividades do grupo a que pertence, grupo que conta inclusive com jovens que cursam ainda o secundário, e que já editou, sabe Deus com quanta dificuldade, três cadernos de poesia: «Das Emoções Necessárias», de Heitor Martins, «Elégia do Tempo Perdido», de Elói Silveira Reis, e «Ilha Sonâmbula», de Pierre Santos. Só podemos augurar à turma de «Complemento» nossos melhores votos

de êxito, ao mesmo tempo em que nos colocamos à sua inteira disposição, para auxiliá-los naquilo que nos for possível.

NA COLEÇÃO «Arquivos Brasileiros», dirigida por Juarez Batista, acaba de aparecer a segunda edição de «Evolução do Ensino na Paraíba», de autoria do professor José Baptista de Mello. Trata-se de interessante estudo sobre a história da educação naquele Estado nordestino, desde os tempos do domínio holandês aos atuais.

ADONIAS FILHO, há pouco, em artigo publicado em «Semanário», atacou fortemente o sociólogo Gilberto Freyre, a quem acusa de «bajulador público». Causou a acusação a seguinte frase de Gilberto Freyre, em um artigo do pernambucano sobre a nomeação de Celso Cunha para a Biblioteca Nacional: «Todos os intelectuais estamos na obrigação de proclamar o nosso regozijo com o novo Presidente da República».



♦ **BERREDO DE MENEZES**, poeta maranhense, editou, faz quatro meses, na coleção «Os Novos», do Ministério da Educação e Cultura, seu primeiro livro de poemas: «Catedral dos Vácuos». Pertence ele àquela corrente de jovens poetas brasileiros que, abandonando de todo a cansada poética do passado, voltam-se avidamente para novos meios de expressão, que a muitos leitores hão de parecer, sem qualquer dúvida, incompreensíveis. A ilustração que acompanha o poema abaixo é de autoria de Darel, e faz parte da coletânea.

P O E M A

SILENE,
as coisas do meu planêta
são um começo de tarde
envelhecendo as acácias.

As árvores — arquiteturas de ritmos —
[dormem].
aqui,
antigas solidões de ásperos contornos.

Pássaros sujos de luz voam crepúsculos
e,
onde construo coração e sexo,
a terra é uma flor de sons, espanto ou
[sombra].
Metal é um vento que aqui sopra
e faz florir angústia nas estátuas.
Homem é uma cantiga, pó de sono,
contido e limitado ao sol das ôstras.



ENTREVISTA-RELAMPAGO COM PAULO FILHO

P. — Que arte gostaria de cultivar?
R. — A do romance, em suas várias modalidades, e principalmente o romance de costumes.

P. — Gostaria de ter vinte anos menos?
R. — Talvez, com a experiência dos sessenta e quatro. O ideal seria ter ficado, para sempre, nos quarenta.

P. — Qual é sua ambição literária?
R. — Escrever alguns livros que não os críticos, mas os leitores, consagrassem.

P. — Tem algum livro a publicar?
R. — Sim, e será o primeiro: ensaios de História e Crítica.

P. — Dos livros recentemente aparecidos, no Brasil e no estrangeiro, quais os melhores?

R. — No Brasil, «Pioneiros e Bandeirantes», de Viana Moog; «Memórias», de Gilberto Amadeu; «As Amargas Nões», de Alvaro Moreyra; «Poesias Completas», de Ademar Tavares; «Memórias do Rio de Janeiro», de Vivaldo Coaracy; lá fora, continue nas «Obras Completas», de Anatole France.

P. — Quais os melhores poetas e prosadores, do passado e do presente, no Brasil e em Portugal?

R. — São tantos! Entre os brasileiros, Castro Alves, Gonçalves Dias, Luiz Gui-

marães Júnior, Bilac... Entre os prosadores, Ruy Barbosa ocupa o primeiro lugar. Entre os portugueses, Camões, Garrett, Junqueiro, Cesário Verde, Eça, Ramalho Ortigão, e tantos outros.

P. — Onde desejaria residir?

R. — Em Correias, Petrópolis.

P. — Está contente com o sucesso de seu último livro?

R. — Meu último livro será o primeiro. Mas estou contente, modestia à parte, com o êxito de «Memórias de João Paraguassu», prontas para serem entregues à Livraria Francisco Alves.

QUE É UM CATÓLICO?

Por JOHN COGLEY

Redator-Chefe de «The Commonwealth»,
semanário católico editado nos Estados Unidos

Exclusividade no Brasil para a REVISTA DA SEMANA — Copyright United Press

COMO encaram os católicos a figura do Demônio?
Os católicos acreditam que Satanaz — líder dos anjos caídos — e suas coortes são puro espírito, com uma inteligência super-apurada, e com o desejo irremediavelmente unido à idéia do Mal.

O Demônio e os outros anjos rebeldes podem tentar os homens, e atormentá-los também, muito embora nem todas as tentações provenham do Diabo.

Vários pensadores religiosos estão inclinados a supor que a maior vitória do Demônio é justamente fazer crer a algumas pessoas que não existe.

Para um católico, o Inferno simboliza duas coisas: um lugar, e um estado de punição. O Diabo não está confinado ao inferno, como lugar, e até ao último dia não estará, porém, está «no inferno», como num estado de perpétua punição.

Por que os católicos adoram «imagens esculpidas»?

Eles não as adoram. Como qualquer outra religião, o Catolicismo usa símbolos para traduzir as verdades espirituais.

O Concílio de Trento, há 400 anos, apontou a conduta dos católicos com relação às imagens: «As imagens de Cristo e da Virgem Mãe de Deus, e as dos demais santos, devem ser colocadas e mantidas nos altares, especialmente em igrejas, e veneradas e honradas, nenhuma divindade ou santidade acreditamos que possuam em si, de modo que a elas não se deve prestar cultos, ou pedir-lhes graças, ou crer e jurar pelas imagens, como faziam os Pagãos, cuja esperança repousava por inteiro dos ídolos, devem ser veneradas e honradas, porque representam essas imagens os protótipos que estão nos céus.»

Por que espargem os católicos água benta nos novos edifícios e lojas, etc.?

A água é um velho símbolo da purificação espiritual. E, na Igreja Católica, a água benta é a adaptação de velho costume judaico. Não pensam, os católicos, que a água tenha alguma virtude milagrosa, em si. Quando ela é lançada, acompanhada de orações apropriadas, em edifícios recém-inaugurados, ou lojas de há pouco abertas, a cerimônia apenas significa que a Igreja humildemente está pedindo a proteção divina para aquele empreendimento, a fim de que o poder infernal seja dele afastado, e para que contribua, na medida de suas possibilidades, o prédio ou empreendimento, também para a glória de Deus. O corpo é uma união entre matéria e espírito, e nunca a Igreja deixou de reconhecer isto. E a prova é que usa objetos materiais para simbolizar realidades espirituais.

O que é o Purgatório?

Tal como o céu e o inferno, a palavra admite dois significados, de lugar e de estado. Aham os católicos que o purgatório existe para purificar as almas não de todo isentas do pecado, aquelas que, embora ainda não sejam dignas do céu, não se encontram também em estado de pecado mortal. Esses quase-santos devem sofrer a dor da separação divina até ao momento em que tiverem descontado o débito de seus pecados cometidos em vida. Numa palavra: existe o purgatório para tornar santos e dignos da presença de Cristo aqueles que ainda tenham que sofrer certa punição por pecados cometidos em vida. Se alguém não se torna santo na terra, e não vai para o inferno, será purificado no purgatório.

A MISSA

Qual o verdadeiro significado da missa? É a missa o ato primordial de devoção, no culto católico. É o verdadeiro sacrifício do corpo do sangue de Jesus Cristo, feito todos os dias no altar pelas palavras da Consagração (sobre o pão: «Este é o meu corpo», sobre o vinho: «Este é o meu sangue»).

«Nesse sacrifício divino» (disse o Concílio de Trento), «Cristo em pessoa é imolado, de maneira incruenta, isto é, sem derramamento de sangue, sobre o altar, assim como outrora se ofereceu em holocausto pela salvação dos homens. É o mesmo sacrifício, só o modo de oferecê-lo é que varia.»

A missa deve ser celebrada por um padre ou bispo, com quem a congregação se irmana para oferecer a Deus a «renovação do holocausto do Calvário.»

Acreditam os católicos que, depois que os padres pronunciam as palavras de consagração, a substância do pão torna-se corpo de Jesus, e o vinho, Seu sangue. Cristo, para nós católicos, está verdadeira e substancialmente presente na Eucaristia, de corpo e alma, em humanidade e divindade.

Aham os católicos que o corpo humano e o ato sexual são vergonhosos?

A Igreja recomenda veementemente a decência, precisamente por que encara o amor e o sexo de uma maneira por assim dizer sagrada. Em verdade, como poderia uma Igreja que ensina ter o Filho de Deus se tornado carne e sangue considerar vergonhoso o corpo humano? Longe de considerar o amor imoral, diz a Igreja que é o Amor um modo de o homem participar um pouco do trabalho divino.

É verdade que os católicos consideram os membros de outras religiões como filhos ilegítimos?

Não. É da lei da Igreja que o casamento católico deve ser realizado em presença de um padre e de duas testemunhas. No caso de se tratar de não-católico, a Igreja reconhece o caráter sacro de toda e qualquer cerimônia que marque «a união conjugal entre homem e mulher, contratada ante duas pessoas qualificadas, e que obrigue a ambos os cônjuges a viverem juntos pelo resto da vida».

Proíbe a Igreja o casamento entre um católico e um não-católico?

Sim. Porém, embora não aprove esses casamentos, a Igreja admite tais enlances, se:

- 1 — o não-católico se comprometer, por escrito, a não interferir no ensino da religião católica aos filhos do casal;
- 2 — se ambos os cônjuges admitirem que os crianças que tiverem venham a ser batizadas;
- 3 — se existe a certeza de que as promessas venham a ser verdadeiramente cumpridas.

A um católico é permitido o divórcio?

Os católicos acreditam que o casamento, pela sua natureza, deve ser um contrato «até que a morte avenha». A Igreja não reconhece de maneira alguma o divórcio entre um casal validamente unido pelo matrimônio, de modo a que um dos cônjuges, ou mesmo ambos, venha a casar-se de novo.

Por algumas razões de peso (infidelidade, crueldade), a Igreja poderá admitir uma separação de cama e domicílio. Em tais casos, apenas para satisfazer determinadas exigências legais, pode um católico obter desquite. Não poderá jamais, todavia, contrair novo matrimônio. Em casos em que a Igreja declarou a nulidade do casamento, será possível ao católico contrair novo casamento, de vez que o primeiro não chegou verdadeiramente a existir.

Se acaso os médicos acharem que a mãe deve morrer para que a vida de seu filho seja salva, devem os católicos sacrificar a mãe, ou a criança?

O médico católico deve fazer esforços para salvar a ambas, de vez que tanto a mãe como a criança têm iguais direitos à vida. Não é possível sacrificar uma pessoa para salvar outra. Essa é a resposta que a Igreja costuma dar, seja a um casal de camponeses, seja a um casal real. Nunca é permitido tirar a vida a um inocente, seja em que circunstância ocorrer a hipótese. Aliás, essa questão é puramente teórica de vezes que as estatísticas mostram que as mortes de parto são tão raras nos países católicos como nos demais.

O CASAMENTO DOS PADRES

Por que não se casam padres, nem freiras?

Por muitas centenas de anos, exige a Igreja Católica que os padres e as freiras não se casem jamais. É medida disciplinar, que poderá ser transformada de um momento para o outro — embora dificilmente isso venha a acontecer. A regra deixa o sacerdote e a freira inteiramente livres de qualquer responsabilidade de família, para que ambos se dediquem por completo ao cuidado da comunidade de que são como que pastores. Esse sacrifício é, aliás, aceito de coração pelo clero, e pelo povo.

Monges e freiras fazem voto de castidade, não por acharem o matrimônio imoral, mas somente para que possam dedicar-se inteiramente ao serviço de Deus.

(Cont. na página 50)



A CONFISSÃO católica é um ato de humildade. Muito embora os não-católicos clamem contra ela, é indiscutível seu grande alcance psicológico.

DOMINGO, 20 de maio de 1906

A TENDENCIA DA MODA E OS "CORPINHOS" USADOS

Cada epoca tem o seu genero especial de loucura; a nossa é, sem duvida, a da velocidade. Tendendo a talhe a se alongar e descer cada vez mais na frente, é provavel que a maior parte dos antigos corpinhos exijam modificações neste sentido. Começa-se então por alongar o fundo do corpinho, sem que seja necessario fazer descer a parte superior até em baixo, estabelecendo-se por cima uma cintura corselete "drapée". Esta cintura será redonda atraz ou recortada em pontas em cima e em baixo, mas invariavelmente descerá muito baixo na frente, formando uma ponta, que será mantida até a sua extremidade pelas barbatanas do corpinho.

Que farão as gentis leitoras, se tomando um vestido do anno passado constatarem não sem surpresa que o corpinho tornou-se muito apertado, colchetea com dificuldade e incommoda, a ponto de não poder usal-o? Em primeiro lugar, é necessario rectificar o fundo justo. Se ficar ainda muito apertado, será preciso cortar a primeira prega do alto até embaixo applicando uma emenda.

PARA TORNAR TRANSPARENTE... Os collarinhos fazem-se hoje muito molles, sustidos somente por pequenas barbatanas de pennas; os collarinhos montantes são simples e sobriamente guarnecidos: nos corpinhos em "mousseline" de seda ou renda, não se coloca forro, para que se tornem transparentes.

ACIMA DO COTOVELLO — Quanto as mangas, o meio mais simples de lhes dar um cunho de novidade, é cortar-as justas, acima do cotovello. As mangas todas, usam-se hoje meio longas; entretanto, sendo esta moda pouco pratica, talvez que algumas de nossas gentis leitoras, prefiram conserval-as longas. Neste caso, deverão fazer no alto fofos, mas sem exaggeração.

DISFARÇANDO A FUNÇÃO... No paletot Imperio, muito em moda, as frentes e as costas são dispostas em pregas deitadas, abotoado sob uma prega cavada, cahindo livremente, sobre o "empiècement," disfarçando a função debaixo de um trancelim. O "empiècement", aberto no meio, é forrado de seda ornado com applicações DE VELLUDO: o collo e os enfeites são feitos tambem de velludo sublinhando os contornos de uma ordem de trancelim.

THEATRO RECREIO DRAMATICO

O Rio de Janeiro acha-se presentemente em grande actividade theatral, pois quasi todas as casas de diversões funcçionam, e o que mais grato nos parece, é ver que ha frequentadores para todo o genero de espectáculo, desde o café cantante até ao lyrico.

E' um bom prenuncio do tempo e ainda mais favoravel ao desenvolvimento artistico da população carioca.

Oxalá maior impulso tenha elle para destruir um preconceito que atemoriza os empresarios.

A Companhia Lyrica Italiana, que até bem pouco tempo trabalhara no Apollo, iniciou na terça-feira seus espectaculos no S. Pedro de Alcantara, cantando a Tosca.

No Recreio, estreou a Companhia Miranda, representando a «Filha do Feiticeiro», uma interessante peça phantastica de que são autores Alfredo Miranda e Souza Rocha.

Foi tambem bastante applaudida a comedia o «Papão», que no S. José subiu á scena em beneficio da sympathica atriz Isabel Berarchi.

O «Palace-Theatre» teve a casa cheia com a «première» da comedia «Francesca Ri... Dera».

O BANQUETE

Achava-se o dr. Affonso Penna palestrando com os drs. Lauro Müller, Manuel Buarque e Pandiá Calogeras, em uma das mesas do botequim quando a campainha de bordo deu signal para o jantar.

— A campainha chama-nos para o jantar — disse o dr. Buarque de Macedo.

Eram 6 e 30 minutos da tarde, quando no salão de jantar do «Maranhão» tomaram assento nas doze mesas as pessoas que se achavam a bordo. Em uma mesinha tomaram logar os drs. Affonso Penna, Lauro Müller, Manuel Buarque e Pandiá Calogeras. Nas outras mesas tomaram asseunto, indistinctamente, todas as demais pessoas.

Foi servido o seguinte «menu»: Filet de robalo á milaneza; «Vol au vent a la Reine», peru á brasileira, aspargos á manteiga, «roast-beef» á ingleza. Sobremesas: pudding de gabinete, sorvete de limão, fructas diversas e queijos. Vinhos, champagne, café, chá e licores.

ANNUNCIOS

Superior terno sob medida de sarjas diagonaes casemiras de cores, etc.
60\$000

Barra do Rio — Rua Sete de Setembro, 146-A.

«MARMELODA» NO TURF

As corridas realizadas domingo ultimo, no magnifico prado do Itamaraty, teriam sido irreprehensíveis se não fossem o arranjo do 5º pareo, em que, visivelmente, o cavallo «Chileno» não disputou para poder vingar a dupla de «Motke» e «Faisca», e a resolução da digna Directoria em não fazer correr o 3º pareo, pelo facto de se apresentarem para disputa da victoria, apenas os animais «Teniente» e «Diamante».

Essa resolução só favoreceu aos «books-makers» prejudicando os proprietarios desses cavallos e contribuindo para maior desanimo dos que pensavam em importar bons parceiros e receiam agora fazel-o na presuasão de que sacrificariam capitais, sem vantagem para o desenvolvimento do sport hyppico no Rio de Janeiro.

XADREZ — Com a publicação de um interessante trabalho do nosso presado collaborador sr. J.E. Macedo Soares, eximio enxadrista de S. Paulo, completa esta columna o seu quinto centenario de problemas, no decurso de seis annos de ininterrupta existencia.

A VIAGEM DO PRESIDENTE DA REPUBLICA

No intuito de fornecer aos nossos leitores informações seguras e impressionistas sobre a excursão do dr. Affonso Penna aos Estados do Brasil, a Revista da Semana destacou um dos seus redactores para o trapiche do Lloyd Brasileiro afim de visitar o vapor Maranhão, encostado á ponte d'aquelle trapiche, onde recebe os ultimos fornecimentos para a viagem.

O CAMAROTE PRESIDENCIAL

Na Camara do commando, onde foram installados os aposentos do dr. Affonso Penna, nota-se sobriedade na ornamentação, sem, todavia, lhe faltar o bom gosto. A draperie que é toda de reps grénat escuro, combina perfeitamente com as palmeirinhas viçosas, installadas em jardineiras de porcellana e com o tapete do assoalho, que é de cor verde-musgo.

No compartimento reservado para dormitorio foi installado um leito provido de mosquiteiro e um bureau-ministre. Ao lado d'esse compartimento está o banheiro provido de torneiras, de modo a facilitar os banhos frios e quentes. As acomodações para a comitiva foram feitas nos camarotes de primeira ordem na coberta.

JORNAL DE BORDO

Aos lados d'esses camarotes foram installados a barbearia e a typographia para a confecção diaria de um pequeno jornal de bordo, que será distribuido nos portos de passagem. Esse jornal será redigido pelos jornalistas da comitiva, embarcados a bordo do Maranhão.

O «FUMOIR» E O BOTEQUIM

Na segunda coberta está o salão de jantar, onde pequenas modificações foram feitas. As mesas estão todas cobertas com panno de pellucia verde-musgo, tendo ao centro as iniciaes L.B., em pellucia grenat. Sobre cada uma dellas ha um vaso moderne-style e um pequeno arbusto.

No salão ha dous grandes armarios, o da parte de vante, onde estão os crystaes e o da parte de ré, onde estão as pratas.

Na tolda estão installados o salão de musica, o fumoír e o botequim.

O QUE VAE A BORDO

Segundo as informações que podemos colher, é esta mais ou menos a relação dos generos, gado, aves, etc., que leva o Maranhão a seu bordo, para abastecimento da comitiva:

15 barris de quinto, 800 kilos de biscoutos finos, 1.500 kilos de assucar, 1.000 kilos de arroz, 200 kilos de presunto, 200 galinhas, 20 porcos, 10 bois, 20 perus, 100 kilos de salame, 150 kilos de peixe fresco, 400 garrafas de «champagne», 150 kilos de lombo de porco, 1.000 latas de camarões, coelhos, perdizes, ostras, lagostas e paíes.

EMBARCA O PRESIDENTE

Uma vez a bordo, o dr. Affonso Penna, em companhia do general Pinheiro Machado, dr. Nilo Peçanha, Ruy Barbosa, dr. Rosa e Silva, Buarque de Macedo e outras pessoas, fizeram uma visita minuciosa a todas as dependencias do paquete, tendo s. ex. em cada compartimento que era levado, phrases de animação e incentivo para a nova administração do Lloyd.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

- 1—E' casado com Marisa Pavan:
 - Jean Gabin?
 - Jean Pierre Aumont?
 - Jean Sablon?
- 2—Quem diz «lepidóptero» se refere ao mundo das:
 - mósas?
 - borboletas?
 - baratas?
- 3—Chamou-se «La Bastardella»; foi célebre soprano:
 - Alboni?
 - Agujari?
 - Malibran?
- 4—«Le Devin du Village» é uma ópera de:
 - Bizet?
 - Jean Jacques Rousseau?
 - Massenet?
- 5—Que língua falam os índios bolivianos:
 - inca?
 - quetchua?
 - aymara?
- 6—O que simboliza a expressão «rosa de Malherbe»:
 - a beleza das flores?
 - a brevidade da vida?
 - a felicidade?
- 7—Jung foi, de certo modo, continuador de:
 - Charcot?
 - Adler?
 - Freud?
- 8—Marivaux escreveu:
 - Cid?
 - On ne badine pas avec l'amour?
 - Pour Lucrece?
- 9—Og é personagem bíblico; foi:
 - faraó?
 - rei de Ur?
 - rei de Babilônia?
- 10—Houve no futebol carioca também um Og; pertenceu a que time:
 - Bangu?
 - América?
 - Flamengo?
- 11—Roosevelt, presidente norte-americano, era de ascendência:
 - alemã?
 - holandesa?
 - dinamarquesa?
- 12—«Le poète de sept ans» é um célebre poema de:
 - Rimbaud?
 - Valéry?
 - Musset?
- 13—Quem é o atual Presidente de Portugal:
 - Craveiro Lopes?
 - Oliveira Salazar?
 - General Carmona?
- 14—Kossuth foi um personagem que se salientou:
 - na Revolução Húngara de 1848?
 - Na Revolução Francesa de 1789?
 - na Revolução Russa de 1917?
- 15—Foi escritor e professor de Medicina Legal:
 - Humberto de Campos?
 - Afrânio Peixoto?
 - Tanner de Abreu?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Jean Pierre Aumont; 2 — borboletas; 3 — Agujari; 4 — Jean Jacques Rousseau; 5 — aymara; 6 — brevidade da vida; 7 — América; 8 — On ne badine pas avec l'amour; 9 — rei de Babilônia; 10 — Afrânio Peixoto; 11 — holandesa; 12 — Rimbaud; 13 — Craveiro Lopes; 14 — Revolução Húngara de 1848; 15 — Afrânio Peixoto.

É hora do "RANCHO"



seu filho
cresce com

O alimento
que levanta
o peso
do bebê

A venda em
armazéns,
mercearias
e
farmácias



Experimente Arrozina em
mingaus, cremes, recheios e bolos

UM PRODUTO



**Instituto Dietético
Infantil S.L.**

CAIXA POSTAL 4334 — SÃO PAULO

Representantes em Todo o País



Entrevista de SILVIO CASTRO

Fotos de ALBERTO FERREIRA

★

- Ping — Que é caricatura?
- Pong — É o modo de pegar o engraçado de uma pessoa ou de um fato e fazer disso uma obra de arte.
- Ping — A caricatura é uma manifestação de arte?
- Pong — Sim, é uma manifestação de arte.
- Ping — Qual o sentido marcante da caricatura?
- Pong — O pessimismo. Antes de tudo, é uma expressão pessimista da vida.
- Ping — Como prática e caricatura?
- Pong — Não chego ao extremismo negativista de George Grosz. Aceito o meio termo. Deformação leve.
- Ping — É indispensável à caricatura ser engraçada?
- Pong — A caricatura é sempre engraçada. Porém com vários graus de expressões afetivas.
- Ping — É a caricatura uma espécie de ilustração?
- Pong — Não, não é uma ilustração. Veja o caso de charges políticas.
- Ping — Consegue sorrir com as suas caricaturas?
- Pong — Consigo. Muito me divirto com elas. Depois de muito tempo, divirto-me revendo-as.
- Ping — O que mais alegra no trabalho da caricatura?
- Pong — O encontro do traço preciso provoca uma grande alegria. Depois de muitos rabiscos é um prazer ver o procurado.
- Ping — O que deve ser mais desejado na caricatura?
- Pong — A leveza. Mas ela jamais deve transparecer ao público como sendo uma coisa procurada.
- Ping — Por que se exprime por meio da caricatura?
- Pong — É uma auto-defesa. Pela ironia, alma da caricatura, tento fugir de possíveis choques com a vida.
- Ping — Como define a ironia?
- Pong — É a maneira delicada de dizer ao mundo: «Eu não gosto de você».
- Ping — Desde quando sentiu despertar a sua tendência artística?
- Pong — Desde o conhecimento do pintor Wilhelm Busch, ainda na infância.
- Ping — Pratica outras formas artísticas?

EM TRAÇOS rápidos e nervosos, vai desabrochando sobre o papel mais uma caricatura. Alguns de seus trabalhos alcançaram repercussão nacional.

AFIRMA HILDE WEBER:

**É MUITO DIFÍCIL
CARICATURAR A BELEZA**

♦ **HILDE WEBER** nasceu na Alemanha, porém, muito jovem, transferiu-se para o Brasil, onde casou. Desde menina, porém, fascinava-a o mundo das cores e formas, ao qual aderiu, de coração aberto. O primeiro lápis e a primeira fôlha de papel testemunharam o nascimento da desenhista-mirim, que posteriores estudos transformariam na atual desenhista, premiada inclusive na Segunda Bienal de São Paulo. Artista de talento e valor, é contudo como caricaturista, e caricaturista política, autora de algumas das melhores «charges» já publicadas na imprensa carioca, que Hilde Weber sobressai. E' mesmo um mistério como essa alemã conseguiu adaptar-se à vida brasileira de tal modo, a ponto de adquirir inclusive o senso de humor peculiarmente carioca, que transfunde em seus desenhos.

GREVE DO WHISKI — Charge de **HILDE**



- Pong** — Desenho. (Prêmio da 2ª Bienal de São Paulo).
- Ping** — No sentido político, qual a sua maior criação?
- Pong** — A figura de Getúlio. E, nêle, o cabelinho levantado que ele nunca teve, mas que passou a ter.
- Ping** — Qual foi a caricatura mais difícil que já fez?
- Pong** — A de Marta Rocha. E' muito difícil caricaturar a beleza.
- Ping** — Que pensa das artes plásticas brasileiras?
- Pong** — Podem perfeitamente tomar posição em face dos outros países, especialmente por suas expressões modernas, como o Grupo Frente, por exemplo.
- Ping** — Quais os artistas brasileiros mais representativos?
- Pong** — Quero realçar principalmente a gravura com Lívio Abramo e Goeldi. Pintores: Minton da Costa, Maria Leontina, Volpp, Arnaldo Pedrosa d'Horta e outros. Caribé, no desenho.
- Ping** — Existe nos artistas jovens brasileiros uma procura?
- Pong** — Existe, marcada por um individualismo característico, todos unidos pelo desprezo do convencionalismo.

- Ping** — Que representa o público para o artista?
- Pong** — E' uma coisa que atemoriza, mas indispensável à obra. Inspira desprezo, medo; porém, para ele é a obra.
- Ping** — Qual foi sua maior emoção?
- Pong** — O nascimento de meu filho.
- Ping** — Qual a qualidade que mais admira?
- Pong** — Admiro o que não consigo ser. Admiro as pessoas que sabem ser calmas, bem humoradas.
- Ping** — Quais seus poetas prediletos?
- Pong** — Como alemã, admirando Goethe. Mais,

Morgenstern, T.S. Elliot, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade.

- Ping** — Gosta de futebol?
- Pong** — Eu não entendo de futebol, mas ele já foi motivo para uma caricatura reproduzida no «O Cruzeiro» como a caricatura do ano, a do jogo Brasil e Hungria. Muitas cabeças olhando, mudas, para um aparelho.
- Ping** — Qual sua maior aspiração em arte?
- Pong** — Expressar-me, no campo da caricatura, conforme o meu maior desejo.

SENTADO ao chão está o filho da desenhista; a seu lado, as duas crianças da pintora Lygia Clark. Os quatro examinam um punhado de caricaturas e de desenhos. Quem sai aos seus...

POR ISSO, A CARICATURA DE MARTA ROCHA FOI A QUE MAIS TRABALHO LHE DEU, DAS CENTENAS QUE REALIZOU ★ ADMIRADORA DE GOETHE, ELIOT, BANDEIRA E DRUMMOND, HILDE WEBER FALA DE SUA ARTE E DE SEUS IDEAIS





CÉCILE AUBRY chegou a ser um ídolo em sua França natal. Todos os jornais e tôdas as bôcas falavam nela. Um romance desastroso — com um homem considerado inimigo da França, e que aparece à direita: o filho do Pachá de Marrakesh — privou-a da amizade dos pais e compatriotas.

O CASAMENTO SECRETO DE CÉCI

**A PEQUENINA GRANDE INTÉRPRETE DE «ANJO PER-
VERSO» FOI ESQUECIDA PELO PÚBLICO E PELOS
PRODUTORES FRANCESES ★ ESPERA UM FILHO
PARA O MÊS PRÓXIMO ★ O CASAMENTO COM UM
DOS FILHOS DE UM PACHÁ MARROQUINO CAU-
SOU O TÉRMINO DE SUA FULGURANTE CARREIRA.**

POR onde andaré Cécile Aubry, a encanta-
dora estrelinha francesa que interpretou
«Manon» e a «Favorita de Barba Azul», que es-
trelou filmes italianos, alemães e espanhóis, e
que alcançou êxito universal, por volta de 1949,
com apenas 20 anos de idade? O véu espesso
do mistério baixou sobre ela, e hoje quase nin-
guém sabe que mora em Saint Cyr, a setenta
quilômetros de Paris, numa casa pitoresca, a
que denominou, poeticamente, de «Moulin Blue».
A casa, cercada de telas de arame farpado,
trás ainda, a um canto, a tabuleta: «Cuidado
com os cães!», pintada em letras garrafais ver-
melhas. Mas é inútil essa preocupação da jo-
vem, pois mesmo que quisesse, ninguém, hoje
em dia, na França, nem seus pais, nem mesmo
os sempre ávidos jornalistas, iriam procurá-la
em seu exílio.

◆ **PORQUE?** — Cécile Aubry (na vida real,
Cécile Bernard) tem 26 anos, mede 1,45 e pesa
sòmente quarenta quilos. Frágil na voz, nos ges-
tos, em tudo. Escreveu, nos áureos tempos, um
livrinho que teve popularidade, em Paris: «Les
Vacances de Lumineux, le cheval de cirque».
Quando, porém, foi a Marrocos, filmar «A Rosa
Negra», já cercada da celebridade que a «Ma-
non» de Clouzot lhe garantira, tomou-se de ami-
zade por um dos sete filhos do Pachá de Mar-
rakesh. Esse romance terminou, praticamente,
com a carreira da pequenina Cécile.

◆ **O ROMANCE** — O Pachá Glaoui tem sete
filhos. Quando, há seis anos, Cécile chegou aos
seus domínios, dizem que os sete rapazes não
cessaram de admirá-la, tendo, afinal, chegado
a convidá-la para visitar o palácio. A jovem,



DEPOIS que girou «Manon», Cécile conheceu a
fama. Pintores convidaram-na a posar para te-
las. O jovem Si Hassan apareceria para aca-
bar com sua bonita carreira. O amor venceu.

impressionadíssima com o luxo do mesmo — o Pachá é um dos homens mais ricos de Marrocos —, aquiesceu em namorar Si Hassan, justamente o caçula. Quando as filmagens terminam, Hassan, pretextando uma viagem de estudos, acompanha Cécile até Paris. E o romance continua, por vezes, com viagens ora a Paris, ora a Marrakesh. Tudo dentro do maior segredo.

Não se sabe como, porém, logo a notícia passa ao conhecimento da França inteira. Uma França patriótica, que não perdoará jamais o fato de uma sua filha, jovem e famosa embora, se apaixonar por um homem que, no fim de contas, é um adversário de sua pátria. Nos coquetéis, evitam-na; negam-lhe cumprimentos, no estúdio. Constrangida, Cécile deixa Paris, em companhia da mãe. O pai continua na mesma rue Spontini, no número 10. Solidária com a França, contra a própria filha.

♦ **CÉCILE SERÁ MÃE** — Quando os leitores estiverem lendo essas páginas, o filho de Cécile já deverá ter nascido. Sim, porque Cécile casou-se, em segredo. Com quem? Com Si Hassan? É o que consta, embora não haja certeza quanto ao fato. A própria Cécile não diz quem seja, embora afirme que é estrangeiro, e que reside muito longe, num território exótico... Enquanto espera a hora de reunir-se a ele, Cécile Aubry escreve um livro infantil, para a criança que vai nascer, e que, espera, será uma menina. Título do livro: «Ourson e Pépino», história de um ursinho e de um menino. Pobre Cécile Aubry, vítima da política e do amor.

LE AUBRY



ESSE SORRISO não é de vitória, mas possui ainda qualquer coisa da antiga «coqueterie» da estrelinha. Cécile partirá brevemente para Marrocos, a fim de reunir-se ao seu esposo.



COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Rítmicas». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 60,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL: A venda na Livraria Clássica Editora Praça dos Restauradores 127 17 — Lisboa

Academia de Acordeon MASCARENHAS

A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandali



RUA SENADOR DANTAS, Nº 7-A, 12º ANDAR -- TELS.: 42-4615 e 42-5453
São Paulo -- Praça Júlio Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº

NOME Nº
RUA
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88,00

CALÇADO



Máximo conforto
garantia absoluta



CALVÍCIE PRECOCE

Como evita-la!

JUVENTUDE
ALEXANDRE

Super eficaz contra
QUEDA DOS CABELOS

EM QUALQUER PONTO DO
BRASIL QUE V. S. RESIDA

O MUNDO
PORTUGUÊS

UM JORNAL PARA O BRASIL E PORTUGAL

Estará Todas as Semanas ao Seu Alcance. Seja Assinante Deste Moderno Semanário e Esteja em Dia Com os Acontecimentos da Pátria de Camões!

Assinaturas:

AV. RIO BRANCO, 277 - 12.º - GRUPO 1.203 FONE 32-0499
RIO DE JANEIRO

QUE É UM CATÓLICO?

As freiras e os religiosos que não chegaram a receber as ordens maiores poderão casar-se a qualquer momento em que o desejarem, desde que dispensados, pela autoridade eclesiástica, de seus votos anteriormente prestados. Porém, enquanto desejarem permanecer no claustro, serão obrigados a observar uma vida de pobreza, castidade e humildade, vida à qual se dedicaram de bom grado quando escolheram a carreira religiosa.

Existem também algumas centenas de padres católicos casados. São membros dos ritos orientais, que obedecem também a Roma. Entre esses católicos, é comum que homens casados sejam ordenados, embora não possa contrair um segundo matrimônio.

Por que se opõe a Igreja ao controle de nascimento? Por que se opõe à disseminação das informações concernentes ao controle de nascimentos, nos países não-católicos?

A posição católica com relação à limitação de filhos está baseada em dois fatos: 1) esse controle é anti-natural, e vai de encontro, portanto, à lei de Deus; 2) é imoral, e como tal não pode ser utilizado como meio para se atingir a qualquer finalidade, mesmo que fins bons sejam invocados.

Como não ver que é anti-natural a prevenção de nascimentos, se a finalidade do ato sexual é a procriação? A expressão física do amor é certamente um bem, porém está subordinada, em última instância, às relações sexuais. O prazer concedido ao sexo, um apetite como a fome, a sede, etc., é bom, certamente, mas apenas quando dirigido para essa primordial finalidade sexual, que é a procriação. Baseando suas objeções na lei natural, afirma a Igreja Católica que limitar, deliberadamente, o número de filhos, torcer a finalidade do ato sexual, é conduta artificial, e portanto, imoral.

A limitação de filhos é considerada pelos católicos como uma coisa má, em si mesma — não havendo pois qualquer circunstância que a atenuie ou desculpe. A lei natural obriga a todos os homens, católicos ou não. E mesmo que a limitação dos filhos seja estatuída em textos legais por legisladores protestantes (como é o caso, por exemplo, do Estado americano de Massachussets), os católicos devem resolver o problema de acordo, não com o texto legal, mas com a sua própria consciência. Quem, com efeito, poderá ir de encontro a uma coisa natural?

(Cont. no próximo número)

NA PRISÃO...

(Continuação da pág. 39)

Divulgar esse Sacrilégio, mostrar ao mundo, onde só a maldade impera, que ainda existem sobre a Terra almas puras que salvam almas, não é nossa obrigação, é nosso dever.

Seremos perdoados se as apresentamos ao mundo...

Não sabemos até que ponto a Lei permite que numa penitenciária de mistura com o crime, possam viver crianças. Sabemos, sim, pelo que observamos em Bangu, que isso se pode intitular de crime duplo.

Suas mães ali estão expiando o mal que fizeram à sociedade e com elas os pobres inocentes de todas as idades, olhando os muros altos, as armas dos policiais, ouvindo impróprios, respirando crime, aprendendo no livro do vício.

Frutos da decadência, pela vida agora, a palavra «integridade» não existirá em seu dicionário.

Da meninice recordarão grades, uniformes e armas.

Ao invés dos que em liberdade pensam brincar com pistolas, eles, entre pistolas, pensam brincar com a liberdade.

Esta confusão de isolamento, esse conhecimento de liberdade proibida que os acompanhará pela vida adiante será caminho aberto para o vício e depravação. Um vício que não será hereditário, mas repetido pelo que a meninice lhes ensinou.

Pobres crianças caídas no pântano do crime.

Certos que o sentido da Justiça ainda não morreu, aqui fica o nosso grito de socorro para esses pobres náufragos, esperançados que estamos, que u'a mão salvadora os tire do atoleiro.

CURIOSIDADES DE BANGU

Não se pode deixar cadeiras ou bancos junto às presidiárias porque elas cortam tudo o que é madeira para fazer fogo onde depois colocam um ferro que utilizam para esticar os cabelos.

Fechaduras de diversas marcas têm sido utilizadas nas portas das celas. Pouco tempo elas têm resistido à fúria das prisioneiras. Vai ser adaptado o sistema de ferro.

Siwa, vedeta do João Caetano, quando da sua recente detenção na Penitenciária de Bangu, foi eleita uma das dez mais... bem comportadas e conseqüentemente internada numa das dependências junto à capela.

(Alguém na prisão ficou irritado com esse privilégio).

Para ela foi endereçado um abraço por uma ex-colega com quem fez grande amizade.

Não são permitidos berços nas celas das prisioneiras. Repreendida foi Maria da Penha no dia da nossa visita, pois o administrador descobriu em sua cela o dormitório do seu filhinho.

Censuradas foram também, nesse dia, certas presidiárias por encherem as paredes das celas com retratos das artistas preferidas, entre as quais, se contavam em maior número, fotos de Angela Maria e Emilinha.

Semanalmente se realizam sessões de cinema com filmes atuais. A máquina foi oferecida pelos alunos da Faculdade de Direito, bem como o aparelho de T. V.

(Continua na pág. 58)



O CORCUNDA DE VERONA

Conto de MARQUES GASTÃO

Desenho de ORLANDO DA SILVA

EU pessoalmente estou convencido de que fui um garoto bem intencionado. E de que sou, hoje, um homem também bem intencionado. Ainda e apesar de tudo. Gosto de dizer e escrever a verdade, que, por isso mesmo, nem sempre será agradável: nem para mim nem para os outros. Tenho corrido mundo e conhecido terras e pessoas, hábitos e costumes. Em cada terra, surge um sonho, uma idéia, uma aventura. Já tenho contado algumas. Com simplicidade, numa linguagem simples como convém a uma narrativa. Alguns leitores amigos perguntam-me se não serei eu «um inventor de histórias, com personagens que não existem»; outros, vão mais longe, e chegam a inquirir se não serei o próprio protagonista dessas histórias. Claro que, à sua maneira, ou à minha maneira, também eu sou um pouco protagonista das minhas histórias, na medida em que me transformo em personagem que escuta, vê, observa, sente e raciocina... Por isso mesmo às vezes acontece um percalço, como o que vou narrar aos meus leitores.

Eu estava em Verona, há poucos dias. A bela cidade de Romeu e Julieta me levava o desejo de recolher elementos para uma obrascita literária. Hospedara-me no Hotel da Academia, cuja rua apresentava um aspecto desolador, cheia de buracos e de poeira. Dali me escapava até a Praça das Ervas e me deixava, horas e horas, em absorvente admiração perante os contrastes doridos do antigo e do moderno: velhos edifícios a cair aos bocados, as belas tôrres do Relógio e os túmulos de mármore rendilhado e próximo àquela feira de barracas de lona, a algaraviada simpática e expressiva do veronês... Mais longe o Adige, velhas ruínas do passado, a relembrar rixas de Montechios e Capuletos, o Anfiteatro, belo ainda, e o túmulo de Julieta e a casa de Romeu — que não existirá mais senão na memória de todos os namorados...

dêsses belos pares de veroneses que víamos passar pelas ruas de Verona, cheias de sol, belas como uma tela de Rennoir... E eu, que amo a beleza humana tanto quanto a beleza da arte, seja ela qual fôr, numa tela ou numa escultura, numa igreja ou num velho palácio antigo, sinto-me sempre perturbado perante a imperfeição humana, interior ou exterior. Isto não é filosofia, mas apenas uma auto-observação de intuitos de homem bem intencionado. A imperfeição interior horroriza-se mais, mas o defeito físico causa-me uma perturbação dolorosa. Para a primeira, ainda consigo fazer as minhas preces; mas para a segunda, fico de tal modo imobilizado que, raras vezes dou conta da intenção e me perco em pensamentos quase ininteligíveis. Talvez esteja nesta posição a razão do percalço que sofri em Verona. E se o leitor quiser saber: foi um percalço construtivo, pois de então para cá comecei a sentir outras reações e posso sintetizá-las neste conceito: «Os homens não se entendem uns aos outros porque não se aproximam entre si, temem-se a si próprios, fogem uns dos outros.» Pois bem, eu deixei de fugir do Mal como deixei de me sentir deprimido perante as imperfeições humanas. Devo explicar, no entanto, que a depressão que sentia não significava desprezo nem repugnância. Era uma coisa incompreensível, cujo remédio me foi dado pela graça de Deus, que surgiu, como experiência que não deixei escapar, neste estado permanente em que vivo para a merecer. Isto é o que eu penso, mas posso estar a errar, no orgulho de me julgar melhor do que os demais.

Mas foi um velho corcunda que me mostrou a verdade e o erro. Par a par, o que é difícil ou muito fácil. Nós, os homens, somos uma espécie de caracol que se mete dentro da casca e se fecha: só à força o abrimos. Passamos, numa rua, e mal olhamos quem passa por nós; só reagimos perante o Mal — então olhamos e rimos ou passamos adiante... Mas desta vez, não aconteceu assim, como o leitor verá.

A meio da tarde, pontuada de sombras, o Adige brilhando nos reflexos do Sol que morria, ao longe, entre um mar de fogo, o verde dos ciprestes pondo tonalidades bronzeadas no asfalto negro das estradas ou nos muros das duas margens do rio famoso; a meio da tarde, dizia, quando atravessava a bela ponte sobre o Adige, avistei, curvado, rosto pálido, um homem de olhar vivo como a luz solar. Senti um arrepio. A ponte estava deserta e o entardecer aproximava-se da noite, pondo as primeiras estrelas a brilhar nas alturas. Não sei o que se passou. Eu que costume, em terras estranhas, sentir uma mudança em mim próprio, que quase me isola do resto do mundo, vi-me eu próprio, como se estivesse no meio de multidão açulada por qualquer revolta inesperada. Essa revolta estava ali, naquela figura, que se erguia, com esforço, mostrando uma corcunda terrível, medonha; uma corcunda que lhe tornava o andar bamboleante, quase torcido sobre si mesmo, homem quase sem pescoço, a boca aberta num rictus de amargura que metia medo. Cabeça ao vento, cabelos ralos, entre o castanho muito claro e branco, os dentes roídos pela cárie, as mãos arredondadas e enxundiosas, de dedos muito alongados, com umas unhas enormes e sujas... e nesse corpo baixinho, um fato decente, de um castanho já um pouco esmaecido... Eu esqueci as pedras do passado; o túmulo de Julieta e o seu balcão; o Anfiteatro e as estátuas, a Praça das Ervas, as «vias» e os «corsos», a Praça da Signoria e o túmulo rendilhado de bela pedra secular...

(Conclui na pág. 58)

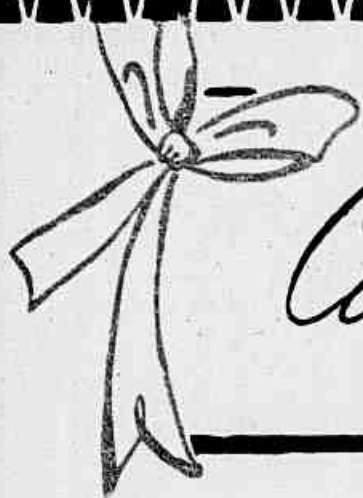
FORTUNA

(cheio de letras)
APRESENTA



HISTÓRIAS COM PALAVRAS





Conversa de mulher

LYGIA JUNQUEIRA

(Desenho de JAIRO)

Bom Gôsto

NA LINGUAGEM corrente chamamos de "bom gôsto" aquele que é cultivado, treinado em preferir o que é realmente bom e belo. O bom gôsto pode se manifestar no vestir, no modo de se comportar, de arrumar a casa, de falar, de escrever, em qualquer ato da vida cotidiana; e não somente na apreciação de obras de arte.

O desenvolvimento mal orientado do gôsto tolhe e empobrece a personalidade. Considerando o assunto com maior generalidade, a mulher sem gôsto tem diminuída a sua capacidade de apreciar as boas coisas dessa vida, porque tudo que nos acontece, tudo que existe, tem um estilo, um ritmo, um aspecto, pelo qual deve ser encarado, e o é, pelas pessoas de bom gôsto. Sem a educação do gôsto passa despercebida toda uma série de valores e relações que deveriam enriquecer e desenvolver a personalidade porque o desenvolvimento do bom gôsto o é também da sensibilidade

Felizmente, o bom gôsto — ainda que possa existir inato em certas pessoas — é algo que se cultiva, que se desenvolve, se aprofunda, com estudo, leitura e "observação" daquilo que já foi consagrado como belo e bom. Não é uma qualidade misteriosa, reservada a privilegiados que fizeram curso de arte ou de "decoração". Sempre que vejo alguém em dúvida sobre as cores de uma tualite ou de um aposento, aconselho procurar inspiração nos grandes pintores. Folheando reproduções de pin-

turas podemos ver como se casam bem certas tonalidades que depois podemos reproduzir no nosso quarto de dormir ou na sala de estar, numa tualite (vestido, chapéu) ou, simplesmente, no pano de mesa que estamos bordando.

Se você pode fazer um curso de decoração, faça-o. Não lhe será nunca inútil. Educar o próprio gôsto é possível, e mais ainda, é um dever, porque a atrofia desse predicado é uma verdadeira "paralisia da inteligência" como afirmava um famoso escritor.

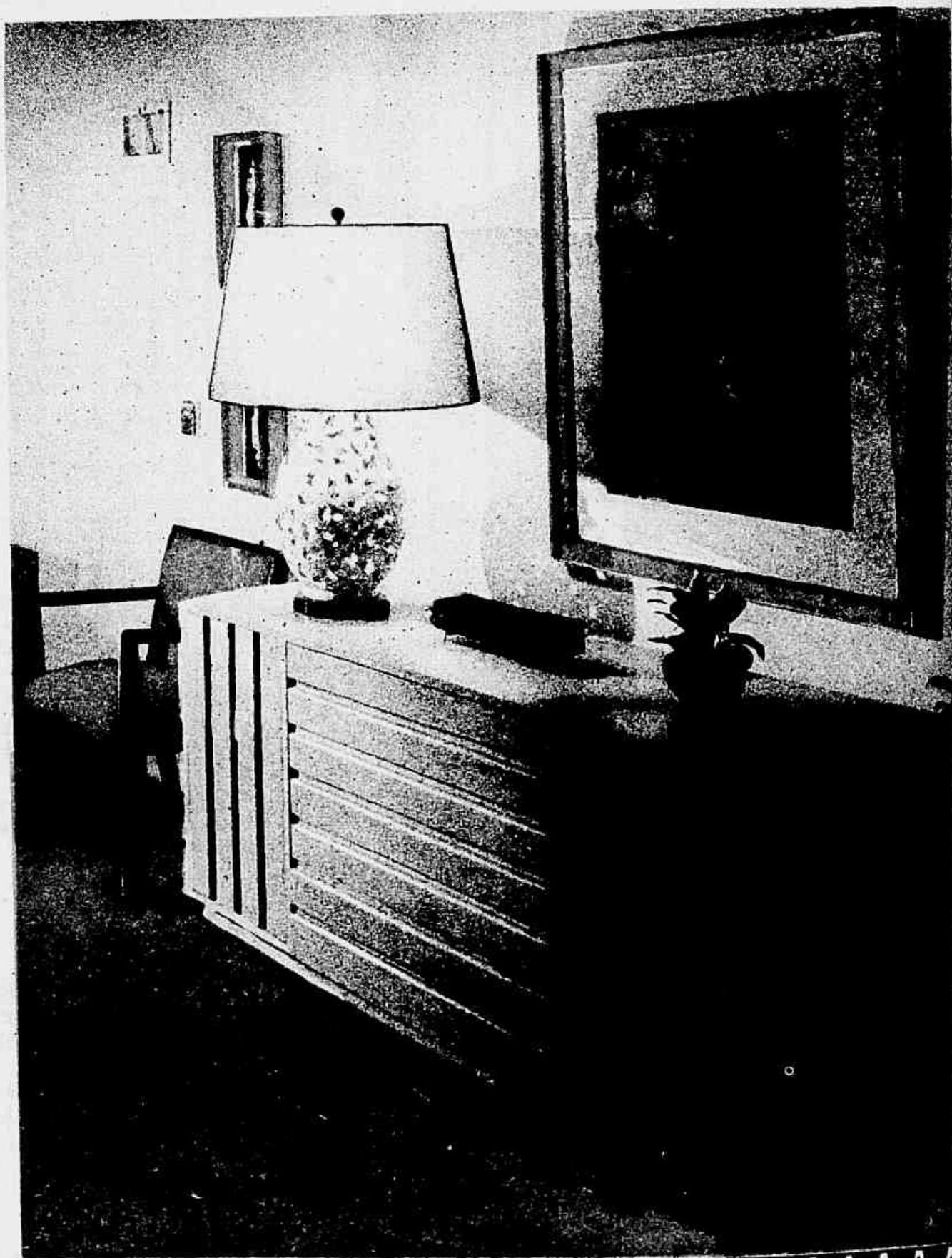
Sugestão para o lar

◆ Na fotografia ao lado, pequeno ângulo de um «living» estão sintetizadas algumas boas idéias para o seu lar. Inicialmente, como tema central, temos o moderno bufê laqueado, de linhas originalíssimas ao lado de simplicidade elegante. Sobre o mesmo, um grande abajur em cerâmica. Detalhe de bom gôsto é a colocação lateral da enorme gravura, para estabelecer equilíbrio com o abajur.

◆ Sob o quadro, objetos pequeninos que não tiram a visão do mesmo. Ao fundo, na parede sobre uma poltroninha simples, o outro quadro de linha alongada, vertical, tem por finalidade romper a monotonia do conjunto do bufê, muito horizontal. São observações como esta, que, no arranjo de um lar, estabelecem a barreira entre o bom gôsto e a vulgaridade.

Cada um se diverte...

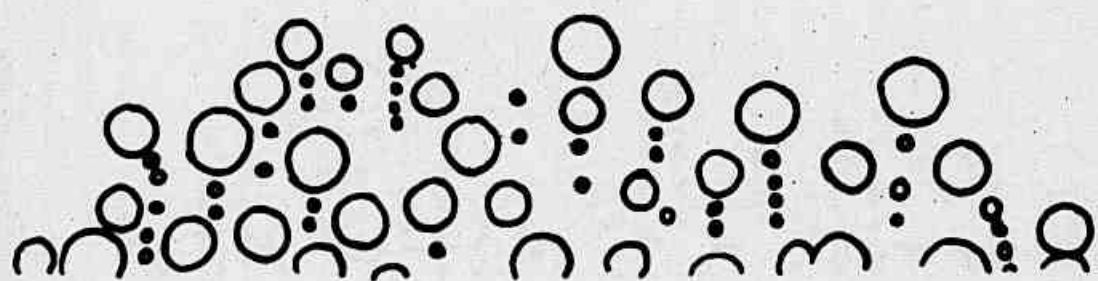
◆ Não há dito mais verdadeiro do que este: «Cada um se diverte como quer (ou como pode).» Portanto, é inútil você querer contrariar sua amiga e levá-la a uma conferência literária, se ela já lhe demonstrou que não gosta disso; ou querer que vá para fora com você no fim de semana, se ela prefere ficar, e aproveitar a praia; ou insistir com seu namorado para ir ao cinema e perder a sua partidinha de futebol... Há quem se divirta jogando cartas, outros ouvindo música, outros vendo vitrina. Tempo inutilmente perdido é o que se passa ensinando os outros a se divertirem à nossa maneira.



VOCÊ SABE LAVAR?

Não ria da pergunta, mas você, dona de casa, sabe lavar roupa? Mesmo que não tenha necessidade de fazê-lo sempre, lá um dia ou outro falta a lavadeira e é preciso dar um jeito nalguma peça de roupa mais urgente. «Ora, quem não sabe lavar roupa?» responderá você, com outra interrogação. Pois há certos detalhes que muita gente não conhece ou se esquece de observar.

- ◆ Antes de pôr a roupa na água separe as peças brancas das de côr.
- ◆ A roupa que levou goma precisa ficar mais tempo de molho que a outra.
- ◆ Nunca ferva uma roupa mais de quinze minutos e quando o fizer ponha uma colher das de sopa de bórax na água.
- ◆ Nunca deixe a roupa de côr molhada uma por cima da outra.
- ◆ Não se ferve nem se lava com água quente: sêda, rayon, nylon e lã.
- ◆ Enxagüe a roupa em tantas águas quantas forem necessárias. A última água deve sair limpa.



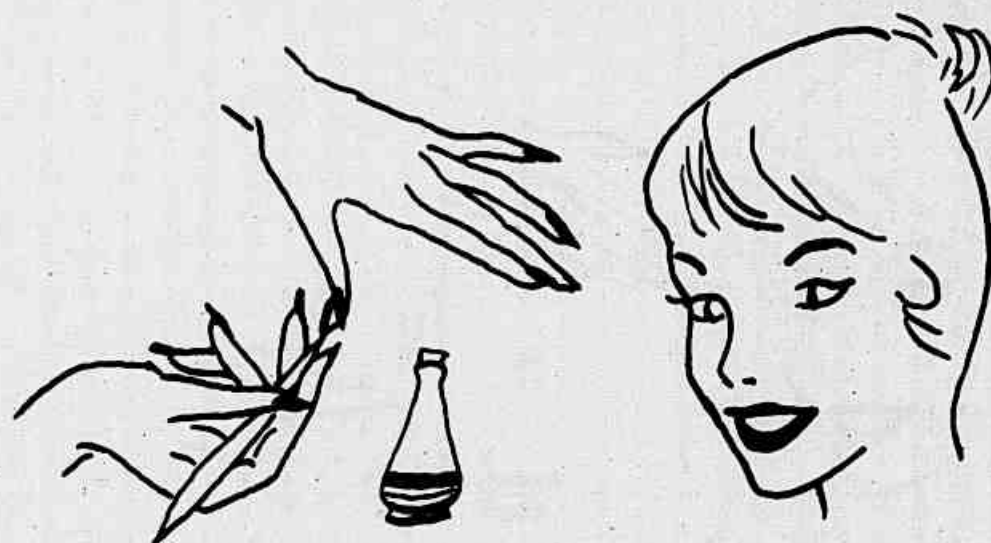
Week-end na cozinha

★ No caderno culinário de toda dona de casa devem existir algumas revistas de emergência, para certas ocasiões em que não se tem outro jeito senão preparar algo rápido, que não faça má figura.

Entre as sobremesas desse gênero estão os bolinhos com creme. Não, não vou dar a receita dos bolinhos. Estes podem ser de qualquer qualidade, mais doces ou menos doces, feitos em casa, ou comprados na padaria da esquina. O creme será:

★ **DE LARANJA:** 2 xícaras de caldo de laranja (obtem-se espremendo bem a fruta), 2 xícaras de açúcar, 1 colherinha de chá de maizena. Leve tudo ao fogo até engrossar.

★ **DE CHOCOLATE:** 100 gramas de chocolate em pó, 1 xícara d'água, 1 xícara de açúcar, 1 colherinha de baunilha. Leve tudo ao fogo e deixe ferver. Sirva depois de frio. Pode adicionar ao molho nozes ou amendoas passadas na máquina de moer carne. Corte os bolinhos ao meio. Recheie com o molho escolhido. Ponha num prato e cubra com mais molho.



DETALHES DE BELEZA

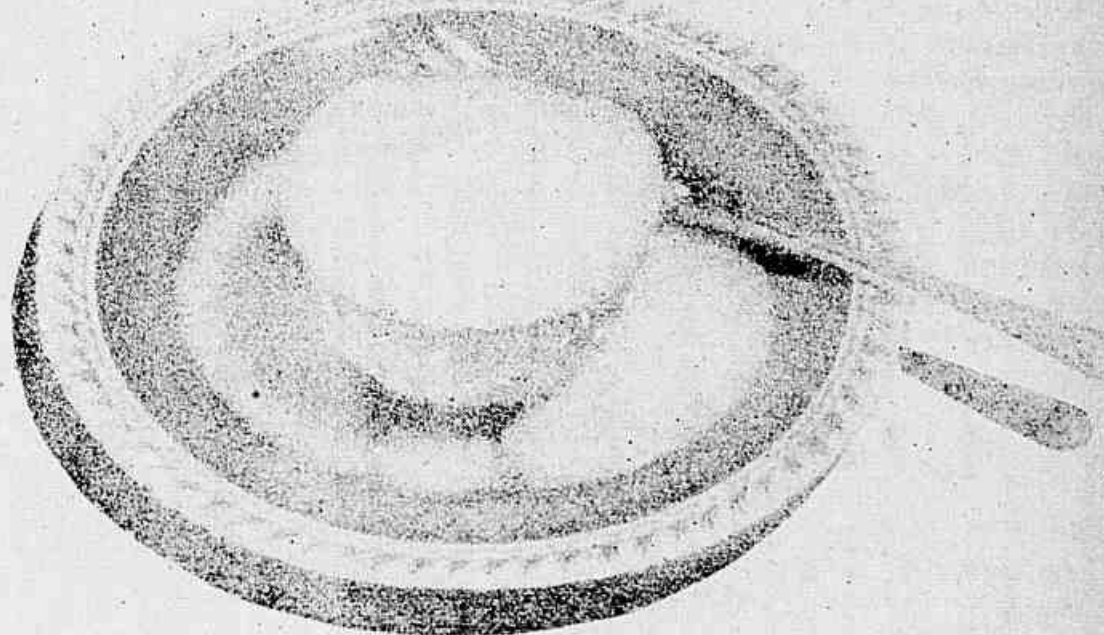
DEPOIS de aplicar o creme, à noite, no rosto, esfregue-o também nas costas e nas palmas das mãos; depois, com as mãos untadas, faça massagem ligeira partindo do queixo em direção às orelhas.

SE SEUS lábios racham quando vai para clima frio, use um baton bastante cremoso durante o dia (base de manteiga de cacau) e uma pomada medicinal nos lábios, ao dormir.

EIS UM truque para evitar que suas unhas (com pontas acentuadas) furem as luvas: enfie em cada dedo das luvas uma bolinha de algodão. Também protegerá melhor suas unhas.

É DE MUITO mau gosto usar enfeites excessivos; além de desviar a atenção para os mesmos e não para você. Use colares com vestidos lisos e com decotes apropriados para eles.

SE SUA pele ainda está queimada do verão e você quer que clareie, passe fatias de pepino. É melhor que qualquer preparado de beleza que você possa adquirir.





GRAND Monde

escreve Jeff Thomas

SÃO PAULO NA PISTA



A elegante sra. Joaquim Xavier da Silveira compareceu ao Grande Prêmio.

◆ Levantei-me (gripe) da cama para dar um «pinolli» até S. Paulo a fim de assistir ao Grande Prêmio. Ao tomar o avião da VARIG (champanhota à bordo) verifiquei que estou realmente nacional, porque ao pedir ao comissário de bordo uma revista para ler, ele trouxe a «REVISTA DA SEMANA» e disse-me que já havia lido minha coluna. Em São Paulo fiquei hospedado no moderno Hotel Comodoro onde quase todo o grupo carioca também ficou. No sábado o acontecimento social mais importante foi a noite de gala na «boite» Oásis, onde a «high-society» carioca e paulista compareceu. Tomei pouco na mesa do conhecido casal Hélio Souto, que era a mesa mais simpática e movimentada da noite. De caneta em punho fui anotando: sra. Inez Alves, sr. e sra. Júlio Fogliatti, sr. e sra. brigadeiro Neto Reis, sr. Dirceu Nascimento, sr. e sra. Fábio de Andrade, sr. F.E. de Paula Machado, sr. Maurício Duque, sr. Jorge Taborda, sra. Baby Vignoli, colunista Cecília Dulce, sr. Duílio Novais, colunista Matos Pacheco, sr. Celmar Padilha.

O José (dono da «boite») Eira está cobrando a maneira «Stork Club» de Nova York. No domingo no meu «carnet», além do Grande Prêmio, estavam três «cock-tails». Compareci ao Jôquei com meu já muito conhecido chapéu «gelot», onde tive a oportunidade de ver de perto a elegância da mulher paulista e a vitória do cavalo Adil. Para começar, à noite, o sr. Geraldo Nóbrega ofereceu um «cock-tail» no Comodoro ao grupo carioca. A sra. Inez Alves, juntamente com o casal Hélio Souto, também recebia. Depois foi a sra. Tânia Kowarick que abria salões de sua rica mansão para receber toda a «high-society» carioca e paulista. Nesse «cock-tail» Cecília Dulce me apresentou ao conhecido colunista Tavares de Miranda. Enquanto circulavam pelos salões, observei que a sra. Cristina Suplicy não estava conservando sua elegância. Que o colunista Caio Furtado estava sempre de copo na mão. Que a sra. Beatriz Souza Queiroz é sempre um encanto. O colunista Tavares de Miranda circulando pelos quatro cantos do salão. A grande elegância da «hostess» e a simpatia dos presentes. Depois «boite» Oásis. Assim foi o Grande Prêmio de São Paulo.

Gossips

Numa recente festa Irene Dellingshausen convidou Roberto Vasconcelos (cronista social em férias, será permanente?) para dançar. Em seguida o Roberto em questão disse-me que o Aldino Avelar, a partir daquele momento, era o seu substituto para atender à flutuação de brotos que costumava

cortejá-lo... Muita modéstia do Roberto. — O atual romance de Ali Khan em Cannes é a loura do cinema americano Kim Novak. — Mônica de Noronha anda sendo escoltada por Jean Pouchard diária e notadamente. Deve haver um sério romance entre esse jovem (superconstante) par. — Apesar de estar de namoro firme com um paulista, Ide Garavaglia não foi passar o Grande Prêmio em São Paulo. — Dentre os rapazes que com certa insistência estavam cortejando as Goldwyn Girls, destacava-se o sr. Aldino Avelar. Foi informado de que o Aldino tentou usar

Baile de Charlston

Patrocinado por este colunista, pela sra. Fernanda Pires da Silva e pelo sr. Agenor Pereira Guimarães, será apresentado pela primeira vez no Rio o baile do «Charlston» dia 24 de maio na Sociedade Hípica Brasileira. Estarão presentes os colunistas Cecília Dulce e Tavares de Miranda como convidados especiais.

Pequenos Flashes

Em seu apartamento do Flamengo, a sra. Fernanda Pires da Silva recebeu «en-petit-comité», para um jantar em homenagem à «mudança de idade» da sra. Raul (Kuka) Cobra Filho. Como não podia deixar de ser o «quartel-general» do Lagoinha Country Club esteve presente. ◆ Quero cumprimentar o meu amigo Adolfo Graça Couto pela sua supereficiente atuação na direção do Country Club. ◆ José Álvaro é a mais nova aquisição da crônica social carioca. Sua coluna é movimentada e bastante venenosa. Ou seja, completamente diversa à do seu antecessor, que era muito «demodée». «Bola na rede» Zé Alvaro. ◆ O casamento da srta. Nina Xavier com o engenheiro Alves Cabral aconteceu com uma cerimônia simples na igreja de N.S. da Paz e o comparecimento de pessoas da intimidade dos noivos e o Presidente e sra. Juscelino Kubitschek. ◆ O famoso galã do cinema nacional, Anselmo Duarte, vai lançar dia 28 em São Paulo o seu novo filme batizado de «Depois eu Conto». ◆ O cronista Antônio (o gordo)

Maria deve estar mal informado dizendo que estou convencido de que me pareço com o ator Gregory Peck. Jamais isso me passou pela cabeça, e o que realmente acontece é que «elas e eles» comentam muito minha semelhança física com o referido ator. E daí?... ◆ Minha amiga, sra. Léa Duvivier, foi vista muito elegante em companhia de seus filhos Aminta e Rodrigo no Aeroporto Santos Dumont esperando o sr. Eduardo Duvivier. ◆ Lígia Coutinho está arrumando as malas para fazer turismo na Argentina. Enquanto isso Gilca Serzedelo Machado, juntamente com Vera e Heloísa Dolabela, já se encontram lá há vários dias. ◆ Para minha viagem em julho próximo a Nova York e Meca do Cinema, já encomendei um guarda-roupa de corte muito britânico ao conhecido alfaiate Barreto. ◆ Aconselho aos sócios da Hípica a conservarem o sr. Agenor Pereira Guimarães nas funções de Diretor Social. ◆ Estou contra a mudança da capital da República. ◆ Todas as sextas-feiras o comodoro Pires de Melo está promovendo animados jantares-dança no Iate.



Senhorita Nina Xavier-Engenheiro Alves Cabral — O casamento da senhorita Nina Xavier com o engenheiro Alves Cabral, na Igreja de Nossa Senhora da Paz, foi uma cerimônia à qual somente compareceram pessoas da intimidade dos noivos — inclusive o senhor Juscelino Kubitschek e exma. senhora.



Sita. New Cobra

Social Set

♦ O maior acontecimento social da última semana do mês de abril foi a noite de gala da «Après-Midi», realizada no «Golden-Room» do Copa, em benefício das organizações da luta contra o câncer, através do Serviço Nacional do Câncer. Tudo organizado pela superdinâmica sra. Nilza Vasconcellos, que apresentou sua coleção de inverno na passarela, pelas srts.: Raquel dos Santos Jacinto, Ilde Garavaglia, Baby Vignoli, Mabel Pinheiro Guimarães e Myriam Régio. O colunista Jacinto de Thormes ao microfone fazia «blagues» enquanto chamava à passarela os belos manequins amadores. A srta. Zaida Saldanha estava bela como nunca, devia ser a influência de seu acompanhante, era o que dizia o deputado Emílio Carlos. Raquel dos Santos Jacinto recebia toneladas de palmas cada vez que aparecia na passarela. O prefeito Negrão de Lima dançou quase todo tempo. A colunista Cecília Dulce esteve presente a convite da «Après-Midi».

Quase toda a crônica social da cidade compareceu. Tudo perfeito em todos os detalhes. Todas as mesas estavam ocupadas, o salão repleto belo e elegante, dava a nota «snob» de uma noite diferente. O «high-society» todo presente prestigiou o alto patrocínio da sra. Sara Kubitschek.



Jacinto de Thormes fez o desfile do «apres-midi».

e os convidados que eram aproximadamente 150 circulavam pelo «buffet», tomavam uísque, conversavam ou dançavam. Karen e Christia já seguiram viagem para a (Alemanha) Europa.

♦ Nessa mesma noite acontecia a «avant-première» do filme «Ladrão de Casaca» no cine Astória, organizada pela sra. Gilda Sampaio e a Organização das Bandeirantes. O cronista Ronaldo Altílio de microfone em punho anunciava as pessoas «bem» que estavam presentes.

♦ Como noticiei para vocês, o moderno Clube Comercial (a decoração esteve a cargo da sra. Tina Moraes Ferreira) recebeu a crônica social, representantes diplomáticos e gente da sociedade para um movimentado «cock-tail».

♦ Viajou na outra quarta-feira pela Varig, para os «States», onde reside, a senhora Lilian Souza Gomes. Os rumores de que Lilian ia divorciar-se de seu atual espôso foram superados. O casal está reconciliado. A senhora Souza Gomes, que é figura de evidência no «Society» de New York, inclusive amiga dos famosos irmãos Cassini (Gigi e Oleg) e do nosso cônsul Hugo Gouthier, funcionará como correspondente do Grand-Monde Internacional desta coluna.

♦ A minha amiga Leonora Amar, que atualmente encontra-se no Rio, como já noticiei para vocês, em conversa com este colunista disse que certa revista de assuntos radiofônicos havia publicado uma falsa entrevista a seu respeito. Desde que Leonora Amar passou a ser a senhora Miguel Alemán, afastou-se da carreira cinematográfica, deixando de dar entrevistas sobre esse e outros assuntos.

♦ Boite Béguin — O «Public-Relations» do Béguin, senhor Chuck Woodward, informou-nos que dia 15 os conhecidos «shows-business» de Carlos Machado passarão a ser exibidos na referida «boite».

♦ Estêve no Rio o senhor Silvano Henrique Bazids, de São Paulo, proprietário da conhecida Casa Old England. O senhor Silvano foi visto outra noite no Sacha's muito bem acompanhado.



Na noite de gala na Embaixada da Alemanha, os colunistas Jeff Thomas, Cecília Dulce, Roberto Vasconcelos, sr. Alvino Avelar e senhorita Irene Dellingshausen.



Srta. Karen Oellers num «flash» especial para esta coluna.



O «cock-tail» do Clube Comercial, o colunista Jean Pouchard, sr. Manuel Barros Neto e sra. Fernanda Pires da Silva.



Kathe Kollwitz
Mãe e Morte

NOTAS

1 A magnífica mostra de Arte Alemã Contemporânea, organizada pela senhora Hanna Bekker von Rath, foi, pode-se dizer, o grande acontecimento artístico do mês de abril passado. Nela foram apresentadas cerca de cem obras pertencentes aos mais representativos artistas alemães, desde os membros do grupo "A Ponte" até aos da nova geração, passando pela tendência do "Cavaleiro Azul". A senhora von Rath pronunciou interessante conferência, em francês, sobre o tema: "Contribuição Alemã à Arte Moderna". Quase todas as obras apresentadas na exposição pertenciam à Galeria de Arte de Frankfurt sobre o Meno.

2 O pontor colombiano Omar Rayo está expondo na A.B.I., depois de tê-lo feito, há tempos, em São Paulo. Omar vem percorrendo diversos países da América do Sul, em viagem de estudos que há de ser-lhe certamente de grande valia. É um jovem com grandes possibilidades.

3 Maria Martins inaugurou a nove do corrente sua exposição, no Museu de Arte Moderna. O "vernissage" foi um acontecimento social, tal o número de visitantes, e sua categoria.

4 Vera Tormenta, jovem gravadora, é a nova colunista de artes plásticas da cidade. Exerce suas atividades no quinzenário "Para Todos", dirigido por Jorge Amado. Parabéns, Vera!

5 Darel ilustrou, como já noticiamos, com dez litografias primorosas, o livro de contos "Circulo de Giz", de Leo Victor. Agora, está expondo essas litografias, e inúmeras outras, no Salão da Escola Nacional de Belas Artes. É mostra importantíssima, que desejamos focalizar especialmente em nossa próxima coluna.

6 Antecipando-se às comemorações do cinquentenário da morte de Cézanne, a 22 de outubro próximo, o escritor Philippe Greffe pronunciou, na Alliance Française — terceiro andar da "Maison de France" —, uma conferência: "Paul Cézanne, cet éternel inquiet".

7 Selaen Rodman é poeta dos mais conhecidos, na América do Norte, dedicando-se, outrossim, à crítica e à história das Artes Visuais. Agora mesmo acaba de ser publicado seu importante estudo "The Eye of Man", sobre a Forma e a Essência da Pintura Ocidental. Grünewald e Pollock, Fettinger e Giotto desfilam pelas páginas desse volume, judiciosamente interpretados.

8 Em sua "Esthétique de l'Abstraction", Charles Pierre Bru utilizou como epigrafe a mais do que conhecida máxima de Blaise Pascal: "Quelle vanité que la peinture, qui attire l'admiration par la ressemblance des choses dont on n'admire point les originaux!" Tentava assim Bru utilizar uma justificativa, uma defesa para o Não-Figurativismo. Ora, se houve passo em que Pascal equivocou-se, foi esse. É justamente o grande poder da Pintura esse emprestar, aos objetos quotidianos, por humildes e triviais que sejam, uma espécie de religiosidade, que os transforma em fonte de emoção. Isso, é claro, quando o pintor é um artista, e não simplesmente um fotógrafo.

O CORCUNDA DE VERONA

esqueci Garibaldi e Dante, com a sua bela máscara de poeta do Inferno... porque o Inferno estava ali e desistia aquela sensação inicial de «perturbação dolorosa», senti como que uma atração tremenda para aquele homem — quassimodo horroroso que parecia chamar-me com os seus olhos de uma luz tão viva como o Sol... a única beleza que nele existia, Santo Deus!

Já de pé, fitando-me, aberta a boca num sorriso grotesco, ouvi-o numa voz doce, onde não havia sombra de revolta ou de amargura:

— Buona sera, signor! Straniero?

— Si, Portoghese...

E o diálogo começou. Vivo, dramático a condear-me, agora que o recordo, de não ser um Shakespeare ou um Victor Hugo, para o reconstituir. Mas diálogo que devo reconstituir, embora não tivesse sido longo.

Neste hábito de interrogar, para saber, mal dei conta de que inquiria desse homem que se chamava Gaetano M... se não se sentia desgraçado... éle, um monstro físico, para quem toda a gente olhava com lástima ou temor.

— Perché? Por que havia de sentir-me infeliz? Cada homem tem o que merece, o que Deus acha que éle merece. Eu... mereci isto... Mais pelos que me olham do que por mim próprio... Esses têm medo, doentes e escravos de superstições... Eu sou um homem igual aos outros homens... a única diferença é esta corcunda... Mas que é isto? Sabe o que é isto? Dio mio! Io sono felice!

— Mas que lhe aconteceu a pouco?

— Cansaço, apenas, «signor». Volto de «mio lavoro»... Tinha apenas 32 anos, Gaetano M. e trabalhava, como jardineiro, numa grande propriedade. Nas suas horas de ócio fazia versos. Era um homem tranquilo. Vivía só, com os seus livros e os seus versos e também com as suas «rosas perfumadas». A sua voz era calma, tranqüila, como o Adige e cheia de reflexos estranhos e belos como o rio famoso. Diante de Gaetano, eu havia perdido o temor. E quando lamentei o meu pobre italiano, essa bela língua de O'Annunzio que um dia nos deu, num formoso poema, estas doces tonalidades: «Ti dirò come sia dolce il sorriso»... Sim, o meu companheiro tonalidades: «Ti dirò come sia dolce il sorriso»... Tinha uma bela voz e o seu sorriso era já quase belo, porque eu o sentia meu irmão... Igual a éle próprio, com uma alma como a dele, apenas com a diferença de que éle tinha uma corcunda e eu não! A minha corcunda era «aquela perturbação dolorosa» que sentia diante de um defeito físico e aquêle encontro fóra para mim uma graça: anulara, destruíra, fizera desaparecer essa «corcunda interior» de quase repulsa perante um defeito físico misturado talvez com superstições... Em tudo, o homem deve olhar os olhos de Deus e através deles viver nessa ânsia de se aproximar dos homens. Tudo nos é permitido, na liberdade que possuímos e que Deus nos dá.

— Non pianger più! — Disse-me Gaetano. Por que chorar um corcunda? Há coisas piores neste mundo, «signor». Não, não me revolto quando me fazem ligas ou me tocam... eu não posso dar sorte nem azar... tenho a sorte e o azar dos outros homens, iguais em tudo... Vivo e sonho como os demais, choro e rio como vós; o que talvez tenha é mais fé do que vós, nesta resignação em que vivo e a qual me habituei... O mar também não está tranqüilo; a areia não pode fugir das ondas; os pinheiros não podem fugir aos temporais; como os animais à perseguição dos homens e os homens à perseguição dos seus próprios semelhantes... Quando me dão por dentro, porque amo a vida ou a mulher, escrevo os meus versos ou rezo ou então repouso junto das minhas «rosas perfumadas»... Não tenha pena de mim, «signor»... tenha pena dos outros homens que se condoem com a minha corcunda...

O resto... meus leitores que me interrogaram, fica em silêncio. Pertence apenas a Deus. E se tiverdes humildade no vosso coração, aceitai a lição como eu a aceitei.

NA PRISÃO SEM GRADES

(Continuação da pág. 5)

Muitas das prisioneiras já ali estiveram cinco ou seis vezes, sempre com nomes diferentes.

Uma das internas que nos disse chamar-se Maria da Nazaré, espera a cegonha muito breve.

Quando por ela passávamos juntamente com o administrador, este perguntou-lhe:

— Há quanto tempo estás presa?

— Não sei!... Não me lembro!

Perante tal resposta o sr. Moacir resolveu conferir a ficha da prisioneira. Tinha ingressado na cadeia em novembro... seis meses atrás.

Claro que não podia estar ali há mais de oito meses... Mas às vezes!

ANTÔNIO BOTTO

(Continuação da pág. 20)

indignas do talento de Gil Vicente, por minha conta e risco. Sei, porém, que o próprio Gil não se incomodaria.

Perguntamos a Antônio Botto o que acha da Pintura, e qual o seu pintor preferido. A resposta não deixa de ser interessante, para quem foi considerado, por Fernando Pessoa, «um esteta grego nascido num exílio longínquo»:

— Não gosto da Pintura clássica. Acho belas as obras dos pintores do passado — um Rubens, Rafael —, mas quando admiro um «Cristo descendo da Cruz», por exemplo, não é a pintura que acho bela, mas o tema, o próprio Cristo. Só os modernos conseguiram fazer da pintura, pintura exclusivamente. Veja Picasso: é um mágico. Desconjuncta os objetos que pinta, fracciona-os, mutila-os. Amo-o profundamente.

DONA CARMINDA, ANJO TUTELAR

Em todo o decorrer da longa entrevista, por vezes auxiliando-nos com dados minuciosos, de outras explicando ao poeta uma que outra pergunta cujo sentido lhe havia escapado, não deixou de estar presente nem por um momento dona Carminda Botto, esposa de Antônio Botto. Espôsa, anjo da guarda e musa. Em dado instante, levanta-se e nos estende um caderno cheio de letra miúda e regular do marido e nos conta:

— É um livro de sonetos. Meu marido o escreve lentamente, mas sem cessar. Primeiro, faz na imaginação os versos, e depois os põe no papel, sem emendar coisa alguma. É um poeta, um grande poeta. Uma alma de criança. De noite, quando a noite desce, por vezes seu coração dispara, e éle pensa que está muito mal. Chama-me então para junto de sua cabeceira, e creio que melhora.

Dona Carminda passa a falar sobre os visitantes de seu célebre espôso. — Não tem vindo muita gente, e é pena. Veio o Lúcio, veio o Carlos Drummond de Andrade. Esse, aliás, foi muito gentil, já cá esteve duas vezes, e da primeira trouxe para o Antônio o livro de suas Poesias Completas.

Dona Carminda sorri com melancolia. De seu leito, o poeta nos olha, fatigado. É hora de nos retirarmos. Conscientes de termos conhecido um homem excepcional, um poeta. Purificados, mesmo.

NOIVOS DE CARA SÉRIA

♦ Ninguém poderá dizer que Lilian Fernandes e Colé deixassem de levar a sério a cerimônia nupcial celebrada na Igreja Católica Brasileira, quer dizer, pelo Bispo de Maura. Provam-no êsses dois flagrantemente, batidos, um precisamente quando as mãos dos cônjuges se uniam — até que a morte venha a separá-las — e outro quando, minutos depois, êles saíam do templo situado nos arredores da Penha e enfrentavam o delírio dos fãs que não haviam conseguido assistir ao ato. Vejam a



cara séria do popular ator cômico, mostrando estar compenetrado das responsabilidades que o esperavam a partir dessa hora, enquanto a «estrêla», de ar sereno e olhos cismadores, sob o véu e a grinalda de flores de laranjeira, nem por sombras faz lembrar as suas atuações maliciosas no palco do Follies. Já sabemos que via de regra os casamentos oficiados na Igreja Católica Brasileira, originam-se da circunstância do impedimento de um dos noivos, prêso a outro matrimônio, anterior, que as leis não permitem seja dissolvido. Isso não impede que Lilian e Colé se compenetrem da autenticidade dessa união e estejam resolvidos a dar pelo tempo adiante, um exemplo de fidelidade. A cerimônia teve lugar numa segunda-feira (dia 7 do corrente), quando os teatros não funcionam, e já na noite seguinte êles voltaram ao teatrinho de Copacabana, com a revista «E fogo na maloca». Não houve, por isso, viagem de núpcias, pois o espetáculo deveria continuar inapelavelmente, mas a lua de mel nem por isso ficou prejudicada, ao que se depreende destas palavras de Colé: «Estou certo de ter encontrado a companheira sonhada para o resto de meus dias».

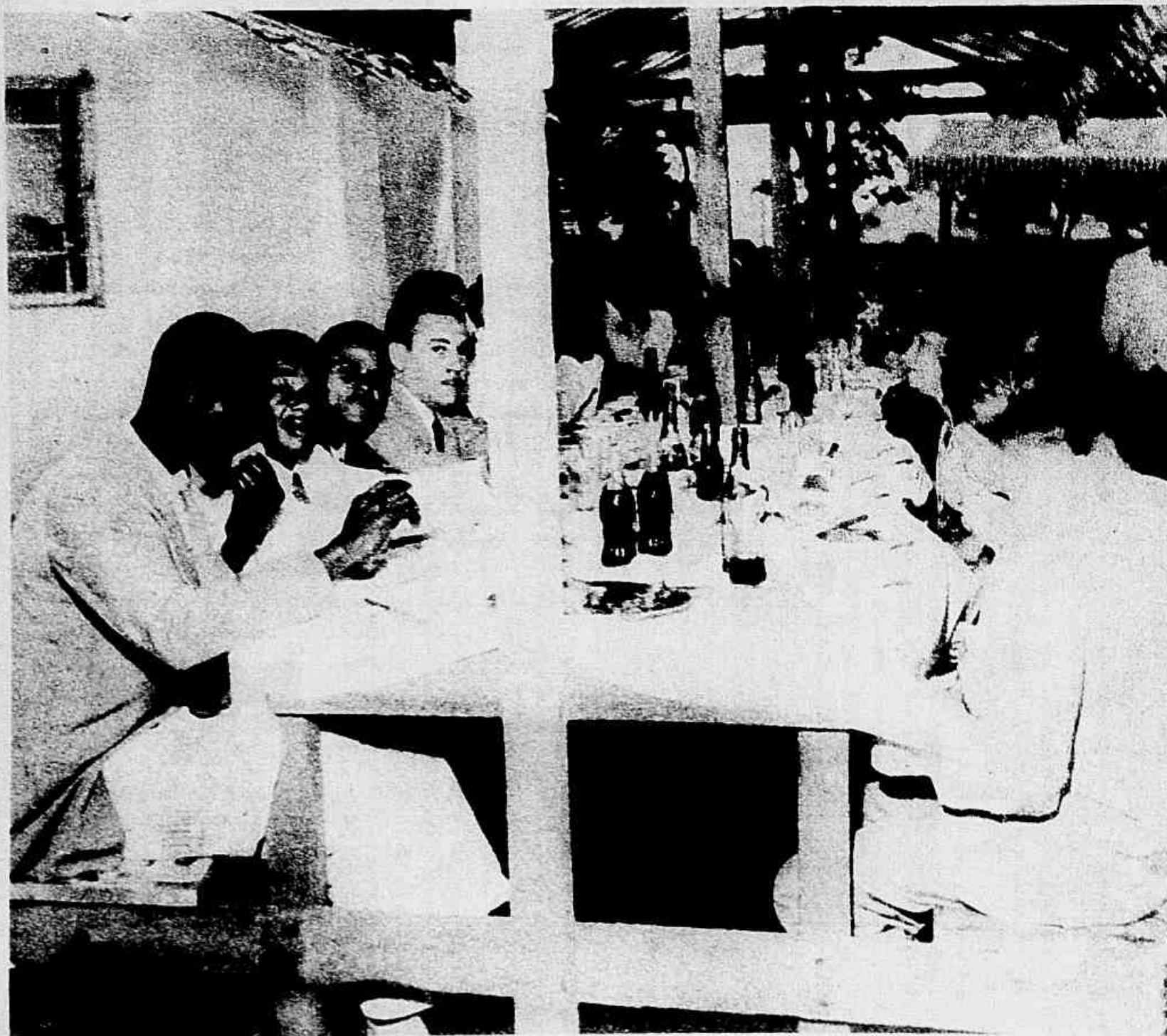
Enquanto Lilian, de lado, mostrava o seu mais feliz sorriso de agradecimentos ao marido.



Centenas de operários e patrões confraternizaram na bela festa realizada no Centro Social Morvan Dias de Figueiredo, em Vicente de Carvalho.

BELA FESTA DE CONGRAÇAMENTO ENTRE EMPREGADOS E EMPREGADORES

CONFRATERNIZAM INDUSTRIAIS E INDUSTRIÁRIOS DO DISTRITO FEDERAL



ANTECIPANDO-SE às festividades do Dia do Trabalho, os líderes da indústria desta capital promoveram, a 26 de abril último, um grande churrasco de confraternização entre empregados e empregadores, que se realizou no Centro Social Morvan Dias de Figueiredo, localizado em Vicente de Carvalho. O Serviço Social da Indústria (Departamento Regional do Distrito Federal) e a Federação das Indústrias do Distrito Federal foram os promotores desse acontecimento de elevada significação nos meios trabalhistas da metrópole, no setor das atividades industriais, e que contou com a presença de grande número de operários e patrões, além de altas autoridades civis e militares, entre as

A esquerda: — Outro aspecto do importante acontecimento.



Compareceram, entre outros (a contar da esquerda): srs. Pedro Paulo Penido, Zulfo de Freitas Mallmann, Oswaldo Penido, João Gallico, Augusto Vianna, Ruy Rosa, Aurélio Vianna, Álvaro Dias e José Raymundo Soares da Silva. Um sucesso, a festa dos patrões e empregados da indústria.

quais se encontravam os srs. Oswaldo Penido, representante do sr. Presidente da República; João Gallico, representante do sr. ministro do Trabalho, Indústria e Comércio; José Raymundo Soares da Silva, presidente do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários; Pedro Paulo Penido, presidente do Conselho Nacional do Serviço Social da Indústria; deputado Augusto Vianna, presidente da Confederação Nacional da Indústria; Zulfo de Freitas Mallmann, presidente da Federação das Indústrias do Distrito Federal e diretor do Departamento Regional do Sesi no Distrito Federal; Deocleciano de Holanda Cavalcante, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Indústria, deputados Aurélio Vianna, 4º Secretário da Câmara dos Deputados, e Antônio Horácio Pereira, e vereador Álvaro Dias.

Sobre a feliz iniciativa dessa reunião de conagração, propiciadora de um clima de harmonia e compreensão entre os responsáveis pela produção industrial do país, falaram os srs. Zulfo de Freitas Mallmann, deputado Augusto Vianna, José Raymundo Soares da Silva e Deocleciano de Holanda Cavalcante, louvando os empreendimentos dessa natureza que se realizam entre nós em prol da paz social no Brasil. Foi uma festa que deve ser imitada e deve ser repetida, pois de atos assim muito depende o verdadeiro entendimento entre dirigentes e dirigidos, daí se originando essa saudável atmosfera de mútuo aprêço e confiança tão necessária entre os que trabalham. Sentando-se à mesma mesa, operários e patrões dão-se as mãos numa das ocasiões em que os homens melhor se entendem e se aproximam. Por isto, a bela festa de confraternização, promovida pelas duas entidades citadas a 26 do mês último, alcançou um êxito que não podia deixar de atingir e calou profundamente no espírito de todos os que dela participaram.



O churrasco de Vicente de Carvalho reuniu industriais, industriários e suas famílias. Perfeito conagração.



Os oradores da reunião, srs. Zulfo de Freitas Mallmann, Augusto Vianna, José Raymundo Soares da Silva e Deocleciano de Holanda Cavalcante.

ÚLTIMO FLASH



GOLEIRO COM 110 QUILOS... — Essa não! — dirá o leitor incrédulo. Como é que pode um pêso pesado defender o arco e saltar, cabriolar, fazer os malabarismos que só aos caníços são permitidos? Pois a prova aí está: Bolivar, «keeper» do esquadrão do Rio Branco, campeão do Paraná e antigo participante do «team» da Portuguesa de São Paulo. O gordo não perde uma... Depois do jôgo, enfrenta um churrasco, uma boa macarronada, bebe alguns «chopps» e vai dormir sobre os louros. — Foto de ALBERTO FERREIRA.

REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spinos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Hel-na A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia, Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO
DISTRIBUICAO:
AGENCIA POLANO
Rua João Bricola, 46

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — N° 20 — Rio de Janeiro — 19-5-1956

Propriedade da
Companhia Editora Americana
Diretor-Presidente..... Gratuliano Brito
Diretor-Comercial..... Ivan Guimarães
Diretor-Gerente..... Wenceslau Quintais
Diretor de Publicidade..... J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores..... S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna
ENDERECO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-9647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples — Um ano.....	C\$ 150,00
Seis meses.....	C\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	C\$ 600,00
Seis meses.....	C\$ 300,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano.....	C\$ 800,00
Seis meses.....	C\$ 400,00

O número avulso custa C\$ 700 em todo o Brasil, incluindo C\$ 300.
Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado de tal modo que a colaboração recebida seja sempre a mais atualizada e interessante para o leitor. Os trabalhos assinados são de sua propriedade dos autores.

Leiam
os

MARAVILHOSOS ROMANCES POLICIAIS

de

**EU
SEI
TUDO**



A GRANDE REVISTA MENSAL ILUS-
TRADA. — ROMANCES, CONTOS,
ARTIGOS SELECIONADOS.

A venda em tôdas as bancas de jornais
do Brasil.

Redação : Visc. de Maranguape, 15, Rio



nos centros elegantes do Brasil...

Em Jequití-Mar, famoso clube da praia de Guarujá,
em São Paulo, o ambiente agradável é um convite à reu-
nião de pessoas de bom gosto...

E na elegância de todos sempre se destaca o hábito de fumar...

hollywood
uma tradição de bom gosto

